

MARLENE DE FÁTIMA THEODORO COLABARDINI

**SÃO JOÃO DA BOA VISTA: A PAISAGEM GEOGRÁFICA DA
ESCARPA DA MANTIQUEIRA**

Dissertação de mestrado apresentada ao
curso de Pós-Graduação em Geografia do
Instituto de Geociências e Ciências Exatas da
Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio
Claro-SP.

Orientadora: Prof^a Dr^a Livia de Oliveira.

**RIO CLARO-SP
2003**

551.4+ Colabardini, Marlene de Fátima Theodoro
C683s São João da Boa Vista: a paisagem geográfica da
Serra da Mantiqueira / Marlene de Fátima Theodoro
Colabardini. - Rio Claro : [s.n.], 2003
124 f. : il., tabs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Livia de Oliveira

1.Geografia física – Aspectos ambientais.
2.Percepção. 3. Cognição ambiental. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI – Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico esta dissertação a meu esposo: Suez, pela paciência nos momentos em que me dediquei a estes estudos; aos meus filhos: Suez e Ana Cristina, pela compreensão; aos meus pais: Geni pelo apoio e Cariovaldo (*in memorian*).

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação exige muito tempo, esforço e dedicação para quem o faz. Além de todo esforço pessoal exigido do mestrando, existem muitos detalhes a serem trabalhados para que a obra seja concluída. Diante desta situação sentiríamos necessidade de fazer alguns agradecimentos.

A pessoa a quem agradeço em primeiro lugar é a Professora Doutora Lívia de Oliveira, fundamental para a realização desta dissertação. Como é um agradecimento impossível de ser expresso com tão poucas palavras, quero expressar a imensa dimensão e eterno reconhecimento a uma orientação sempre disponível e eficaz, utilizando verdadeiramente sua postura de orientadora empenhando-se, aparando e amparando o orientando. Enfim, uma profissional e amiga que soube dar continuidade e encaminhamento para a conclusão de tarefas, utilizando sua grandiosa experiência.

Quero agradecer a D^{ra} Lucy Maryon Calderini Philadelpho e a D^{ra} Mirna Lygia Vieira componentes da banca de qualificação que, com sugestões muito relevantes, contribuíram para o engrandecimento desta dissertação. Agradeço a Prof^a Nadia Regina do Nascimento, o auxílio na definição de esboços. E também a Gilberto DHenrique, desenhista dos mapas, pela paciência e dedicação.

Em nome de Eliana Correia Contiero, agradeço todas as pessoas que trabalham na secretaria da Pós-Graduação, sempre atendendo com atenção e cordialidade.

Nos nomes da auxiliar de biblioteconomia, Mônica Maria Cães, e da bibliotecária, Sueli de Brito Soares, agradeço o auxílio nas buscas referentes às bibliografias para a publicação do trabalho acadêmico.

Agradeço de forma especial a Ana Lúcia Manzanares Modena Rodrigues que sempre esteve disponível em todos os trabalhos referentes à informática, auxiliando e facilitando nosso trabalho. E as professoras Maria Fernando Martarelo Astolpho Vicente, pela correção do texto da língua portuguesa e Maria Inês Perina de Lima pela colaboração no abstract

“Nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia, tudo passa tudo sempre passará, a vida vem em ondas como o mar, num indo e vindo infinito. Tudo o que se vê não é igual ao que a gente viu a um segundo, tudo muda o tempo todo no mundo [...]” (trechos da canção: “Como uma onda”)

ÍNDICE

	Página
Lista de Tabelas	vii
Lista de Figuras	viii
Lista de Fotos.....	ix
Resumo	xi
Abstract.....	xii
 INTRODUÇÃO	 01
 CAPÍTULO I –	
BOA VISTA: A CIDADE DE SÃO JOÃO	03
Localização da cidade.....	05
Histórico	12
Cultural.....	26
Geográfico.....	32
Atividades econômicas.....	35
Características Físicas.....	39
 CAPÍTULO II –	
A MANTIQUEIRA: UMA PAISAGEM VALORIZADA.....	53
Paisagem Valorizada.....	59
Escarpa da Mantiqueira como Paisagem Valorizada.....	75
 CAPÍTULO III–	
CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA PARA A VALORIZAÇÃO DA	
SERRA DA MANTIQUEIRA.....	88
A Realização da Pesquisa.....	90
Procedimentos da Pesquisa.....	91
Caracterização dos Sujeitos.....	91
Instrumento de Medida.....	94
Coleta de dados.....	95
Resultados e discussões.....	96
Conclusões.....	114
 BIBLIOGRAFIA.....	117
 ANEXO.....	123

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1. O aumento da porcentagem da população urbana de São João da Boa Vista, entre 1950 e 2000	35
Tabela 2. Distribuição dos sujeitos por Classe Etária e Sexo, pelas áreas.....	92
Tabela 3. Distribuição do número de sujeitos segundo o Grau de Escolaridade e Sexo.....	92
Tabela 4. Distribuição dos sujeitos que moram ou não na cidade de São João da Boa Vista e os que enxergam ou não a Serra da Mantiqueira, segundo o sexo e áreas.....	93
Tabela 5. Porcentagem de sujeitos que gostam ou não de São João da Boa Vista, segundo as categorias.	97
Tabela 6. Distribuição dos sujeitos que gostam ou não de São João da Boa Vista, segundo o Sexo e a Faixa Etária.....	98
Tabela 7. Distribuição dos sujeitos por sexo que consideram a Serra da Mantiqueira como um atrativo para São João da Boa Vista.....	103
Tabela 8. Distribuição dos sujeitos segundo o Sexo e o local onde estiveram na Serra da Mantiqueira.....	106
Tabela 9. Distribuição das opiniões dos sujeitos, segundo nove categorias.....	108
Tabela 10. Distribuição dos sujeitos segundo a Área, Categoria, Sexo e Escolaridade, opinando sobre a representatividade da Serra da Mantiqueira.....	110

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1. Localização Geográfica de São João da Boa Vista no Nordeste Paulista e Sul de Minas Gerais	6
Figura 2. Localização Geográfica de São João da Boa Vista no Estado de São Paulo.....	7
Figura 3. Mapa do município de São João da Boa Vista: Localização Geográfica.....	10
Figura 4. Estrada dos Goiaes.....	13
Figura 5. Esboço da Rede Ferroviária do Nordeste Paulista.....	20
Figura 6. Panfleto da propaganda do livro “PAGU”	28
Figura 7. Panfleto da XXVI ^a Semana Guiomar Novaes e foto do livro de sua biografia	29
Figura 8. Mapa do Estado de São Paulo: Divisão Geomorfológica.....	33
Figura 9. Mapa do Estado de São Paulo: Geossistemas Paulistas.....	33
Figura 10. Esboço Geológico do município de São João da Boa Vista.....	40
Figura 11. Esboço Hipsométrico do município de São João da Boa Vista.....	42
Figura 12. Esboço Morfológico do município de São João da Boa Vista.....	80
Figura 13. Imagem de satélite: mancha urbana de São João da Boa Vista.....	88
Figura 14. Esquema das áreas onde foram coletadas as informações do questionário em São João da Boa Vista.....	95

LISTA DE FOTOS

Página

Foto 1. Vista parcial da cidade de São João da Boa Vista em conjunto com a Serra da Mantiqueira.....	03
Foto 2. Placas indicativas da SP340 e da SP344 rumo a São João da Boa Vista.....	08
Foto 3. São João da Boa Vista, observada do Mirante.....	11
Foto 4. A cidade de São João da Boa Vista, avistada do Pico do Gavião a 1663 m e 780 m.....	11
Foto 5. Cafezal cultivado na Fazenda Santa Helena, no século XIX.....	16
Foto 6. Antiga e atual Estação Ferroviária em São João da Boa Vista.....	18
Foto 7. Largo da Estação Ferroviária no século XIX.....	21
Foto 8. Vistas parciais do Largo da Estação Ferroviária, hoje como ponto para caminhões de aluguel.....	21
Foto 9. Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	21
Foto 10. Igreja Matriz da Catedral de São João Batista.....	22
Foto 11. Igreja da Catedral no centro da cidade, ao fundo o Theatro Municipal e, à esquerda dele, a primeira Prefeitura Municipal.....	23
Foto 12. Theatro Municipal de São João da Boa Vista e vista parcial de seu Foyer.....	24
Foto 13. Primeiro prédio da Prefeitura Municipal.....	25
Foto 14. Fachada da E. E. "Cel Joaquim José" de Ens. Fundamental.....	25
Foto 15. Fachada atual da Est. Ferroviária, hoje "Espaço Fernando Arrigucci".....	26
Foto 16. Fachada da Biblioteca: Centro Cultural Patrícia Rehder "PAGU".....	28
Foto 17. Jazigos do Cemitério Municipal São João Batista, tendo ao centro, o Jazigo de Fernando Furlanetto.....	31
Foto 18. O crepúsculo de alguns pontos da cidade de São João.....	34
Foto 19. Draga às margens do Rio Jaguari Mirim, a sudeste do município.....	45
Foto 20. Olarias e sua produção, próximas ao Rio Jaguari Mirim.....	45

Foto 21. Córrego São João na confluência com o Rio Jaguari Mirim.....	46
Foto 22. Rio Jaguari Mirim, a montante da ponte de acesso a Vila Primeiro de Maio e Vila Conceição.....	47
Foto 23. Rio Jaguari Mirim, a jusante da ponte de acesso a Vila Primeiro de Maio e Vila Conceição.....	47
Foto 24. Córrego São João, a jusante e montante da ponte, respectivamente, no início da Rua General Osório (centro).....	48
Foto 25. Ribeirão da Prata, a montante da Ponte do Bairro da Pratinha, pouco antes de desaguar no Rio Jaguari Mirim.....	49
Foto 26. Representa o Ribeirão da Prata, a jusante da ponte da Pratinha.....	49
Foto 27. Estação de Tratamento de Esgoto e as Lagoas artificiais de decantação, às margens do Rio Jaguari Mirim.....	51
Foto 28. Praça da Catedral e ao fundo a Serra da Mantiqueira.....	53
Foto 29. Quadro do pintor sanjoanense “José Marcondes”, retratando parcialmente a Serra da Mantiqueira.....	59
Foto 30. Escarpa da Mantiqueira, visualizada a partir da avenida Durval Nicolau, em frente ao condomínio “Vista da Serra”.....	75
Foto 31. Algumas ruas do Bairro do Rosário, calçadas com paralelepípedo.....	79
Foto 32. Condomínios: Vista da Serra e Morro Azul, em construção.....	82
Foto 33. Fachada da entrada do Mantiqueira Country Clube.....	83
Foto 34. Drogaria Mantiqueira na Av. Dr. Oscar Pirajá Martins.....	84
Foto 35. Locadora de Vídeo na Av. Durval Nicolau.....	84
Foto 36. Casa de materiais para construção na Av. Durval Nicolau.....	84
Foto 37. Bar Mantiqueira Country localizada na Av. Durval Nicolau.....	85
Foto 38. Alinhamentos de “out doors” nas avenidas: Durval Nicolau e Oscar Pirajá Martins	85
Foto 39. Foto da Serra da Mantiqueira em diversos momentos: ensolarado, iluminada pelo sol, nublada e esfumaçada.....	87

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de abordar a paisagem do Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira Paulista, visualizada a partir de São João da Boa Vista, uma cidade do interior paulista que conta com uma paisagem serrana.

Procurou-se trabalhar com a percepção e cognição ambiental, buscando compreender como os indivíduos estabelecem relações com uma paisagem vivida e não vivida. Através desta pesquisa de campo abordamos como estas pessoas, diante da Serra da Mantiqueira, revelam sentimentos de afeição para com o lugar de sua vivência.

Palavras-Chave: Serra da Mantiqueira, Percepção e Cognição Ambiental.

ABSTRACT

The objective of this research was to evaluate the western landscape of the Mantiqueira Paulista range as viewed from São João da Boa Vista, a town in the interior of the state of São Paulo.

Environmental perception and cognition were emphasized in order to understand the development of human relations with the landscape they live within.

Our field survey involved the study of the special feelings developed by men toward the place where they live.

Key words: Mantiqueira Range, Environmental perception – Cognition.

CAPÍTULO I

BOA VISTA: A CIDADE DE SÃO JOÃO

*Oh! terra encantada, por nós
adorada de povo irmão.
Na mesma cadência, vibra e
palpita um só coração!*
(refrão: Hino da cidade, 1972)



Foto do site: www.saojoao.sp.gov.br (jan/2003).

Foto 1 - Vista parcial da cidade de São João da Boa Vista em conjunto com a Serra da Mantiqueira.

O interesse, o carinho e a afetividade que sentimos pela localidade onde nascemos nos levaram a uma tentativa de investigação da história cultural que nos antecedeu, bem como, a um maior conhecimento da geografia do município de São João da Boa Vista. Foi com este intuito e sentimento, que procuramos conhecer melhor e mais profundamente esta cidade do nordeste paulista, localizada bem próxima ao limite com Minas Gerais. É um local pertencente ao setor setentrional do Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira Paulista, que no passado foi uma área de difícil acesso ou quase intransponível, para quem por aqui abria trilhas a pé ou em lombo de burros, rumo às Gerais no início do século XIX, época do povoamento do interior da Província de São Paulo. Através da Foto 1, retratamos parcialmente e em primeiro plano, o centro da cidade de São João da Boa Vista e, ao fundo, os contornos da Escarpa, ambos favorecendo a composição de um cenário que para muitos é o cartão postal integrador da cidade à Serra da Mantiqueira.

Inicialmente, apresentamos a caracterização geográfica da cidade de São João da Boa Vista, descrevendo sua localização, relatando seus aspectos histórico, cultural e geográfico, que nos proporcionará uma imagem da mesma localidade. Para tanto, lançaremos mão de figuras, fotografias e mapas deste local, pois “o lugar existe em escalas diferentes” e “quase todos os grupos humanos tendem a considerar sua pátria como o centro do mundo” (TUAN,1983,p.165).

Como a cidade de São João da Boa Vista até o presente momento não conta com um trabalho que relacione o município à escarpa da Mantiqueira, realizamos este estudo, esperando dar uma contribuição geográfica à análise desta área, um espaço repleto de afetividade que “[...] manifesta-se tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares como a movimentação espacial”, como afirma Corrêa os “lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles [...]” (CÔRREA,1995,p.33).

Localização da Cidade

O município de São João da Boa Vista está situado em um dos caminhos que leva a duas famosas estâncias hidrominerais e termais, Águas da Prata (SP) e Poços de Caldas (MG), conhecidas nacionalmente por sua função turística, localiza-se entre 21°50' e 22°05' de latitudes sul e entre 39°00' e 46°57' de longitudes oeste. A Figura 1 representa a região Nordeste do Estado de São Paulo e parte do Sul de Minas, revelando a interligação por rodovias estaduais entre as diversas cidades, paulistas: Mogi Mirim, Mogi Guaçu, Espírito Santo do Pinhal, Santo Antonio do Jardim, Vargem Grande do Sul, Casa Branca, São Sebastião da Gramma, Divinolândia, São José do Rio Pardo e Mococa; e mineiras: Andradas, Ibitiura de Minas, Caldas e Poços de Caldas. Todas estas cidades mapeadas, apesar de estarem situadas em Estados diferentes, integram-se em redes e são polarizadas por Campinas.

Ao observarmos o mapa da Figura 2, constatamos que se pode atingir a cidade de São João da Boa Vista partindo da capital paulista, por meio de duas principais rodovias: Anhangüera, SP330, e dos Bandeirantes, SP348. A primeira demanda ao norte do Estado, alcançando as barrancas do Rio Grande, enquanto a segunda atinge apenas até a cidade de Cordeirópolis. Porém, para se chegar a São João da Boa Vista, precisamos sair em Campinas e seguir pela SP340 (rodovia Deputado Mario Beni) e depois a SP344 (rodovia Vereador Rubens Leni Asprino), atingindo o município de Caconde. Esta figura mostra também as direções dos principais rios da região (Mogi Guaçu e Pardo) e o afluente daquele, o Jaguari Mirim, que atravessa o município de São João da Boa Vista. Durante este percurso sempre aparecem as placas rodoviárias indicando o caminho e a direção para as estâncias hidrominerais, como ilustra a Foto 2. A partir do entroncamento, próximo ao limite desses municípios, já se pode avistar a cidade de São João da Boa Vista moldurada pela Serra da Mantiqueira, como se tivesse seus braços abertos tal qual a mãe afagando e ninando o filho afetuosamente em seu seio. Um pouco mais próximo do trevo de acesso à cidade, ainda na rodovia, transpomos o rio Jaguari Mirim que passa pela conhecida Ponte de Arco, construída há muito tempo, configurando um marco na história de São João da Boa Vista.

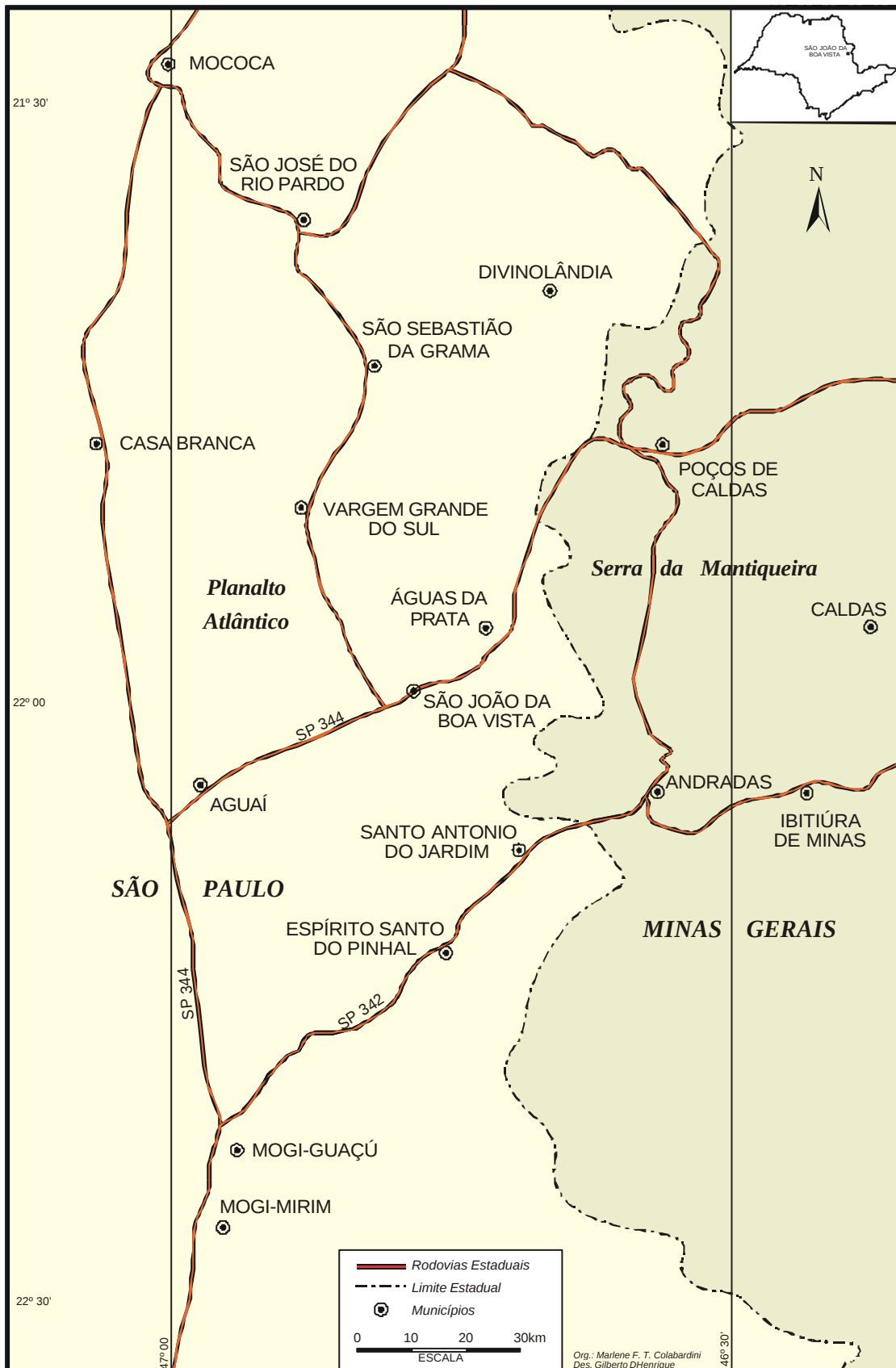


Figura 1 – Localização Geográfica de São João da Boa Vista na região Nordeste de São Paulo e Sul de Minas Gerais.

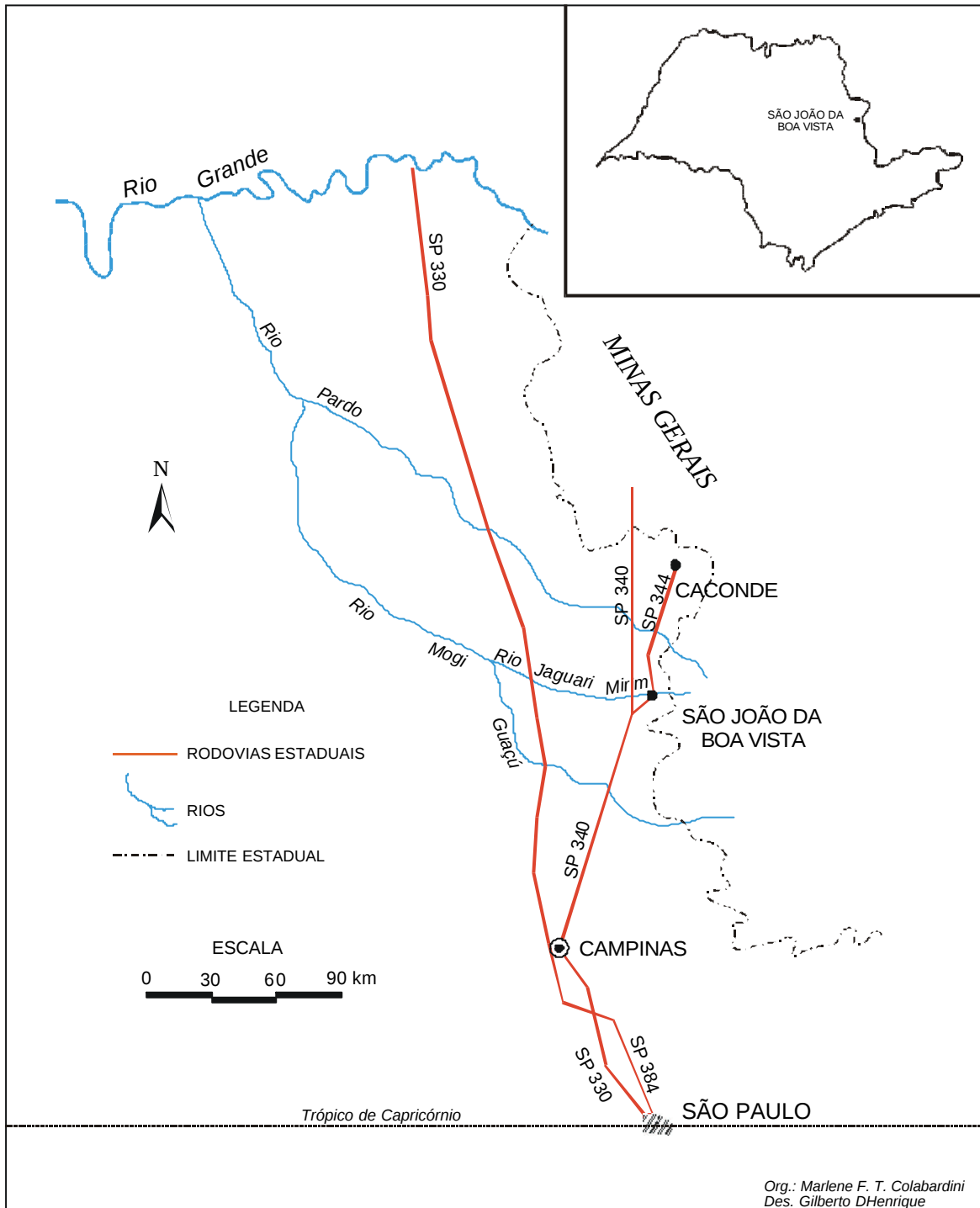


Figura 2 - Localização Geográfica de São João da Boa Vista no Estado de São Paulo



Foto: Marlene F.T.Colabardini (jan/03)

Fotos 2 - Placas indicativas da SP340 e da SP344 rumo a São João da Boa Vista

A Figura 3 apresenta a localização geográfica do município de São João da Boa Vista, tendo representado: as serras, as rodovias, a hidrografia, os municípios limítrofes, a mancha urbana da cidade e o aeroporto. As principais vias de transporte da cidade estão representadas pelas duas rodovias estaduais que dão acesso à zona urbana, a SP342, realizando a ligação entre Espírito Santo do Pinhal a São João da Boa Vista e a SP344, que interliga os municípios de Aguai, São João da Boa Vista e Vargem Grande do Sul. O aeroporto municipal dista cerca de 6 km de distância da cidade e pode ser atingido através da SP344. Fora do município está a Serra da Mantiqueira nas direções nordeste, leste e sudeste, que recebe denominações locais, tais como Serra: da Paulista, da Cachoeira, do Gavião, da Fartura (não representada no mapa) entre outras existentes, porém menos conhecidas. Como a Escarpa possui altitudes superiores à do município, notamos que a rede hidrográfica da cidade, mais precisamente, as nascentes da margem direita do rio Jaguari Mirim a leste, acompanham a declividade do terreno, coincidindo com a posição em que se situa a Serra da Mantiqueira, grande divisor de água nesta área. Finalmente, foi através desta Figura que representamos o município de São João da Boa Vista e os municípios limítrofes, tendo: Vargem Grande do Sul a norte, a noroeste e a oeste; Espírito Santo do Pinhal a sul; Águas da Prata a leste e a nordeste; Santo Antonio do Jardim e Andradas, município mineiro, a sudeste; e o município de Aguai a sudoeste.

Com uma superfície de 516 km² e uma altitude média de 767,7m, São João tem como ponto mais alto o Pico do Mirante com 1663m localizado a norte da cidade. Quem deste pico observa a cidade de São João, através da Foto 3, que está a cerca de 20 km de distância do centro da cidade, descortina uma visão ampla e abrangente da área que possui topografia montanhosa e ondulada, denominada como “mares de morros”. Contudo, deste ponto, ainda é possível notar a espessa camada de névoa ou poeira misturada à fumaça, provocando poluição do ar, que recobre a zona urbana.

Através das Fotos 4 desta vez a leste, também é possível enxergar a zona urbana de São João sob dois ângulos: o primeiro, a partir do Pico do Gavião, com 1663m de altitude; e o segundo, a 780m de altitude, ambos no município de Águas da Prata.

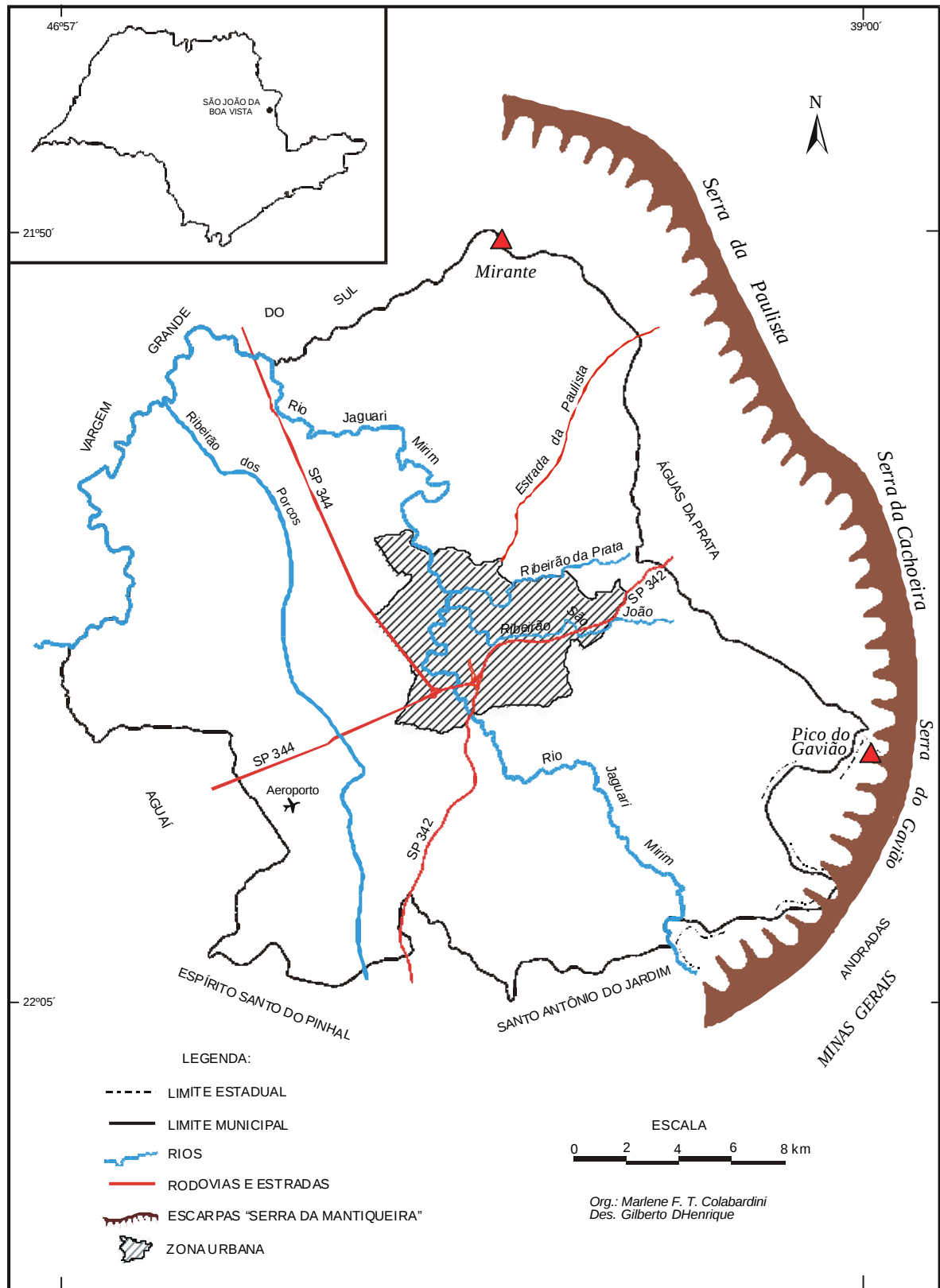


Figura 3 - Mapa do Município de São João da Boa Vista: Localização Geográfica



Foto do site: www.saojoao.sp.gov.br (jan/2003).

Foto 3 - São João da Boa Vista, observada do Mirante.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

Fotos 4 - A cidade de São João da Boa Vista: avistada do Pico do Gavião a 1663m e a 780 m.

Histórico

Com a decadência do ciclo do ouro e o conseqüente esgotamento das minas, o contrabando efetuado por esta área chegou ao fim e houve interesse pelas terras locais, devido à sua fertilidade. Este local:

Era conhecido no século XVIII como área proibida do “Secretário”, vedada aos primeiros povoadores, a fim de bloquear o contrabando. Caldas entravam em decadência e os lavadores mineiros invadiram as matas do lado paulista, apossando-se do seu fértil, apropriado à cultura fixa (site: www.eptv.com.br, abr/2001).

Provavelmente, São João da Boa Vista teve a sua origem às margens das ramificações da Estrada dos “Goiasés”, mais precisamente às margens do rio Jaguari Mirim e do Córrego São João, seu afluente. A Figura 4 mostra que esta Estrada margeava vários rios, começando em Piratininga (São Paulo) rumo ao interior do sertão brasileiro, alcançando o rio Grande num total de 89.09 léguas, como afirma Silva:

De São Paulo a João Pinto, três léguas; até Jaquiri, duas léguas; até a Vila de Jundiá, cinco léguas; ao Rio Capivari, quatro léguas; até São Carlos de Campinas, quatro léguas; até o Rio Atibaia, três e meia léguas; até Rio Jaguari, uma légua; até Rio Parapitingui, duas e meia léguas; até Mogi-Mirim, três léguas; até Rio Mogi-Guaçu, uma légua; até Rio Uriçanga, duas léguas e oito centésimos; até Rio Taquarantan, três léguas e vinte e cinco centésimos; até Rio Itupeva, duas e meia léguas; até Rio Jaguari-Mirim, uma légua e vinte e cinco centímetros; até Olhos D'água, duas léguas; à freguesia de Casa Branca, duas e meia léguas; à Fazenda Regente, ou Paciente, três léguas; até Rio Pardo, quatro léguas e vinte e cinco centímetros; ao Cubatão, três léguas e vinte e cinco centímetros; às Lages, três léguas; ao Cerro, três e meia léguas; aos Batatais, duas léguas; à Paciência, duas léguas; ao Rio Sapucaí, uma légua e meia; a Santa Bárbara, duas léguas e oito centímetros; ao Arraial de Franca, três léguas e oito centímetros; ao Machado, duas e meia léguas; a Ressaca, quatro e meio léguas; a Pouso alto, três e meia léguas; ao Rio das Pedras, quatro léguas; e até ao Rio Grande (afluente do Paraná) quatro léguas. Total de léguas: 89.09 (SILVA, 1976, pp. 245-246).



Figura 4 - Estrada dos Goiases, segundo a revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Volume 24, 1926.

Neste esboço hidrográfico, observam-se caminhos desconhecidos antes habitados por índios (os caiapós). Conforme revela a História do Brasil, a exploração inicial da área foi feita por Anhangüera II, como sendo um dos primeiros percursos do caminho próximo às minas das Gerais.

Este mapa-roteiro, feito em uma edição provisória no ano de 1910, é uma preciosidade que representa, além da Estrada dos Goiases, o esboço da drenagem hidrográfica do início do século XX, quando supostamente já existia um limite entre São Paulo e Minas Gerais.

Dentre os rios que margeiam a Estrada dos Goiases está representado o Jaguari Mirim e seu afluente, o Córrego São João, onde, às suas margens, surgiu um arraial de pequenos lavradores a partir das doações das terras do senhor Antonio Machado e sua esposa. Os agricultores, em sua maior parte, vieram de Itajubá (MG) entre os anos de 1822 e 1824. Nessa época, o arraial recebeu o nome de Santo Antonio do Jaguari “em cumprimento de um voto que fizeram a Santo Antonio, doaram uma gleba de suas terras para patrimônio da futura povoação” (LORETTE,1994,p.4). Mas foi com o Monsenhor João José Vieira Ramalho (vigário da vara na época), “que teve grande participação para a implantação da freguesia” (LORETTE,1994,p.4), “foi ele quem propôs a mudança do orago de Santo Antonio para São João Batista e a transferência do local para a construção da sede paroquial, no espigão do lado esquerdo do córrego” (LORETTE,1994,p.4), pois se encontrava às vésperas do dia do santo. O complemento do nome é dedicado ao rio Jaguari, sendo, portanto, chamado na época de São João do Jaguari.

A primeira metade do século XIX foi assinalada por alguns acontecimentos históricos marcantes para o povoado, como a Primeira Missa campal celebrada em 24 de junho de 1824.

Em 1838, “[...] devido aos esforços de João Ramalho, por lei provincial de fevereiro daquele ano, a povoação foi elevada a categoria de freguesia” (ANDRADE,1973,p.5). Depois de instalada a Câmara, “a primeira sessão ordinária foi marcada para 7 de novembro de 1859, a ser realizada em casa destinada para as sessões da Câmara, como consta na ata de instalação da Vila” (ANDRADE,1973,p.35) e, a lei que elevou a freguesia de São João à Vila dispunha, no artº 4º, “[...] que os habitantes desta ficavam obrigados a fazer a casa da Câmara e a cadeia, à sua custa” (ANDRADE,1973,p.35).

A Câmara presidida por Joaquim José e seus dirigentes políticos conseguiu, em 1880, “[...] a elevação da Vila de São João a categoria de Cidade” (ANDRADE,1973,p.108) e sendo que a Comarca foi criada em 1885. Naquele mesmo ano, o complemento “Jaguari” foi substituído por “Boa Vista”, dando origem ao nome definitivo que é São João da Boa Vista, além disso muitos habitantes admiravam-se com a notável luminosidade da localidade.

Em 1889 foi lançada a pedra fundamental do edifício da Santa Casa de Misericórdia, inaugurada em 06 de agosto de 1894. Quando São João tornou-se município, passou a abranger “a própria sede e as vilas de Aguaí (então Cascavel), Vargem Grande e Águas da Prata que com o decorrer do tempo foram conseguindo sua autonomia, erigindo-se em cidades progressistas, dignos rebentos de sua laboriosa cidade-mãe” (SÃO JOÃO DA BOA VISTA,1958,p.171).

Sobre o povoamento desta área, afirma Silva (1976,p.118) que os primeiros habitantes que vieram se estabelecer neste local chegaram nos dois séculos anteriores, oriundos de vários pontos. Naquele período verificaram-se afluxos de gente de Minas por vários caminhos, transpondo o divisor do Sapucaí-Mogi-Guaçu, estabelecendo-se em regiões como Espírito Santo do Pinhal e São João da Boa Vista. Essas levas vieram para essa região durante os últimos anos do século XVIII, continuando por todo o século XIX.

Pouco depois, já na segunda metade do século XIX, os habitantes de São João viviam de uma economia de subsistência com base na lavoura, cultivando principalmente a mandioca, o milho, o feijão, e também criando suínos e galináceos. Neste período, o café foi introduzido na região como um produto da agricultura comercial, pois tinha boa aceitação nos mercados interno e externo. A fotografia tirada no século XIX, representada na Foto 5, mostra a visita de algumas pessoas ao cafezal da Fazenda Santa Helena.

A produção de café era rústica, após ser colhido e lavado era secado em grandes terreiros, depois transportado em carroças e lombo de burros até a ferrovia. Levado até Jundiaí através do transporte ferroviário, atingia o porto de Santos para então ser comercializado e exportado.

Nas propriedades localizadas no município de São João da Boa Vista e região, os cafezais ganharam alqueires e mais alqueires com novas mudas de café, fazendo com que sua produção crescesse rapidamente. A causa desse crescimento foi à facilidade de adaptação da planta nas terras férteis do interior paulista.

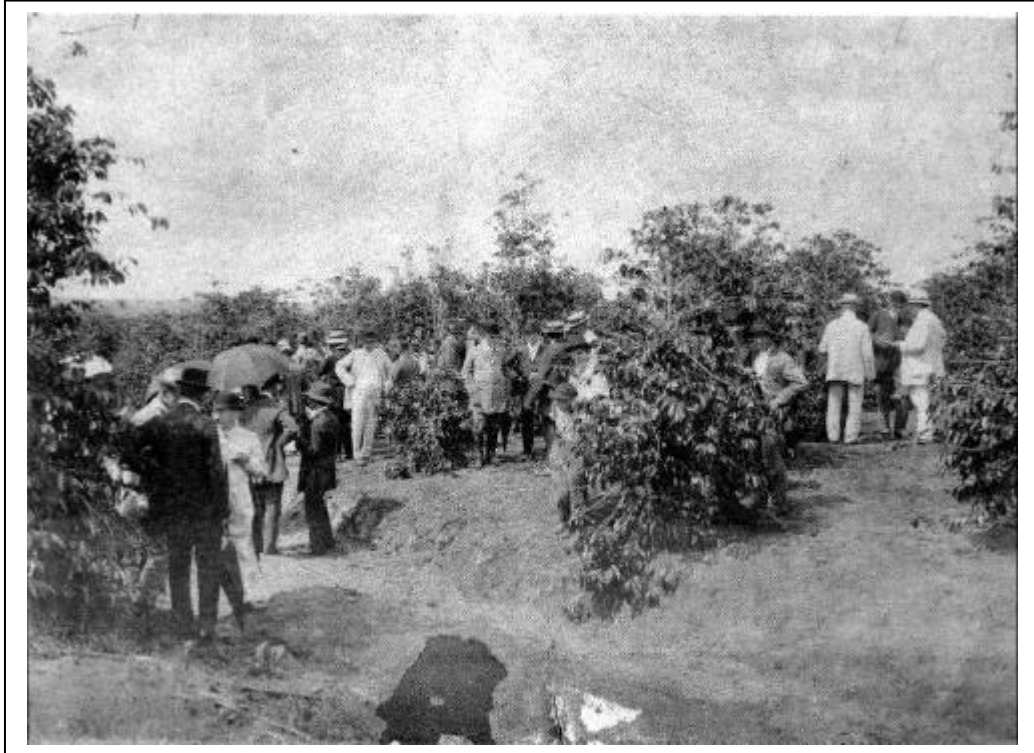


Foto 5 - Cafezal cultivado na Fazenda Santa Helena, no século XIX: jornal “O Município”. (Suplemento Especial “As Ferrovias” jun/1997).

Para Araújo Filho:

À medida, porém que os cafezais se expandiam pela porção Central da Depressão Periférica Permiana, também subiam pelos contrafortes ocidentais da Mantiqueira, onde as condições físicas eram idênticas às da “Zona Norte”, particularmente no que diz respeito aos solos de origem cristalina, massapé e salmourão, e ao relevo movimentado, onde as fazendas se iam espalhando pelas encostas cada vez mais íngremes da serra e por altitudes comumente superiores a 1.000 metros (ARAÚJO FILHO, 1956,p.97).

O transporte regional do café, realizado através de tração animal, perdurou por várias décadas, mas os fazendeiros ambicionavam um novo meio de transporte e mais rápido, para facilitar o escoamento do produto: a ferrovia.

De acordo com Monbeig (1984), as ferrovias do Estado de São Paulo começaram a penetrar ousadamente em direção ao interior. Mas, para que elas atingissem as entranhas dos sertões paulistas, fazia-se necessário que a derrubada

das matas já estivesse avançada, que o povoamento humano tivesse crescido o bastante e que o número de pés de café produtivo fosse abundante. Só assim elas seriam construídas, de modo a assegurar os fretes das mesmas. Tendo em vista que o custo empregado na construção de linha férrea era muito alto, “as estradas de ferro não iam além dos cafezais da terra roxa” (MONBEIG,1984,p.174). O autor ainda chama a atenção para o avanço das ferrovias e da marcha do café para oeste, que se deu às custas de muita devastação.

O final do século XIX e início do século XX não foi um período em que a prioridade era preservar o meio ambiente, e por isso a depredação da natureza foi aumentando a cada década. Notamos que na época não havia nenhuma preocupação, por parte dos fazendeiros, em relação à preservação das matas; havia apenas o sentido de conservação do ambiente natural por conta do “desejo de manter uma reserva de mata para a futura extensão do cafezal” (MONBEIG,1984,p.177). Para o autor, a expansão dos cafezais ocorreu em uma região que abrangia desde São João da Boa Vista até Mococa:

Trata-se dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira, onde há pequenas serras de nomes variados, com altitudes de 800 e 1.800 metros. Campinas possuía mais de 28 milhões de cafeeiros, Amparo perto de 19 milhões e os seguintes municípios aproximavam-se ou ultrapassavam um pouco a dezena de milhões: Bragança, São João da Boa Vista e Mococa (MONBEIG,1984,p.168).

A Companhia Mogiana de Estrada de Ferro (fundada em 1872), com início em Campinas, destinava-se a Ribeirão Preto (depois prolongada até Goiás) através do Triângulo Mineiro. Foi a única empresa que se aventurou nesta área com a intenção de atingir o interior do Brasil, como afirma Monbeig. Os trilhos da Mogiana passavam nas fazendas e nas estações, recolhendo toda a produção da região, onde “assentando os trilhos em uma zona ainda mal povoada, mas já conhecida e balizada desde a época colonial, Companhia Mogiana lançava ramais, verdadeiras ‘sugadeiras’, uns nos vales de Mantiqueira ocidental, outros em torno de Ribeirão Preto depois de (1885)” (MONBEIG, 1984,pp.174-175).

Em 1886 foi inaugurado o ramal que percorre o caminho entre a antiga Cascavel (atual município de Aguaí) e Poços de Caldas, passando por São João. Esta inauguração pôde contar com a presença dos imperadores Dom Pedro II e

Dona Tereza Cristina, causando grande expectativa entre a população sanjoanense, pois proporcionaria grande progresso econômico para o município, pertencente à Média Mogiana.

As Fotos 6 mostram ângulos diferentes da primeira Estação Ferroviária de São João da Boa Vista com a gare e o pátio de manobras original construída no século XIX e a outra a gare reformada, sem a preocupação de manter o mesmo estilo do século XIX.



Foto: www.saojoao.sp.gov.br (jan/2003)



Foto: Marlene F. T. Colabardini (jan/03)

Fotos 6- Antiga e atual Estação Ferroviária em São João da Boa Vista.

Por outro lado, a Figura 5, representa parcialmente a rede ferroviária paulista que ligava o porto de Santos, passando pela capital e dirigindo-se ao interior. A primeira estrada de ferro (SPR - São Paulo Railways) atingiu Jundiaí e a partir daí, foi construída a Companhia Paulista, que rumou para Oeste do Estado, visando ao escoamento de uma cafeicultura lucrativa; a Companhia Mogiana (CM) avançou para o Norte e Nordeste do Estado de São Paulo e os trilhos que aqui chegaram foram construídos através de ramais que se estenderam até São João da Boa Vista. Eles recolhiam toda a produção cafeeira local, ultrapassando o limite estadual, chegando até Minas Gerais e aguardando um “melhoramento esperado pela população de então, que iria dar um grande impulso ao seu desenvolvimento industrial, comercial e agrícola, e de outras categorias, era a inauguração oficial e o início do tráfego ferroviário da Companhia Mogiana [...]” (ANDRADE,1973,p.125). Pelos trilhos passaram a ser rapidamente escoados os produtos agrícolas, máquinas e materiais de construção, que se direcionavam para o Norte e Nordeste do Estado de São Paulo. E também por eles havia o transporte de pessoas, inclusive dos imigrantes europeus.

No início do século XX, as residências da área urbana de São João foram construídas principalmente no trecho entre a Estação Ferroviária e o centro da cidade junto à Matriz, passando pela rua São João e seus arredores. Atualmente, o Largo da Estação perdeu toda a pulsação comercial e econômica, sendo agora utilizado como espaço para treinamento de auto-escola e estacionamento de caminhões de aluguel, observados na Foto 7. Na antiga Estação de Trem, resta somente o edifício, em estilo neoclássico, reformado (Foto 8), sendo somente os trilhos, utilizados pela FERROBAN.

Na primeira metade do século XIX, distante algumas quadras da Estação Ferroviária, foi construída uma casa de pau-a-pique para a realização das primeiras missas em São João. As missas eram realizadas em uma “[...] pequena capela de madeira e barro, coberta de sapé, no Bairro do Rosário [...]”, nessa “[...] capelinha faziam-se rezas e celebrações de algumas missas” (ANDRADE,1973,p.4). Hoje em seu lugar está a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, como mostra a Foto 9, ela foi construída em 1885.

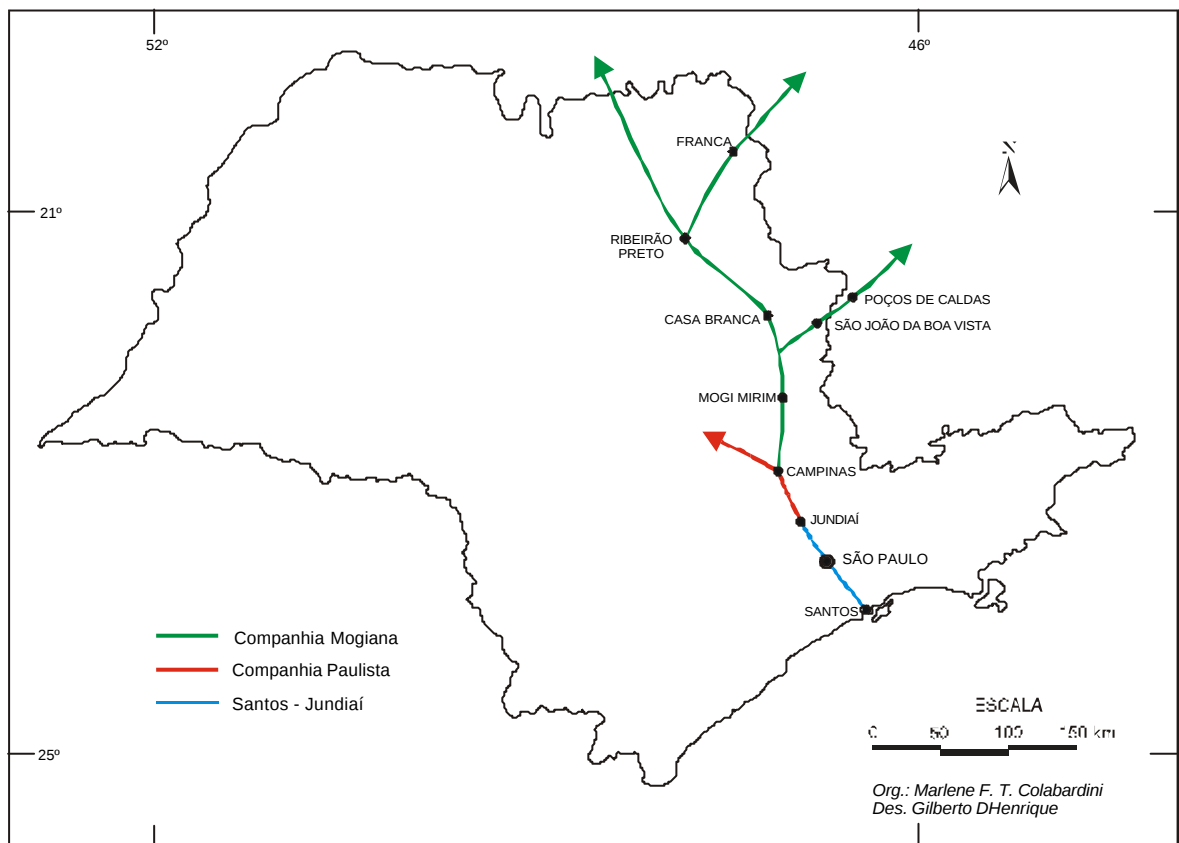


Figura 5 - Esboço da Rede Ferroviária do Nordeste Paulista

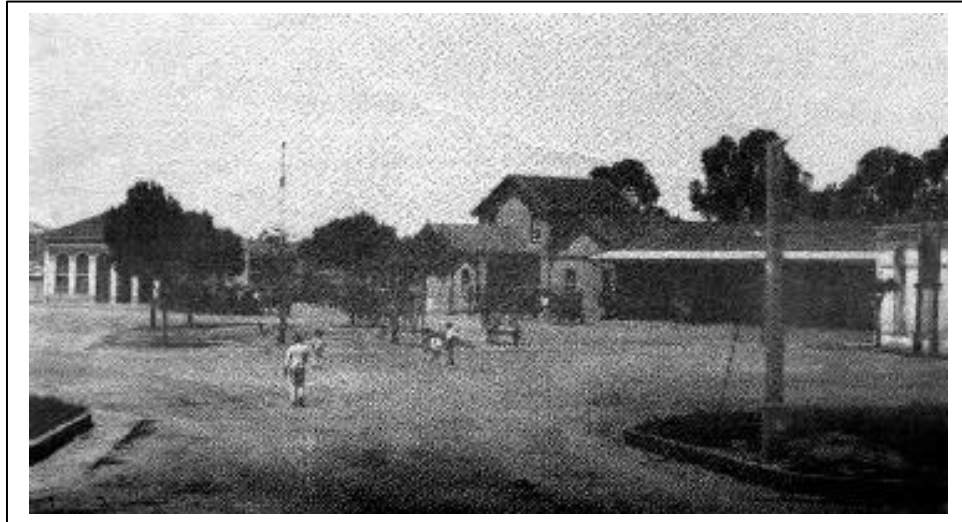


Foto 7- Largo da Estação Ferroviária no século XIX, publicada no jornal “O Município” em junho de 1997.

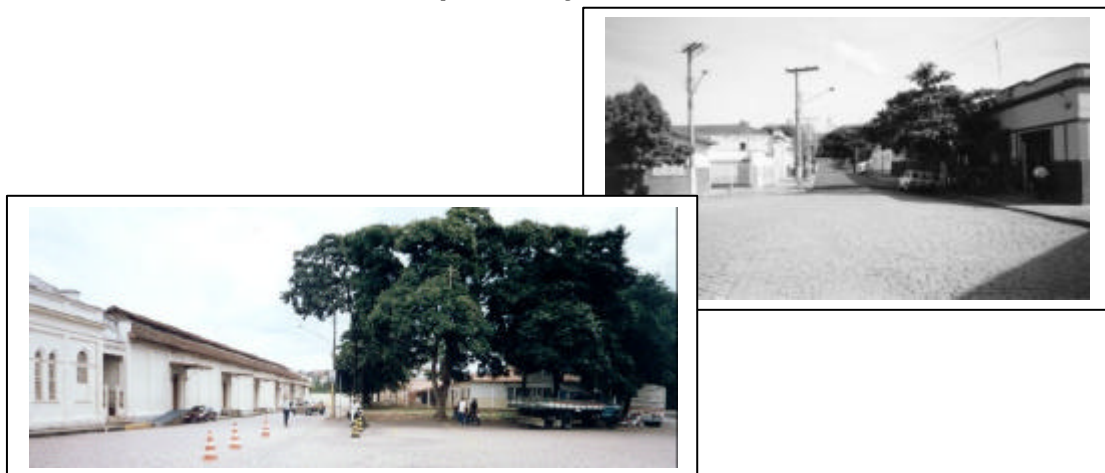


Foto: Marlene F.T.Colabardini(fev/03)

Foto 8- Vistas parciais do Largo da Estação Ferroviária, hoje como ponto para caminhões de aluguel.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (jan/03)

Foto 9 - Igreja Nossa Senhora do Rosário

Anos depois, com o aumento da população e a necessidade de uma igreja maior, foram edificadas algumas construções no centro do terreno do povoado. Uma delas foi “[...] erecção de outra capela, de maior capacidade, de madeira e barro, rebocada e caiada, coberta de telhas, localizada no largo central, no ponto onde hoje está a Igreja Matriz” (ANDRADE,1973,p.4), sendo que em 1832 conseguiu uma benção como capela curada.

Porém, a nova igreja foi construída entre 1848 e 1849, inaugurada em 26 de junho de 1859 e teve como primeiro Vigário o Padre João Ramalho, pois foi ele quem promoveu “[...] a construção da igreja, a qual foi reconstruída em 1890, reformada e ampliada em 1913, ou 1914, e ainda passou por ultteriores reformas” (ANDRADE,1973,p.5), conforme a Foto 10. Contudo a construção da Igreja Matriz da Catedral “[...] não foi calcada em uma unidade de estilo arquitetônico” (MATTOS JUNIOR,1992,p.55), pois muitas reformas foram introduzidas no edifício “[...] criando-se, por exemplo, o transepto não constante do projeto original, e mudando-se até o antigo tipo barroco de portas e janelas retangulares, para o de ogivas que imitam o estilo gótico” (MATTOS JUNIOR,1992,p.56).



Foto: Marlene F.T.Colabardini(mar/03)

Foto 10 – Igreja Matriz da Catedral de São João Batista.

Por decreto publicado no Diário Oficial do Estado [...] em 08 de março de 1991, foi a Igreja Catedral de São João da Boa Vista tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico (CONDEPHAT) do Estado de São Paulo [...]” (MATTOS JUNIOR,1992,p.175).

É neste ativo centro comercial de São João, conforme mostra a Foto 11, que estão localizados os três principais prédios históricos da cidade: em primeiro plano a Igreja Matriz da Catedral, à esquerda o Theatro Municipal e a ao lado deste a Prefeitura Municipal, formando um conjunto arquitetônico que até hoje embeleza o centro da cidade.



Foto: www.saojoao.sp.gov.com.br(jan/2003).

Foto 11- Igreja da Catedral no centro da cidade, ao fundo o Theatro Municipal e, à esquerda dele, a primeira Prefeitura Municipal.

Entre as construções, do início do século XX que foram edificadas em estilo neoclássico, está o “Theatro Municipal”, construído entre 1912 e 1914 em estilo eclético, tombado na segunda metade do século XX como Patrimônio Histórico da cidade. Após 19 anos em processo de Restauração (dois anos de execução do projeto e 17 anos de obras), suas obras foram concluídas em 2002. A beleza arquitetônica do Theatro correspondeu à expectativa da população, conforme a Foto 12 que demonstra sua fachada e o seu interior (Foyer).



Foto:MarleneF.T.Colabardini (março/02)



Foto:www.saojoao.sp.gov.br(jan/03)

**Foto 12- Theatro Municipal de São João da Boa Vista
e vista parcial de seu Foyer.**

Outro exemplo foi a construção realizada no início do século XX, quando uma família rica iniciou a construção de uma grande mansão para sua moradia, mas quando a construção estava avançada, a família de cafeicultores se empobreceu e começou a vender seus bens. A administração municipal da época comprou o casarão do centro da cidade e adaptou-o para Gabinete da Prefeitura Municipal, esta construção está representada na Foto 13. Hoje, o prédio que se localiza atrás da Igreja da Catedral e ao lado do Theatro Municipal permanece em pleno funcionamento com salas utilizadas como Gabinete do Prefeito, Secretaria Geral, Banco da Terra, Assessoria de Comunicação e Ouvidoria do município.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

Foto 13- Primeiro prédio da Prefeitura Municipal.

Em São João da Boa Vista existem três prédios tombados como Patrimônio Histórico da cidade, são eles: o Theatro Municipal, a Igreja Matriz da Catedral e a Escola Estadual “Coronel Joaquim José” E.F. Essas construções antigas possuem vestígios que remontam o tempo áureo do café e das ferrovias, que também pode ser visto através da presença de casarios que se espalham por toda a cidade, algumas ainda com residências e outras como bancos, comércio e outros fins.

A Escola Estadual foi construída no final do século XIX, para funcionar como Grupo Escolar, tornando-se o primeiro da cidade, com inauguração em 1903. Sua arquitetura é em estilo neoclássico, podendo ser observada na Foto 14. Faz parte da memória escolar estadual, constando em livros sobre o tema “Arquitetura Escolar Paulista”.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (jan/03)

Foto 14- Fachada da Escola Estadual “Cel Joaquim José” de Ensino Fundamental.

Depois da segunda metade do século XX, o Grupo Escolar recebeu a denominação de Escola Estadual de Primeiro Grau “Cel Coronel Joaquim José”. Na década de noventa, foi restaurado e tombado como Patrimônio Histórico da cidade. Por isso, muitas exigências foram impostas sobre o seu uso e atualmente, com o nome de Escola Estadual “Cel Coronel Joaquim José” Ensino Fundamental, as salas desta instituição educacional são utilizadas como: "Museu da Educação", diretoria e vice-diretoria da escola estadual, biblioteca, secretaria, grêmio estudantil entre outras utilidades, mas não são usadas como salas de aulas. Para isso, foi construído um segundo prédio, no pátio do Grupo Escolar, onde hoje efetivamente são ministradas as aulas do Ensino Fundamental.

Cultural

Os laços culturais desenvolvidos com a cidade estão profundamente ligados às antigas construções e, por meio de festejos tradicionais, as comunidades estreitam os laços e mantêm sua identidade, celebrando também a vida cotidiana. Com o fim do transporte de café e de pessoas por ferrovias, a Estação Ferroviária, já reformada e em estilo neoclássico, é um exemplo de prédio que se tornou um acervo resgatado para a História da cidade. Atualmente, é o Departamento de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal quem cuida do Espaço Cultural Fernando Arrigucci, visualizado na Foto 15.



Foto: Marlene F.T. Colabardini (jan/03)

Foto 15 - Fachada atual da Estação Ferroviária, hoje “Espaço Fernando Arrigucci”.

Nesta antiga Estação Ferroviária ainda passam as linhas férreas e funciona o pátio de manobras, hoje aos cuidados da FERROBAN, que os utiliza para o transporte de minério de alumínio (bauxita) oriundas do Sul de Minas, direcionadas para a Região de Campinas. As salas e galpões, antigos depósitos, bilheterias e as demais salas, são utilizadas para exposições que acontecem na cidade, podendo também ser alugadas para exposições particulares ou festas de casamentos entre outras. Também em uma destas salas acontecem reuniões periódicas da Academia de Letras de São João da Boa Vista.

Desde a segunda metade do século XX os habitantes puderam contar com alguns logradouros para atividades culturais em São João da Boa Vista. Tais atividades projetaram grandes nomes no cenário brasileiro, pois daqui saíram algumas figuras que se destacaram no Brasil e no exterior. Um exemplo é Patrícia Rehder Galvão, nascida nesta cidade em 1910. Ficou conhecida como PAGU, por ter feito a primeira versão do poema “Coco de Pagu” em 1928, época em que era conhecida por Patrícia (PA) Goulart (GU). Aos 18 anos, depois de ser apresentada para o casal Oswald de Andrade (poeta) e Tarsila do Amaral (artista plástica), participou de muitas exposições com os artistas em São Paulo e no Rio de Janeiro, pois demonstrava forte desenvoltura literária. Sua imagem foi retratada pelo artista plástico Di Cavalcanti.

Tornou-se uma jornalista e escritora de grande expressão política e crítica, sem freqüentar uma escola de jornalismo ou artes. Sua personalidade era marcante, radical e inquieta, lutou por manter acesa a chama do inconformismo que, a partir de 1922 (Semana de Arte Moderna), brilhava no provinciano ambiente cultural do país. Influenciada por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, estreou no contexto modernista, como colaboradora da revista antropofágica na sua segunda fase. Escreveu o “Álbum Pagu – Vida, Paixão e Morte” e militando no Partido Comunista Brasileiro, foi a primeira mulher a ser presa em um comício, em Santos. Viajou como correspondente para vários países e após sua passagem pela China, foi responsável pela introdução da soja no Brasil. Foi casada com o escritor Geraldo Ferraz e foi reconhecida também pela sua importância, sobretudo por ter sido a primeira mulher que vinculou as reivindicações feministas à postura transformadora no aspecto político social, faleceu na cidade de Santos, em 1963. O nome “PAGU” foi dado ao Centro

Cultural, fundado em 21/jun/1989, como uma homenagem à escritora sanjoanense Patrícia Galvão representado na Foto 16. Neste Centro Cultural está a Biblioteca Municipal “Jaçanã Altair”, com acervo completo de livros, jornais, revistas, ludoteca e gibiteca. Atualmente, a artista é homenageada através de uma semana cultural, sendo que a primeira teve início no ano 2000 na FEOB (Fundação de Ensino “Otávio Bastos”). Está representada na Figura 6.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (jan/03)

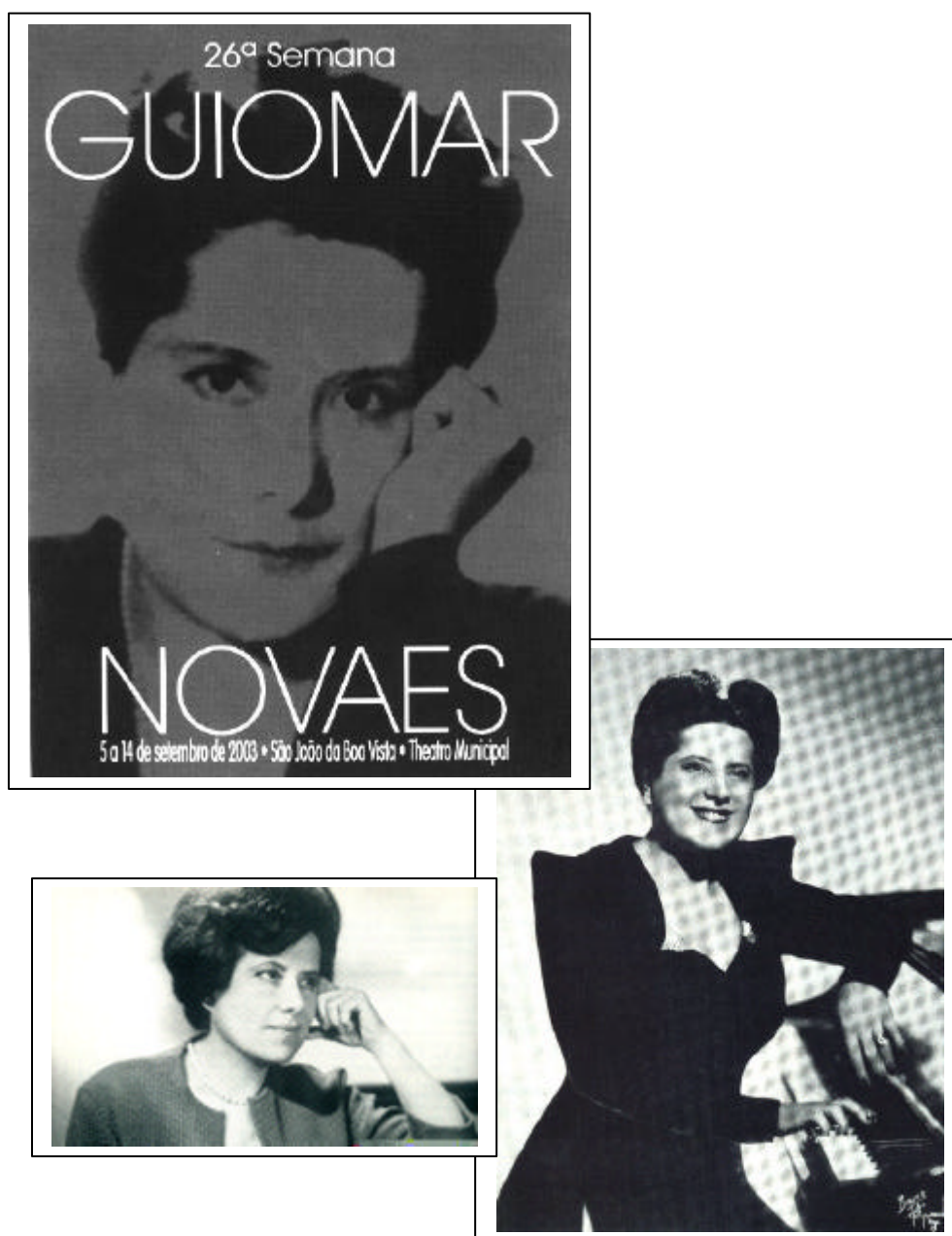
Foto 16 - Fachada da Biblioteca: Centro Cultural Patrícia Rehder “PAGU”



Figura 6 – Panfleto da propaganda do livro “PAGU”.

Outra artista sanjoanense de renome internacional homenageada através de uma semana com atividades artísticas em São João da Boa Vista é a pianista

Guiomar Novaes. Desde a década de 80 são realizadas anualmente, no mês de setembro, apresentações de pianistas. No ano de 2003 aconteceu a XXVª Semana Guiomar Novaes, que contou com a presença do cantor e compositor Toquinho na abertura da semana. Na Figuras 7, visualizamos a pianista consagrada e reconhecida em um período que conquistou fama nacional e internacional.



Figuras 7 – Panfleto da XXVIª Semana Guiomar Novaes e fotos do livro de sua biografia (ORSINI,1992,p.256).

Essa famosa pianista, nascida na cidade em 1894 que, com 13 anos, “foi estudar no conservatório de Paris saindo de lá com o primeiro prêmio aos 15 anos” (Jornal “O Estado de São Paulo, 05/09/2000). Em 1909 deu o primeiro concerto em Paris; estreou em Nova York em 1915; e em 1922 participou da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo. Morreu em 1979, aos 84 anos. A pianista Guiomar Novaes conta com uma sala no Museu Histórico e Pedagógico “Armando de Salles Oliveira” (fundado em 1970), que expõe móveis, peças do vestuário e inclusive um de seus pianos. É um museu eclético, com peças que vão de móveis a porcelana. A intenção do museu é retratar o ambiente histórico e possui, portanto, excelente acervo.

Entre as pessoas ilustres nascidas em São João, aqui viveu Fernando Furlanetto, artista sanjoanense que nasceu em 1897 e aos 14 anos foi para a Itália, a fim, de estudar no Instituto de Belas Artes Pietrasanta. Foi um famoso escultor, que se dedicou a diversas esculturas em mármore, especialmente em arte funerária, hoje encontradas no Cemitério Municipal São João Batista. Os jazigos revelam seu talento artístico, observados nas Fotos 17, que é um motivo para a visita de estudantes de artes, de engenharia e arquitetura, locais e de fora. O escultor faleceu em abril de 1975, porém seus esboços em gesso estão expostos em várias escolas da cidade. Hoje ele é homenageado pela cidade com a Semana Fernando Furlanetto, que acontece no mês de março.

Além da importância do desenvolvimento da história e da cultura sanjoanense, nos perguntamos: Como São João da Boa Vista vem se desenvolvendo geograficamente? Como se pode conhecer a Geografia do município?

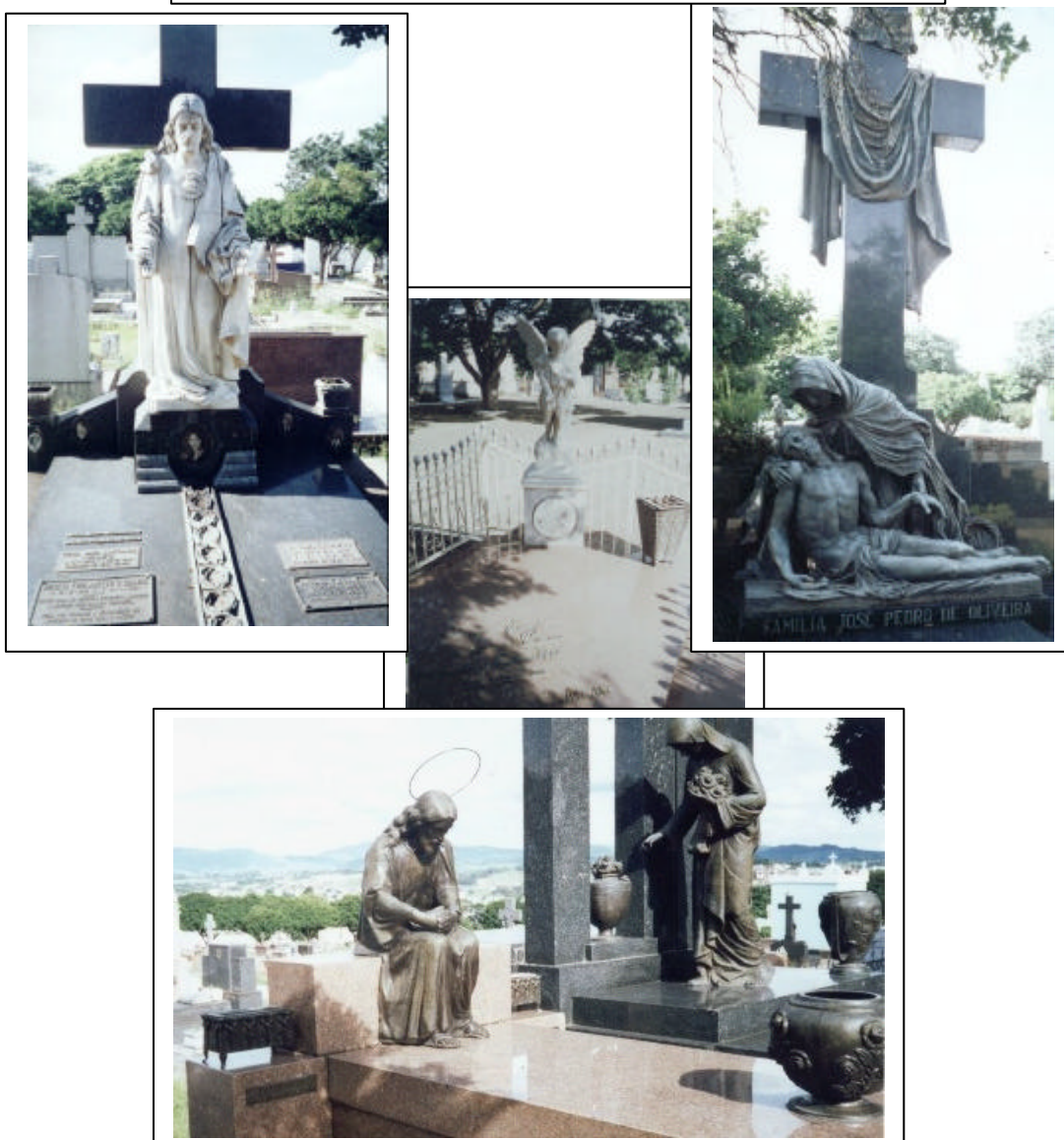
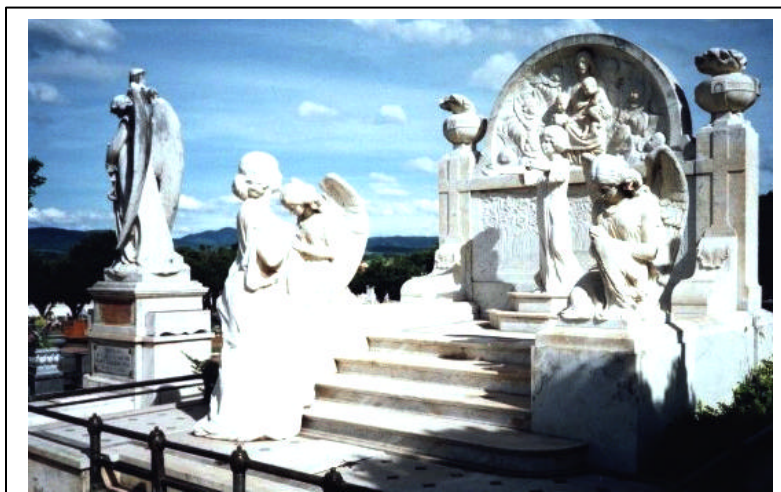


Foto: Marlene F.T.Colabardini (jan/03)

Fotos 17- Jazigos do Cemitério Municipal São João Batista, tendo ao centro, o jazigo de Fernando Furlanetto.

Geográfico

O município de São João da Boa Vista situa-se no Planalto Atlântico Paulista, de acordo com a divisão geomorfológica proposta por Almeida. O autor define o Planalto Atlântico como uma área de “estrutura heterogênea da qual resulta uma grande diversidade de formas topográficas e relativa nitidez com que nele se conservaram indícios de antigas superfícies de aplainamento” (ALMEIDA,1974,p.22). A topografia desta área é planáltica, com pontos que atingem 1660 m. Almeida reconhece, na Divisão Geomorfológica do Estado de São Paulo, cinco províncias: Planalto Atlântico, Província Costeira, Depressão Periférica, Cuestas Basálticas e Planalto Ocidental, conforme o mapa da Figura 8. Nele, o elemento que chama a atenção é o traçado dos rios Jaguari Mirim, cuja montante situa-se no Planalto Atlântico, no Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira, desaguando no Rio Mogi Guaçu e Pardo.

Essa proximidade da Mantiqueira e em relação ao Planalto Atlântico pressupõe um sensível desnivelamento das terras a leste, próximas à escarpa. Inversamente, a oeste, o município possui uma topografia menos acidentada e mais ondulada, com horizontes mais vastos e aberta, propiciando um colorido especial ao pôr do sol, principalmente nos meses de abril e maio, e por isso o título “Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos”. As Fotos 18, representam o por do sol nos meses que antecedem o aniversário da cidade (24 / jun), com dias claros que propiciam um colorido especial no crepúsculo, a primeira fotografia foi tirada no final de março, a segunda em abril, a terceira no mês de maio e a última, no mês de junho. Nelas, notamos que a claridade e o colorido do contato do sol com as nuvens no entardecer se tornam mais intensas à medida que nos aproximamos dos meses onde a temperatura é mais baixa na região.

No final da década de noventa, Troppmair conclui seus estudos sobre Geossistemas, classificando o Estado de São Paulo em 15 Geossistemas. O município de São João da Boa Vista está incluído no Geossistema da Mantiqueira, também representado na Figura 9. Como lembra o autor, “Geossistema é um sistema natural, complexo e integrado onde há circulação de energia e matéria e onde ocorre exploração biológica, inclusive aquela praticada

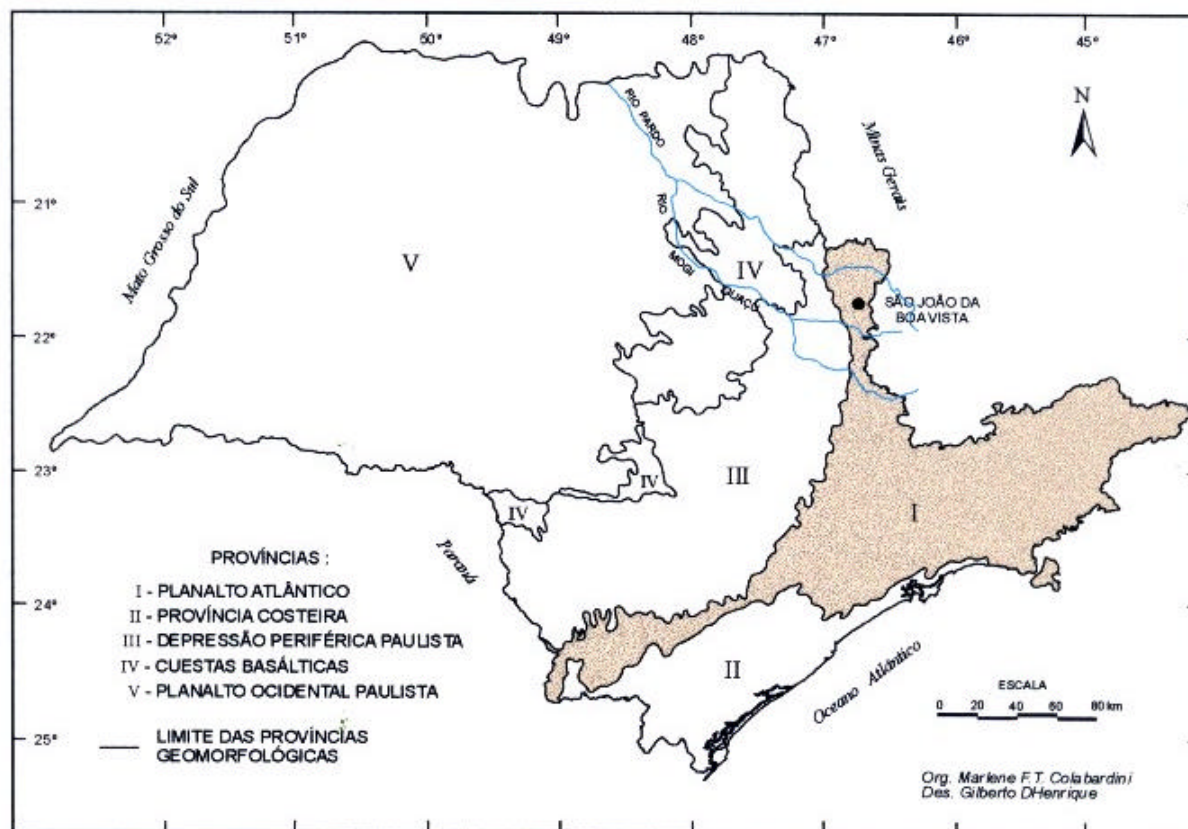


Figura 8 - Mapa do Estado de São Paulo : Divisão Geomorfológica
(Segundo Almeida ("Fundamentos Geológicos do Relevo Paulista"))

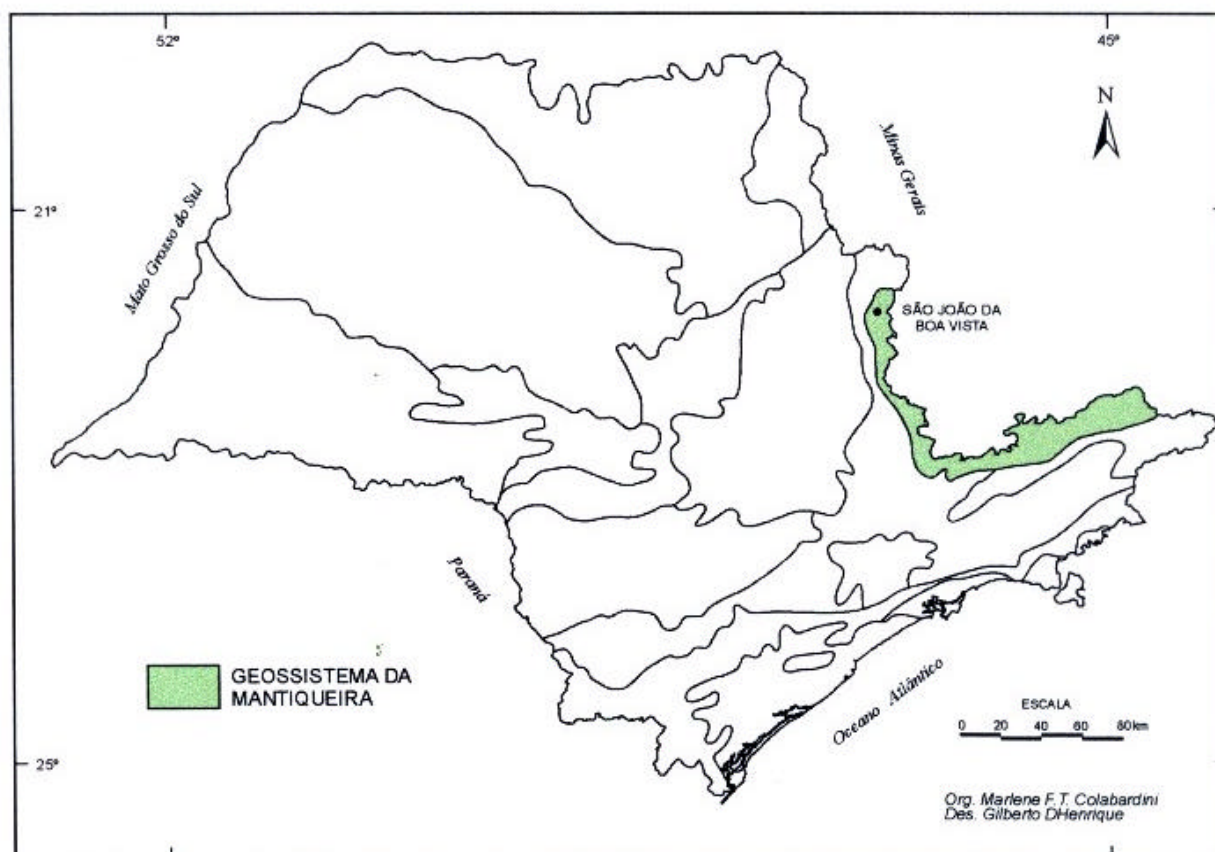


Figura 9 - Mapa do Estado de São Paulo : Geossistemas Paulistas
(Segundo Troppmair, 2000 p. 48)

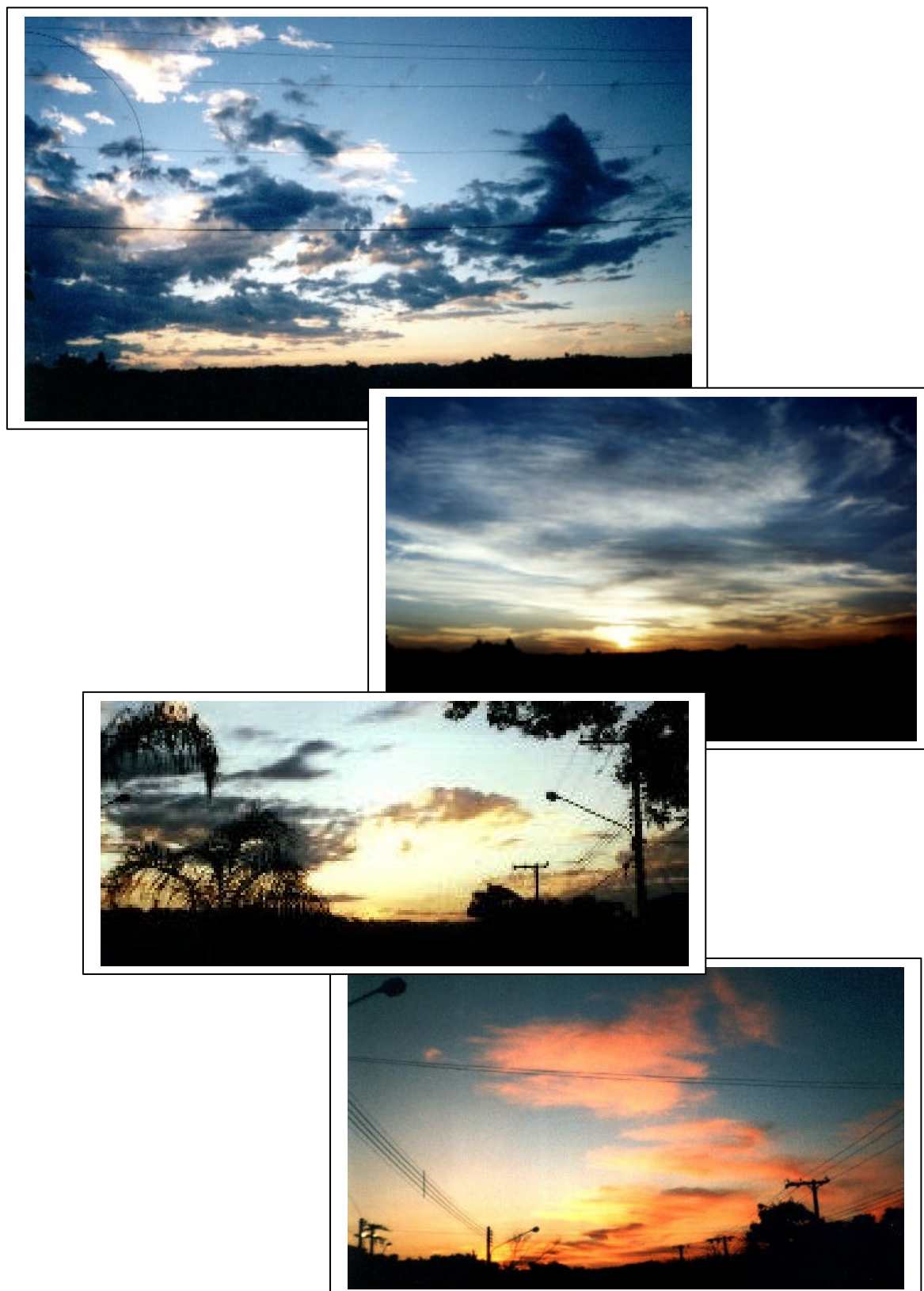


Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar /abr / mai / jun/ 03)

Fotos 18 – O crepúsculo de alguns pontos da cidade de São João.

pelo homem” (TROPPMAIR,2000,p.5). Para isso, integra o clima, a geomorfologia, a água do solo, as classes de uso do solo, a hidrografia, a cobertura vegetal, os centros urbanos e a rede rodoviária, com alguns elementos dominantes na dinâmica de um Geossistema (TROPPMAIR,2000,p.10-11).

Atividades econômicas

A cidade de São João da Boa Vista, possuiu por muitos anos atividades econômicas voltadas para o setor primário, especialmente com a agropecuária, não possuindo censo demográfico individual, mas esteve descrita em conjunto com outros municípios vizinhos até a década de quarenta. Depois desta data, na década de cinquenta, São João passou a ser recenseado como uma unidade dentre os municípios paulistas.

O censo do IBGE, constatou que o município possuía em 1950, uma população que perfazia um total de 33.874 habitantes, sendo 15.837 habitantes na zona urbana e 18.037 na zona rural. Atualmente, a população de São João é de 77.387 habitantes (Censo,IBGE,2000), sendo que 71.751 habitantes encontram-se na zona urbana, com uma densidade demográfica de aproximadamente 142,3 hab/km², ou seja, a população rural que era de 18.037 pessoas, diminuiu para 6.286 pessoas em apenas cinquenta anos e a população urbana saltou de 15.837 pessoas para 71.751 no ano 2000.

TABELA 1
O aumento da porcentagem da população urbana
de São João da Boa Vista, entre 1950 e 2000.

DÉCADA	%
1950	17
1960	7
1970	42
1980-2000	38

Fonte: IBGE, 2000.

A Tabela 1 demonstra o aumento da porcentagem da população urbana de São João da Boa Vista nas últimas cinco décadas. Curioso notar que na década de sessenta ocorreu o êxodo rural em todo o Brasil devido ao surgimento do Estatuto do Trabalhador Rural garantindo direitos à mão-de-obra do campo. Em São João da Boa Vista a população urbana teve um crescimento de apenas 7%, a menor porcentagem da Tabela 1. Em contrapartida, a década de setenta foi a que obteve o maior aumento da população urbana, traduzida através do êxodo rural, que é consequência entre outros fatores, de relações capitalistas modernas da produção agropecuária.

Em São João, as atividades agrícolas estiveram divididas em culturas perenes, semiperenes e anuais. As perenes são as de cultivo de café e cítricos; a única cultura semiperene é a de cana-de-açúcar; e as culturas anuais são as de milho, feijão e batata. No município ainda existem pastagens naturais e cultivadas, o reflorestamento homogêneo (como do eucalipto) e florestamentos heterogêneos, formados por reservas naturais nativas. No que se refere à utilização das áreas agricultáveis, observa-se que as áreas de pastagens representam 54,70% da área, as lavouras temporárias 28,44%, as permanentes 6,50%, as pastagens plantadas 54,70%, as matas ou florestas plantadas 6,39%, todos estes dados extraídos da Casa da Agricultura de São João da Boa Vista (1995).

Quanto ao cultivo, o município possui uma área total de 470,64km² (47.051 hectares), com 1.124 propriedades rurais e aproximadamente 6,89km² (0,689 hectares) de terras inaproveitáveis (CATI,2001). Desde a década de setenta, já constatava Abreu que “a várzea do Ribeirão dos Porcos aparece altamente valorizada pela rizicultura, que é praticada também em alguns setores do Jaguarí-Mirim” (ABREU,1972,p.117). As pequenas e médias propriedades representam 62.46% desse total, ocupando cerca de 6.000 hectares. Entre os produtos agrícolas, os mais representativos do município são o milho, café, batata, feijão e cana-de-açúcar. Quanto ao solo, a fertilidade varia entre média a alta, com a predominância dos solos podzólico vermelho amarelo-orto em maior extensão, seguida pelo latossol vermelho amarelo-orto fase arenosa, latossol roxo e a terra roxa.

Em São João, em relação à criação de gado, existe o de leite e o de corte, mas destaca-se a produção de leite, com 15.000.000 litros/ano, que é o produto de origem animal no município. Entre os rebanhos mais representativos estão os bovinos e os suínos. O rebanho bovino é de 33.300 cabeças (IBGE,2000), sendo 13.000 de corte. A avicultura de corte tem uma produção de 3.750.000 kg/ano, sendo que 78% é absorvida pelo mercado local (CATI,2001).

No setor secundário da economia do município de São João da Boa Vista, os 62% das empresas que existem foram criadas por seus atuais proprietários, sendo que 26% delas têm origem em negócio familiar. A data de instalação de 66% das empresas antecede 1990 (sendo que 24% surgiram antes de 1970) e as demais, 34% das empresas, foram fundadas após 1991 (segundo dados da Prefeitura Municipal). Os estabelecimentos industriais da cidade estão divididos entre micro, pequena e média empresas. As microempresas representam a maioria, com 66% do total e variam principalmente entre empresas alimentícias, confecções e olarias; as pequenas empresas correspondem a 22%, sendo produtoras de colchões, barbante entre outras; e as médias em menor número, com apenas 12%, formadas por empresas ligadas a produção de telhas de aço galvanizado, e fios, sendo que 72% das empresas conhecem algum tipo de associação. Estas fábricas foram sendo criadas e distribuídas pela zona urbana, sem critério de localização. Entretanto, após a década de 80, foi criado o Distrito Industrial da cidade localizado às margens da rodovia SP344, a sudoeste do município, local para onde estão se transferindo algumas empresas.

A localização deste Distrito Industrial gerou uma polêmica, porque a idéia inicial era transferir os estabelecimentos industriais para uma zona periférica, tentando evitar assim a poluição da cidade. Esta providência acabou agravando a situação, pois a direção dos ventos que sopram sobre o município são provenientes do sudoeste, ou seja, antes de atingirem a cidade os ventos passam pelo Distrito Industrial levando a poluição para a zona urbana.

No final da década de noventa e início de 2001, sabemos da existência de 323 estabelecimentos industriais no setor de transformação, com 90% de mão-de-obra composta por pessoas do próprio município, segundo dados da Relação

Anual de Informações Sociais (Rais/Ministério do Trabalho). Deste total alguns setores, como o de bebidas, confecções de roupas e de calçados não são poluentes. As indústrias: de metalurgia básica; coque; refino de petróleo; elaboração de combustíveis nucleares (com apenas um estabelecimento) e a fabricação de produtos químicos, mesmo perfazendo um pequeno número, são poluidoras e em dias de estiagem podem afetar a qualidade do ar da cidade. Dentre os produtos fabricados destacamos: perfumaria, cosméticos e produtos de higiene pessoal; produtos alimentícios como doces, achocolatados e vitaminas. Da indústria de transformação: perfis de aço, telhas metálicas e tubos metalóides; fundição e laminação de cobre; eletrofusão de minerais e não ferrosos; cabos para energia elétrica e telefonia, algumas já instaladas no Distrito Industrial localizado no entroncamento rodo-ferroviário para escoamento da produção para os grandes centros de consumo, além do elevado número de mão-de-obra disponível na cidade e de escolas nos níveis básico, técnico e universitário, preparando indivíduos para o trabalho, aspectos necessários para incentivar e atrair investimentos industriais para a cidade.

O setor terciário, formado pelo comércio e prestação de serviços, representa, uma das atividades mais desenvolvidas do município, comprovado através da participação do ICMs nas receitas municipais. Nesse segmento, São João constitui um centro regional de compras, com 2.983 estabelecimentos e 1.992 prestadores de serviços, com influência nos municípios vizinhos. Existem também alguns eventos anuais que geram divisas para este setor, um deles é a EAPIC - Exposição Agropecuária, Industrial e Comercial, (em 2003 realizou-se a XXX^a Exposição), que acontece no mês de julho. A feira reúne os expositores, atrai compradores de gado, e também visitantes, que vêm em busca de lazer e divertimento como: rodeios e shows artísticos.

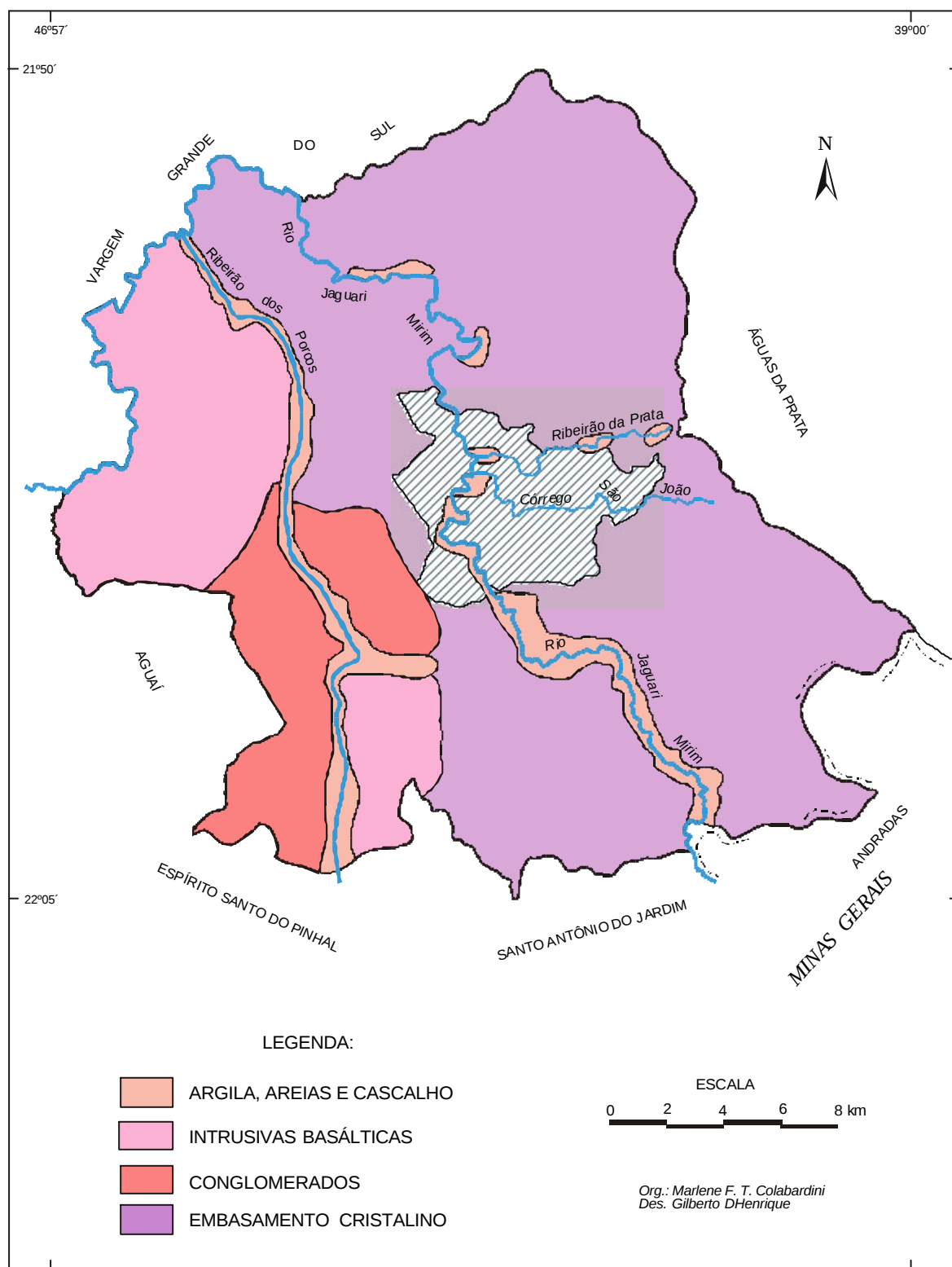
Ainda dentro do setor terciário, como prestação de serviço, a cidade de São João da Boa Vista conta com dois hospitais: a Santa Casa de Misericórdia Dona Carolina Malheiros e o Hospital da UNIMED, além de Postos de Pronto Atendimento (PPA).

O Sistema Educacional, também integrando o setor terciário, no âmbito público é composto por escolas municipais (Creches e Educação Infantil) e por

escolas estaduais (Ensino Fundamental e Médio); no âmbito particular também conta com a Educação Básica e o Ensino Superior.

Características Físicas

Para caracterização física do município, foram confeccionados alguns esboços, entre eles a Figura 10, que representa o esboço geológico de São João. Ele foi baseado em Abreu (1972) e mostra que o município é constituído por uma geologia, onde o embasamento cristalino é predominante, ocupando toda a porção leste do rio Jaguari Mirim e parte da porção oeste. Segundo Abreu neste ponto a área é delimitada “[...] por vertentes abruptas elaboradas sobre rochas do embasamento que recebem o nome generalizado de serras (Serra do Quartel, Serra do Paiol e Serra da Cachoeira)” (ABREU,1973,p.14). Na margem direita do Ribeirão dos Porcos, as rochas do embasamento que afloram “são constituídas fundamentalmente por gnaisses facoidais, gnaisses granitizados e micaxistos e, localmente, servindo de encaixantes para anfíbolitos, a sudeste da área” (ABREU,1973,p.11), sendo as primeiras terras pré-devonianas do maciço antigo que emergem da cobertura sedimentar. Para o autor, “o pacote sedimentar e as intrusivas registram ligeiro mergulho para W-NW e seu afloramento atesta os limites erosivos atuais da Bacia Sedimentar do Paraná, em relação aos terrenos pré-devonianos do leste” (ABREU,1973,p.8). A Noroeste, tem a presença de rochas intrusivas basálticas, localizada na margem esquerda do Ribeirão dos Porcos. À medida que avançamos para o Sudoeste estão presentes os conglomerados nas duas margens deste mesmo Ribeirão e, na margem direita do Ribeirão dos Porcos, surge novamente a rocha intrusiva basáltica. Observamos, finalmente, que são nos pontos mais baixos do relevo, próximos ao leito dos rios, que vão se acumulando cordões de argilas, areias e cascalhos.



**Fig. 10 - Esboço Geológico do Município de São João da Boa Vista
(Segundo Adilson A. Abreu)**

Como lembra Abreu:

[...] não devemos deixar de assinalar que ele é muito rico em matacões, em todo o setor ocupado por terrenos gnáissico-graníticos, e às vezes matacões com mais de 3 a 4m, de diâmetro, como a *pedra-balão*, que ocorre nas proximidades de São João da Boa Vista. A presença de grandes matacões neste material originado pela decomposição do embasamento cristalino [...] (ABREU,1973,p.39).

Quanto à hipsometria do município, representada na Figura 11, “[...] registra claramente as diversidades morfométricas observadas de oeste para leste” (ABREU,1973,p.7). A Figura vem confirmar a irregularidade do terreno, sendo que as maiores altitudes são encontradas na porção oriental do município. Igualmente notamos que, como as altitudes a leste vão aumentando, surgem os patamares direcionados para a Escarpa, pois ele é amplamente influenciado pela declividade do Rebordo Ocidental da Mantiqueira Paulista, de onde nascem os cursos d’água que banham as terras sanjoanenses. Estes rios brotam a leste em áreas com altitudes entre 850 e 950m, mas quando nos aproximamos da parte central do município, nos deparamos com as menores altitudes da área, porque estamos junto à microbacia do Jaguari Mirim, que recebe estas águas, um “outro aspecto que individualiza esta região, quando comparada com os terrenos cristalinos do leste, é a forma dos vales, que agora são amplos, com rios meândricos [...]” (ABREU,1973,p.6). Conforme avançamos para oeste, já na margem esquerda deste rio, tal altitude se mantém, ou seja, não ultrapassa 700 m, começa a aumentar somente quando alcança o município de Vargem Grande do Sul, chegando a 800 m de altitude. A irregularidade do terreno pode ser presenciada também, na malha urbana sanjoanense, com algumas ruas em ladeiras e não retilíneas. Conclui Abreu:



**Figura 11- Esboço Hipsométrico do município de São João da Boa Vista - SP
(segundo Adilson A. Abreu)**

Está evidente a presença de uma topografia de caráter pouco acidentado no oeste, que progressivamente, vai alterando suas feições, à medida que nos aproximamos do centro da área, para adquirir aspectos opostos aos iniciais em setores do leste e nordeste da região. Percebe-se, outrossim, que, acompanhando essas mudanças, as altitudes aumentam igualmente para leste, especialmente para o nordeste. (ABREU,1973,p.07)

O Nordeste Paulista, portanto, é uma área pertencente ao conjunto de terras altas e caracteriza-se por possuir o clima tropical de altitude.

Junto às serras, que funcionam como barreiras interceptoras das massas de ar, que participam da formação do clima do Estado de São Paulo, há descarregamento maior da umidade, em forma de chuvas orográficas. Muitas vezes fortes e copiosas. (site:www.rantacsaojoao,fev/2003)

No município de São João da Boa Vista, uma área compreendida por climas controlados por massas equatoriais e tropicais, alternam-se o tempo seco e úmido, ou seja, o verão corresponde ao trimestre mais chuvoso, onde a precipitação está “[...] ligada, às massas tropicais e a orografia [...]” (TROPMAIR,2000,p.47). Inversamente no inverno, ocorre uma drástica diminuição das precipitações, quando a escassez de chuva leva a estiagens, sendo mais prolongadas em alguns anos. Diante desta alternância da umidade, o município alcança o índice de 1.140 mm de chuvas anuais. Os meses mais quentes, janeiro e fevereiro que são os mais chuvosos, possuem temperatura média de 22°C, atingindo até 34°C. Por conta do avanço massa Polar Atlântica, a temperatura entra em declínio nos meses de junho, julho e agosto, com temperatura média de 18°C, aproximando-se de uma temperatura mínima de 5°C durante as madrugadas frias. Segundo Abreu (1973), embora possam ocorrer nos meses de menor temperaturas, as geadas não são habituais. Portanto, o clima chega a ser caracterizado, por Nimer (1979), como clima mesotérmico brando.

Em todo o Nordeste Paulista havia a predominância da floresta latifoliada tropical, vegetação típica do Brasil tropical. Nas áreas de terrenos granítico-gnáissicos do Planalto Atlântico, ocorreram grandes devastações, inclusive as de madeira de lei. Atualmente, existem pequenas manchas de floresta, encontradas apenas nas nascentes de água, em encostas íngremes do Rebordo da Mantiqueira e nos interflúvios. O pouco que resta da vegetação original apresentava-se mais perenifólia, intensificando esta característica com o ganho em altitude. Este é um fato confirmado por Abreu:

[...] penetramos no rebordo ocidental da Mantiqueira a vegetação começa a apresentar-se mais perenifólia e à medida que ganhamos altitude este aspecto vai se definindo cada vez mais; porém, em toda a área há plantas decíduas, embora diminuam progressivamente e deixem de caracterizar a fisionomia da formação vegetal. Isto, provavelmente, prende-se a umidade maior, consequência da barreira orográfica, que permite uma maior precipitação ou umidade relativa do ar (ABREU,1972,p.69).

A oeste do município existia campos cerrados, com vegetação rasteira, arbustos retorcidos e de casca grossa, substituída por lavouras mecanizadas. A leste do município de São João da Boa Vista, os terrenos mais elevados, de origem cristalina em direção à Escarpa, foram ocupados por pastagens e, por possuírem declive acentuado, sofreram intensa erosão. Aqui, também uma variedade de plantas, autóctones e medicinais, como a amoreira, angico, canela, cedro, jacarandá, copaíba, jatobá, jequitibá, palmito, pinheiro e outras espécies, que atualmente ainda podem ser encontradas, mas são escassas. Também alguns animais tais como: pacas, cutias, capivaras, macacos, lebres, tamanduás, tatus e outros; aves como: siriemas, macucos, jacus, perdizes, codornas, patos, marrecos e garças; e também nos rios: lambaris, piabas, piaparas, mandis, traíras, cascudos, curimatás e bagres. Porém, devido à caça predatória e à pesca indiscriminada, alguns ficaram escassos ou foram extintos.

Pretendendo preservar e planejar a fauna e a flora do município foi constituído o Parque Municipal Solário da Mantiqueira, instalado em uma área de

13,9 km², com quatro açudes e vasta vegetação com árvores nativas. Sendo construído também para a manutenção dos mananciais da cidade.

Como principal rio de São João da Boa Vista está o Rio Jaguari Mirim, um rio de planalto, com nascente no do Rebordo Ocidental da Escarpa da Mantiqueira, que percorre terrenos cristalinos juntamente com seus afluentes. Próximo à nascente, no Morro do Serrote (MG), existem muitas corredeiras, sobretudo na área que banha Ibitiura de Minas. Antes de atravessar o limite estadual, margeia o Leste da cidade de Andradás, ambos municípios mineiros e vai “[...] desenvolvendo um arco, particularmente nítido entre Andradás e São João da Boa Vista, embora apresentando alguns trechos retilíneos e que sugerem forte controle tectônico” (ABREU,1973,p.5).

Ao chegar a terras paulistas, pelo município de Santo Antonio do Jardim, caracteriza-se por um trajeto de orientação E-W. Durante todo este itinerário existem dragas e olarias (Fotos 19 e 20), que usam esta água, argila, areia e cascalho para a manufatura de tijolos, telhas e areia para construção.



Foto 19- Draga às margens do Rio Jaguari Mirim, a sudeste do município.

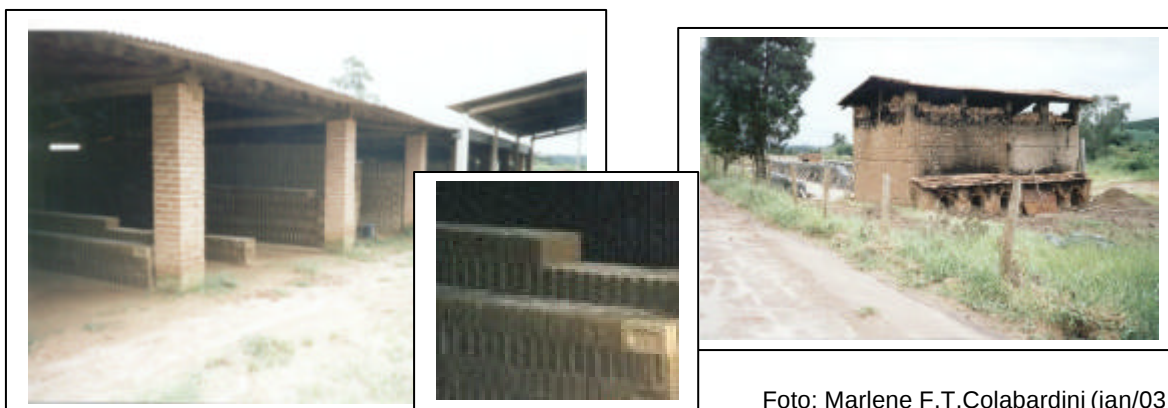


Foto: Marlene F.T.Colabardini (jan/03)

Fotos 20- Olarias e sua produção, próximas ao Rio Jaguari Mirim.

O Rio Jaguari Mirim apresenta uma orientação estrutural ou tectônica angular na porção Sul do município onde, durante todo o percurso através de seus meandros, surgem sucessivas áreas de várzeas e alvéolos. A agricultura irrigada também pode ser vista ao longo do Rio, através de seus "meandros encaixados".

Quando o Rio Jaguari Mirim entra em terras sanjoanenses, muda bruscamente sua direção e atravessa a cidade por um trajeto de orientação SE-NW. É na zona urbana que ele recebe águas do Córrego São João e do Ribeirão da Prata, afluentes da margem direita. É necessário relatar que esta confluência, do Córrego São João com o Rio Jaguari Mirim, acontece precisamente dentro de uma chácara, representada nas Fotos 21, de propriedade particular, reflexo do desrespeito com a mata ciliar.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

**Fotos 21 - Córrego São João na confluência com o Rio Jaguari Mirim
(ao fundo), próximo à Vila primeiro de Maio.**

Em relação ao curso dos rios que cortam a cidade de São João, nos locais de embasamento cristalino a drenagem é do tipo dentrítica, porém a ocupação humana tem sido causa de ameaça para a zona urbana de São João, pois as cheias molestam as áreas próximas aos leitos.

No caso das cheias, nos períodos de chuvas fortes, o rio Jaguari Mirim transborda, ocupando as várzeas e invadindo ruas e casas. É a resposta da natureza a uma ocupação irregular das margens, cuja mata ciliar que, por lei, nos cursos com menos de dez metros de largura deveria ser de 30m, (artigo 20, letra a - da Lei nº4.771/65 do Código Florestal) não é respeitada. Este desmatamento da mata ciliar fez com que o rio desbarrancasse as margens, espalhando suas águas, demonstrado nas Fotos 22 e 23.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

Foto 22- Rio Jaguari Mirim, a montante da ponte de acesso a Vila Primeiro de Maio e Vila Conceição.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

Foto 23 - Rio Jaguari Mirim, a jusante da ponte de acesso a Vila Primeiro de Maio e Vila Conceição.

Como este rio tem largura superior a 10m neste trecho, a situação do avanço urbano agrava-se muito mais, tanto a montante quanto a jusante. O mesmo ocorre com o Córrego São João, Fotos 24, porém como as construções disputam cada centímetro do terreno, ele foi canalizado facilmente. O córrego recebe grande quantidade de água da chuva da cidade e, sem espaço para escoar, invade as ruas e as residências próximas a ele. Esta ocupação irregular das margens propicia e facilita o despejo de esgotos domésticos e industriais no córrego, e a mata ciliar é inexistente.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

Fotos 24- Córrego São João, a jusante e montante da ponte, respectivamente, no início da Rua General Osório (centro).

No Bairro da Pratinha, exatamente na Ponte da Pratinha, Fotos 25 e 26, não é diferente, pois neste trecho o Ribeirão possui menos de cinco metros de largura e as residências foram construídas às suas margens.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

Foto 25- Ribeirão da Prata, a montante da Ponte do Bairro da Pratinha, pouco antes de desaguar no Rio Jaguari Mirim.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/02)

Foto 26 - Representa o Ribeirão da Prata, a jusante da ponte da Pratinha.

Notamos que, tanto no rio quanto no córrego e nos ribeirões, são comuns os problemas de enchentes, invadindo casas, ruas e avenidas e, como causa apontamos o avanço das atividades urbanas, ausência da mata ciliar, com ocupação nas margens dos rios por casas e indústrias; o esgoto industrial lançado e as atividades que utilizam as águas fluviais diretamente com os lavadores de batatas e o esgoto rural.

Ao norte, já no limite com Vargem Grande do Sul, o curso do rio inflete para ENE-OSO sendo neste ponto que o Ribeirão dos Porcos deságua na margem esquerda. Toma novamente a direção SE-NO, então, os rios provenientes da Mantiqueira Ocidental “[...] ao penetrarem nos terrenos sedimentares da Depressão Periférica, mudam a direção de seus cursos, passando a revelar outro padrão [...]” (ABREU,1973,p.6). Neste ponto, inflete novamente o curso para a direção NE-SO até a confluência com o Rio Mogi Guaçu, dentro do município de Pirassununga. Todo este trajeto do Rio Jaguari Mirim dentro da microbacia perfaz 200 quilômetros em terras mineiras e paulistas, sendo limite natural entre vários municípios da região. O que pode ser confirmado em Abreu que os rios:

[...] Pardo e o Jaguari, envolvem, grosso modo, os terrenos do Planalto de Poços de Caldas, o que é visível sobretudo no caso do segundo rio mencionado, o qual, nascendo a leste de Andradadas, percorre toda a periferia do Planalto de Poços de Caldas, até o sul de Vargem Grande, desenvolvendo um arco, particularmente nítido entre Andradadas e São João da Boa Vista, [...] (ABREU,1973,p.4-5).

É da água do Rio Jaguari Mirim que toda a cidade de São João recebe o abastecimento e o seu tratamento é realizado pela Estação de Tratamento de Água (ETA), tendo a captação ao Sul do município, no Km 02 da SP342, sendo bombeada e submetida ao processo de purificação, produzindo uma média de 220m³/seg., de água tratada.

Também o esgoto urbano de São João, com exceção de 1,5% a 2% de domicílios que possuem fossa séptica, é tratado na Estação para o Tratamento de Esgoto (ETE), inaugurado em fev/2001. Tudo o que antes era jogado nos rios, hoje é tratado, retirando-se cerca de 4,5m³ por mês de material gradeado, que

são levados para o Aterro Sanitário Municipal. O esgoto de 98% da cidade é recolhido por um Coletor de Esgoto, localizado no Bairro da Pratinha, onde imediatamente recebe nitrato de amônia, para diminuir o seu cheiro. Seguindo por encanamentos, passa pela Estação Elevatória na qual existe uma peneira para segurar objetos e lixo que são jogados no esgoto, segue para a Estação de Tratamento de Esgoto, de onde é bombeada para lagoas artificiais de decantação, observada nas Fotos 27. Neste local, o odor já diminuiu, mas não desapareceu. Daí o resíduo sólido é levado para o Aterro Sanitário e o líquido é tratado e devolvido para o Rio Jaguari Mirim.

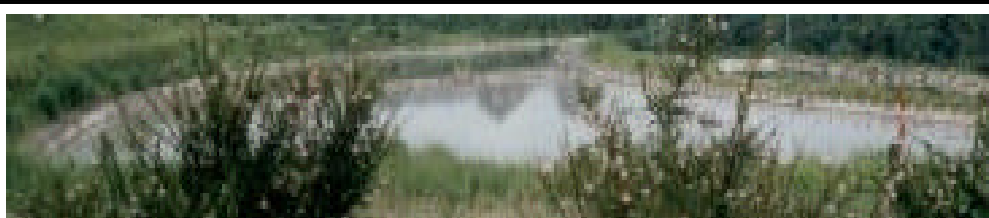


Foto: Marlene F.T.Colabardini (jan/03)

Fotos 27- Estação de Tratamento de Esgoto e as Lagoas artificiais de decantação, às margens do Rio Jaguari Mirim.

Todos os aspectos expostos anteriormente, elevam o IDH da cidade que é de 0,843. O Índice de Desenvolvimento Humano é obtido através de uma média realizada entre três aspectos: o PIB; a expectativa de vida da cidade, que é de 76,9 anos; e a Escolaridade, que a de São João é de 0,889 na educação. Esta variação vai de 0.0 (para a pior situação) até 1.0 (para a melhor situação) e para obtê-los são utilizados índices obtidos no censo demográfico do IBGE.

Convém, portanto, chamarmos a atenção para a cidade de São João da Boa Vista que ocupa, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a 15ª posição no ranking Estadual, o que representa um salto de 49ª na posição Estadual em 1998, para a 56ª melhor cidade, no “ranking” nacional.

Além da posição alcançada pelo município através da qualidade de vida, podemos acrescentar uma peculiaridade que chama atenção a todos – a paisagem da Mantiqueira, dominando o cenário sanjoanense: quer vivendo, trabalhando ou visitando ela pode ser vista de algum ponto, onde quer que estejamos. Diante desta característica, nosso intuito é estudar quais os sentimentos são atribuídos pelos sujeitos em relação ao Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira Paulista, no setor setentrional..

*Realçando as belezas criadas,
Fez o sol se esconder, majestoso,
Coroando as tardes caladas,
De um crepúsculo maravilhoso.
Sempre hospitaleira e querida,
O seu povo encanta e conquista.
Um recanto de céu desprendido.
Eis, aí, São João da Boa Vista!
(Estrofes do Hino da cidade, 1972).*

CAPÍTULO II

A MANTIQUEIRA: UMA PAISAGEM VALORIZADA.

*Em momento de amor infinito
Foi que Deus com sublime emoção
Do pedaço de um solo bendito
Fez a nossa querida São João.
Com ternura moldou lindas serras
E altaneiras ao céu as ergueu.
Pôs o rio Jaguari sobre as terras
E a sorrir tudo isso nos deu!
(Estrofes: Hino da cidade, 1972).*



Foto: Marlene F.T.Colabardini (ago/2002)

Foto 28 - Praça da Catedral e ao fundo a Serra da Mantiqueira.

Ao abordarmos uma paisagem valorizada temos a necessidade de realizar o exame de alguns aspectos geográficos - físicos, humanos, econômicos, culturais e outros - necessários a observação, de forma que possamos considerar os determinadas particularidades que a integra. A partir da observação detalhada é possível atingir com profundidade o que é observado e finalmente percebê-lo, atitudes que um simples relance de olhar não permite que ocorra.

A Serra da Mantiqueira, na Foto 28, pode ser considerada uma destas paisagens geográficas existentes, podendo também revelar uma íntima ligação entre o urbano e a Serra, pois de vários pontos do município ela pode ser avistada. Seja na zona urbana ou rural, em diferentes ângulos, ela sempre se apresenta em um conjunto harmonioso, emoldurando a cidade de São João da Boa Vista.

A preocupação central neste capítulo é, além da caracterização física da Escarpa da Mantiqueira, tecer considerações sobre a abordagem perceptiva, decorrente da interação entre o indivíduo e a paisagem valorizada. Sobre esta relação, afirma Oliveira que “[...] toda troca com o exterior supõe ao mesmo tempo uma estruturação e uma valorização, não podendo uma reduzir-se a outra” (1989,p.314). Nosso objeto envolve, então, a compreensão da atribuição de valor dado às paisagens. O valor atribuído a um determinado espaço geográfico compreende essencialmente a experiência direta que o indivíduo estabelece em relação aos objetos que integram a paisagem, porque elas vêm carregadas de significados, despertando sentimentos e inspirando-nos a admirá-las ou rejeitá-las.

A referência que fazemos à valorização da paisagem estará sujeita a intensidade da tomada de consciência e da interação que o homem estabelece com o lugar, pois este proporciona um despertar para com o meio mediante a percepção e a cognição ambientais. Tuan (1983,p.152) estabelece constatação sobre esta interação, revelando que os “momentos íntimos são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixamos vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo da nova experiência”, o que faz com que ocorra uma apreciação da paisagem.

As emoções surgem sucessivamente pelos lugares que são realmente experienciados, levando o indivíduo a gostar ou não dos ambientes segundo suas preferências, considerando que às vezes, alguns deles são lugares ideais. Nesta inter-relação surgem sentimentos referentes ao lugar, que podem ser positivos ou negativos, isto é, topofílicos ou topofóbicos. Os lugares são íntimos à medida que as

ocasiões são especiais e se isto ocorrer verdadeiramente, o contato se profunde na memória. Todas as experiências são sentidas, não necessitam ser excepcionais, mas pessoais.

As pessoas indubitavelmente, constituem componentes indispensáveis para que seja estabelecida uma íntima interação com os lugares, proporcionados por paisagens valorizadas, pois vivem em sociedade constituídas por um alicerce, onde desenvolvem uma série de idéias e interesses particulares e comuns, com técnicas de viver e trabalhar em conjunto. Linton (2000,p.97) assinala a sociedade como “todo grupo de pessoas que vivem e trabalham durante um período de tempo suficientemente longo para se organizarem e para se considerarem como formando uma unidade social, com limites bem definidos”. Para o autor, a vida dentro deste agregado é inteiramente estabilizada e organizada, mas ao mesmo tempo complexa. A vida em conjunto é o resultado das idéias e dos interesses comuns que as pessoas desenvolvem através de atitudes habituais e recíprocas, necessárias para o bem viver. Mas é a “[...] unidade psicológica e emocional que assegura reações emocionais comuns e torna o indivíduo pronto para sacrificar seus próprios interesses pelos interesses gerais [...]” (LINTON,2000,p.99).

Contudo, devemos considerar a existência de uma série de padrões de vida que devem ser seguidos na conduta dos indivíduos, pois estes padrões “[...] adquirem valor aos olhos da sociedade” (LINTON,2000,p.106) e acabam influenciando a conduta e modelando as pessoas.

Se cada sociedade percebe e compreende o meio ambiente de acordo com seu padrão, concordamos com Lowenthal ao explicar que “uma percepção simples aqui pode ser lá uma abstração complexa” (LOWENTHAL,1982,p.128). Dessa forma, o autor lembra que o que é relevante para um agrupamento pode não ser para o outro. E como um lugar jamais é visto de um único ângulo, surge uma multiplicidade de opiniões sobre ele, porque “nem o mundo nem as nossas imagens sobre eles são idênticas com a Geografia”. Porém, “[...] o temperamento de seus praticantes a fazem universal e multifacetada” (LOWENTHAL,1982,p.104), assim compreendemos que as definições atribuídas ao mundo são extremamente pessoais, mesmo sendo ideais, práticas ou concretas, pois cada lugar é único para cada pessoa.

Sobre a observação das paisagens valorizadas questionamos se a visão do mundo é compartilhada da mesma forma por todos os indivíduos. Nossas dúvidas

nos fazem pensar que não, pois a “[...] visão do mundo está confinada aos adultos sadios, robustos e sensíveis” (LOWENTHAL,1982,p.109). Como afirma o autor, realizar a distinção entre si e o mundo exterior é tarefa difícil aos psicóticos; existe também uma incapacidade causada pelo medo de defrontar-se diante da natureza para os claustrofobos, os místicos e os perseguidos; o mesmo acontece com as pessoas inválidas; os esquizofrênicos e os que sofrem alucinações. Pensamos que a dificuldade dos que não são sadios em discernir o mundo da mesma maneira que as pessoas sãs, são complexas devido às barreiras que os envolvem.

As pessoas, em geral, vivem em seu mundo ambiente, utilizam os sentidos e a imaginação para alcançarem harmonia entre os elementos dentro de suas mentes. É esta coerência que assegura equilíbrio, pois “se as imagens do mundo em nossas cabeças não forem suficientemente consistentes com o mundo exterior, seríamos incapazes de sobreviver em qualquer meio ambiente, a não ser o do hospital para doentes mentais” (LOWENTHAL,1982,p.121).

Nossa inteligência, auxiliada pelos sentidos, nos conduz à distinção entre a sensação e a percepção, que são fenômenos diferentes, já que na observação, “nenhum objeto se parece realmente como é [...]” (LOWENTHAL,1982,p.110), e para fazer esta distinção cada pessoa utiliza a habilidade que possui. Para que o envolvimento espacial seja íntimo é necessário que ele se torne parte de nosso ser, pois ele se constrói, sobretudo, pela vivência com a realidade. Esta idéia vem de encontro com Dardel, afirmando que: “la réalité géographique exige une adhésion si totale du sujet, à travers sa vie affective, son corps, ses habilitudes, qu’il lui arrive de l’oublier, comme il peut oublier sa propre vie organique” (DARDEL,1952,p.47).

Nas cenas cotidianas do ambiente que se vive as “paisagens emergem de uma única paisagem: horizontes são revelados a cada novo olhar ou reflexão, a cada momento em que um outro caminho a ser trilhado apresenta cenários e dimensões diferentes” (LIMA,1998,p.39). Os contatos íntimos com o lugar nos encaminham a uma tomada de consciência e uma conseqüente atribuição de valor. E é, através de contatos palpáveis, que alguns indivíduos manifestam suas preferências, pois as paisagens valorizadas não são “[...] somente alvo de contemplação [...]”, são “[...] sobretudo a interação onde o homem faz parte dela” (VIEIRA,1998,p.88).

Como afirma Relph, o mundo em que estamos inseridos é carregado de “[...] ambigüidades, comprometimentos e significados [...]” (RELPH,1979,p.3) e muitos

acontecimentos que nos passam despercebidos necessitam de descoberta. Para Relph (1979,p.2), considerar um mundo particularmente experienciado, carregado de equívocos e de contradições, é utilizar a “*geograficidade*”, mas este significado fica muitas vezes obscurecido por uma cultura na adoção de padrões e convenções sociais e é um enigma para aqueles que tentam compreendê-lo. Confirma Relph que “o mundo-vivido tem de fato sido coberto com ‘um tecido de idéias’, que vêm sendo aceitas como a verdade, e a realidade é considerada como sendo as qualidades objetivamente demonstráveis dos objetos [...]” (RELPH,1979,p.3).

Para Relph:

Conhecemos lugares, não lugar, e enquanto há consistências em nossa maneira de conhecê-los, e como todo lugar é, em algum sentido, um centro, torna-se enganoso sugerir que para qualquer pessoa a fixação no lugar esteja diretamente relacionada com a duração da permanência, ou que a casa ancestral seja a única pedra lógica da experiência geográfica (RELPH,1979,p.17).

A permanência em um lugar, curta ou duradoura, pode se manifestar através de alguns momentos significativos que costumam ficar gravados em nossa lembrança, deixando recordações, sentimentos afetivos que ficam gravados na memória e nos fazem até nos sentir inseridos às paisagens valorizadas.

A apreciação de uma paisagem valorizada nos leva a questionar: seriam os homens mais importantes que as paisagens ou as paisagens mais importantes que os indivíduos? Pensando na vivência humana sem desfavorecer as paisagens valorizadas, mas visualizando a integração, Dubos afirma que “na vida cotidiana, as pessoas são em geral mais importantes que os lugares” (DUBOS,1975,p.74), ou seja, os lugares se tornam valorizados a partir da visão humana, porque ela não se refere somente ao que é palpável, mas também ao imaginário e ao não aparente, enfim, ao que nossa percepção permitir observar para completar este cenário. Ela é nada mais do que a influência mútua entre o sujeito que observa e o objeto que está sendo observado. Diante dessa perspectiva, quase sempre surge a preocupação em caracterizá-la e sua observação leva-nos a uma interiorização e a uma conseqüente tomada de consciência, concebida, através de revelações ou reações. Diante deste aspecto, afirma Lima que:

A realidade paisagística construída mediante suas dimensões do concreto e do imaginário, do visível e do não-visível, é traduzida em percepções e interpretações sucessivas, complementares, refletidas nas transformações de atitudes e condutas concernentes ao meio ambiente (LIMA,1998,p.39).

As interpretações podem ser realizadas através dos estudos científicos que se preocupam com as relações existentes entre os homens e as paisagens valorizadas, pois a análise “[...] sempre revelará algo inédito ou inesperado em um de seus infinitos ângulos, graças às dinâmicas verificadas em seus conjuntos de ecossistemas, em suas áreas de tangências ou intersecção” (LIMA,1998,p.39).

Neste capítulo, retrataremos a paisagem valorizada e a caracterização da Serra da Mantiqueira, avistada de muitos pontos da cidade de São João, que apesar de se localizar e de se estender por outros municípios vizinhos, temos a impressão de que ela está situada dentro deste município.

Paisagem Valorizada.

“Nas interações entre o homem e a paisagem há uma contínua permuta e influência mútua entre o mundo exterior e o mundo interior”.
(OLIVEIRA,1989,p.313)



Foto: Marlene F.T.Colabardini (abr/03)

Foto 29 – Quadro do pintor sanjoanense “José Marcondes”, retratando parcialmente a Serra da Mantiqueira, visualizada a Leste de sua residência.

Ao longo de nossa vida, sempre empregamos repetidamente algumas palavras para nomear o que vemos e sentimos, entre elas está a palavra paisagem, capaz de exprimir sozinha uma diversidade de significados e acepções que são atribuídas aos cenários. As paisagens podem ser divulgadas através de expressões artísticas, como é o caso da Foto 29, pintura feita por um sanjoanense que teve a oportunidade de desenhar a Serra da Mantiqueira, ela foi tirada do quadro pintado por José Marcondes, que retratou a Serra da Mantiqueira observada a leste de sua residência na Rua São José (indicada na planta do bairro), no Bairro do Santo André. Através da pintura o artista pôde exprimir um dos pontos do Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira, expressando aquilo que foi visualizado através de uma interiorização.

A paisagem revela muito mais do que uma expressão e está inserida no vocábulo cotidiano da população. Apesar de muitas vezes o termo paisagem ser usado de forma incorreta, este fato “[...] não o impediu de se tornar um vocábulo da moda” (AMORIM FILHO,1998,p.123). Como afirma Giblin a paisagem é um objeto essencial de curiosidade nos estudos geográficos, para a autora “[...] ce qui, dans le paysage, tient à l’intervention de l’homme, tel est le premier objet de la géographie humaine” (GIBLIN,1977,p.74)

Para Lacoste (1977,p.4-5), na observação da paisagem, o primeiro momento é aquele que nos liga à idéia de paisagem espetáculo, uma visão que nos impede de compreender a paisagem como a representação de um espaço vasto e abstrato, através do qual não podemos ver o todo. O autor refere-se à paisagem como algo abrangente, quando acrescenta que “mais, tous ces paysages, on peut aussi les regarder (au sens premier: prendre garde) dans des pratiques sociales qui ne sont pas artistiques” (LACOSTE,1977,p.7). Se tudo é paisagem, podemos pensar resumidamente, com Giblin “Le paysage est très précisément et tout simplement ce qui se voit” (GIBLIN,1977,p.75) ou como bem se expressa Bley (1990,p.16), “[...] paisagem é tudo que se vê”, ou seja, a paisagem é tudo o que se enxerga, dependendo do ponto de vista do observador, considerando a distância e a movimentação do indivíduo no espaço. Neste sentido, Relph (1979,p.13) faz sua constatação de que as “[...] paisagens são usualmente parte de ambientes [...]” e possuem caráter multifacetado.

Na observação da paisagem, Collot (1990) dá ênfase à movimentação, considerando que o indivíduo pode observá-la estando parado ou em movimento, de

onde avista uma ou várias parte de uma área, que compõem uma totalidade parcial, mas lembra Lacoste (1977,p.10) que mesmo quando a paisagem é vista de diversos ângulos, cada um a observa de uma maneira. Ainda sobre a movimentação ou deslocamento de um indivíduo, Collot (1990) adverte que surgem certas restrições diante do que é visualizado e compreendê-las é tarefa complexa. O autor aponta os fatores que explicam as limitações que existem para o indivíduo enxergar a paisagem plenamente, para ele a apreciação sobre o objeto observado, é feita através de alguns golpes de vista, que juntos dão a visão do conjunto. Entretanto, apesar desses golpes de vista serem fragmentados, a paisagem se apresenta, ao observador, como uma totalidade coerente. Este todo pode também ser constituído próximo ou a distância, em local alto ou baixo, como bem afirma Santos (1988,p.61) nossa visão "depende da localização em que se está, se no chão, em um andar alto ou baixo de um edifício, num miradouro estratégico, num avião [...] A paisagem toma escalas diferentes e assoma diversamente aos nossos olhos". Mas, Lacoste (1977) lembra que com apenas alguns flashes do olhar, um número heterogêneo de elementos é excluído, o que não ocorre quando os objetos são observados com tempo; mesmo tendo visão fracionada, conseguimos aumentar o número de signos para podermos nos integrar a ela. É imprescindível então, compreender a paisagem a partir da percepção e da cognição, pois sendo um espaço visível, pode ser perceptível. Entretanto, quando não queremos avistá-la em partes, mas integralmente, a observação deve ser feita através de imagens de satélites, vistas aéreas ou representações em mapas, que abrangem a figura geral, impressas no papel e sem nenhum elemento vivo.

Ao refletir sobre o envolvimento do indivíduo com a paisagem, Lacoste (1977,p.7-8) constata que tal descoberta possui relação com a variedade cultural existente dentro de uma mesma nação, de um país ou de um continente para outro. Esta multiplicidade étnica é fundamental, pois além de influírem no cotidiano, se adaptam de acordo com a época. Em cada período, por existirem diferentes situações históricas, existem também as maneiras como os significados são abstraídos, proporcionados segundo a cultura, fato este que auxilia na composição de cada realidade geográfica.

Como a observação do significado dos objetos que compõem uma paisagem varia de pessoa para pessoa e de época para época, o resultado será a valorização da mesma, contando essencialmente com a preferência individual e temporal.

Contudo, em um mesmo período histórico, a paisagem que é valorizada por uma pessoa pode coincidir com a escolha feita por outras pessoas do grupo, até mesmo pelo grupo todo ou sociedade. Cada tipo de sociedade filtra os elementos dentro de uma preferência paisagística comum, em harmonia com o seu padrão.

Como “a paisagem é definida a partir de um ponto de vista de onde ela é observada [...]” (COLLOT,1990,p.22) e Collot parte da idéia da indivisibilidade entre o sujeito atuante e o objeto observado de onde se inicia uma relação onde a exterioridade e a interioridade se interconectam, deixando o homem e a paisagem em um todo indivisível. Como afirma o autor (COLLOT,1990,p.22), durante o envolvimento do indivíduo por uma paisagem ela “[...] se revela numa experiência em que sujeito e objeto são inseparáveis [...]”, ou seja, o indivíduo sente-se envolvido por ela, mas não adaptado a ela. Concluindo, a paisagem deve ser definida de acordo com o ponto de vista do observador, que é ativo diante de uma paisagem, um objeto passivo.

A revelação de uma paisagem irá variar também segundo a variedade de oportunidades e na intensidade da atenção de cada pessoa, o que diferenciara a quantidade e a qualidade da observação, para que ocorra a percepção. Bley (1990,p.17) parte do pressuposto da parcialidade para resumir que a paisagem é “[...] tudo que vemos e sentimos [...]”.

E, ainda afirma que:

A paisagem não é simples objeto em face do qual o sujeito se situa em relação de exterioridade. Nela sujeito e objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas também porque o sujeito está envolvido pela paisagem. Em outras palavras o sujeito está dentro da paisagem (BLEY,1990,p.17).

Entretanto, existem outros aspectos que podemos relacionar à questão da observação das paisagens:

[...] o homem, em todos os atos e ante todos os fatos: define, analisa, aceita ou rejeita, isto é, realiza uma valoração. Essa valoração é uma apreciação de valores, em juízo de valor. Os juízos de valor enunciam algo que não se junta, nem se tira da existência e da essência do objeto. Os axiólogos mais modernos afirmam que “os valores não são, os valores valem” (BLEY,1990,p.18).

A aceitação ou rejeição da paisagem ocorre independentemente de sua estética ou exterioridade, porque segundo Bley “as questões de estética da paisagem têm sido raramente abordadas diretamente no contexto dos valores atribuídos ou inerentes ao meio ambiente” (BLEY,1990,p.19). As pesquisas que abordam paisagens valorizadas têm focado assuntos tais como enquête de interpretação e gerenciamento de ações de intervenção na paisagem, valorizações da paisagem, percepção e cognição ambientais, que superam o valor estético

A percepção das paisagens valorizada ocorre diante de circunstâncias que motivam os indivíduos à observação ou despertam interesses para levá-los a interação, através de pontos localizáveis e concretos, onde o homem se movimenta deixando cicatrizes, tornando-as mutáveis. Estes acontecimentos se sucedem de forma contínua, simultânea e ininterruptamente, quando consideramos a quantidade de habitantes que existem na Terra e que estão frente a elas. Nesta perspectiva, Dollfus afirma que “toda paisagem que reflete uma porção do espaço ostenta as marcas de um passado mais ou menos remoto, apagado ou modificado de maneira desigual, mas sempre presente” (DOLLFUS,1991,p.11).

Para Dollfus os contatos existentes entre os indivíduos e as paisagens fazem com que os espaços passem a ser percebidos e concebidos, nas diversas circunstâncias da vida e conseqüentemente, descobertos. Uma compreensão que acontece de forma diferenciada entre as pessoas, porque todos nós vivemos de abstrações. Por isso existe uma incidência dinâmica, pessoal e intransferível, na observação que leva o autor a concluir que define o espaço geográfico como “[...] um espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto de seus sistemas de pensamento como de suas necessidades” (DOLLFUS,1991,p.52). Para Santos também “a percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência” (SANTOS,1988,p.62).

No entanto, pode haver coerência do grupo na percepção de uma paisagem valorizada, ou seja, como expõe Dollfus (1991,p.52), “cada agrupamento humano possui uma percepção própria do espaço por ele ocupado [...]”, o que faz com que a opinião sobre certos aspectos da paisagem valorizada, seja, na visão do grupo, coesa. Sua conclusão vem ao encontro da colocação de Lowenthal (1982,p.125),

que explica que “cada sistema social organiza o mundo de acordo com a sua estrutura e exigências particulares [...]”.

Para Santos, no casamento da sociedade com a paisagem, existe o movimento, por isso “[...] paisagem e espaço são um par dialético” (SANTOS,1998,p.72). Para Dollfus, a paisagem é o reflexo de um espaço que, pode ser agrupada em três grandes famílias: paisagem natural, paisagem modificada e paisagens organizadas, mas todas “[...] em função das modalidades da intervenção humana” (DOLLFUS,1991,p.30). Por paisagem natural subentende-se aquela que não foi submetida à ação humana, trata-se das paisagens anecúmenas, que podem ser naturais devido às ações extremamente rigorosas da natureza como frio ou calor, áreas áridas ou inundadas, isoladas ou com dificuldade de comunicação, constituindo-se paisagens inóspitas que por algum motivo ainda não se tornaram paisagens ecúmenas. As paisagens modificadas, são aquelas que sofreram algum tipo de transformação, de forma intensa ou não - são as que o homem submeteu às necessidades individuais ou coletivas, levando à transformação do meio sem necessariamente fixar moradias, nem exercer atividades agrícolas ou pastoris, pois as “[...] coletividades de caçadores e de coletores em constante deslocamento podem modificar a paisagem de modo irreversível” (DOLLFUS,1991,p.31). E finalmente, as paisagens organizadas são aquelas que sempre estão representando “[...] uma ação meditada, combinada e contínua sobre o meio natural” (DOLLFUS, 1991,p.33), meditada por ser uma ação organizada em função de um sistema econômico, combinado, por ser uma ação conjunta dentro de uma sociedade que busca atingir objetivos, e contínua, porque se mantém durante um certo período para que os objetivos possam ser alcançados.

A percepção e a cognição ambientais em relação a essas paisagens, sejam elas paisagens naturais, modificadas ou organizadas, vão além de simples expressões externas, explicadas através da sensibilidade e habilidade que o homem detém. No contato direto ou indireto com os objetos, sentimentos individuais do indivíduo afloram-se, dando oportunidades à construção e reconstrução contínuas do espaço, pois a cada novo dia o conhecimento sobre o mundo exterior pode ser diferente do dia anterior.

Essa interação é definida por Santos (1982,p.38), quando afirma que “a paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade”, sejam em nações ricas ou pobres, avançadas ou atrasadas, desenvolvidas ou em desenvolvimento. Independente do local, uma mesma paisagem pode representar diferentes momentos para uma sociedade, porque apesar da sociedade se transformar dentro do mesmo espaço ela acaba sendo “[...] o resultado de uma acumulação de tempos” (SANTOS,1982,p.38), algumas gerações passam dentro de uma mesma cidade, bairro, quarteirão e até em uma mesma casa e, embora não resistindo ao tempo, procuram manter as tradições, seja em uma região com produção agrícola ou que desenvolva a atividade industrial, o meio ambiente ainda é demarcado por paisagens parciais que são “[...] formas mais ou menos duráveis” (SANTOS,1982,p.38), concluindo então, que as paisagens perduram.

O conhecimento geográfico dessas paisagens valorizadas pode ser visto, segundo Lowenthal (1967) através de três dimensões: a natureza do ambiente, seja composta por cidades, florestas, indústrias, desertos, ou outros; o que pensamos e sentimos sobre ele, se o valorizamos, gostamos ou o ignoramos; e como nos conduzimos em relação a ele, com alegria, expectativa, ansiedade. O autor enfatiza a importância na vivência e a valorização da paisagem onde nos encontramos ou estamos inserido, porque nenhuma paisagem valorizada pode ser entendida isoladamente. Ao utilizar a abordagem perceptiva das paisagens valorizadas, o autor lembra que o estudo sobre a conduta humana em relação a ela deve preceder o entendimento dos processos de percepção e cognição ambiental, já que o ambiente é diferente para cada indivíduo frente sua história pessoal. Reforça ainda a idéia de que essa percepção está atada à natureza e pode ser ouvida, vista e cheirada. Então, todos nós nos encontramos como agentes interados à realidade do mundo que possui paisagens valorizadas, com intermináveis significados. Lowenthal acrescenta que a maneira como as paisagens deveriam ser valorizadas e a fácil aceitação dos arredores remotamente relembra aquele cenário ideal sonhado por muitos, porém esta separação entre o real e o ideal adquire formas diversas, ou seja, Lowenthal (1968,p.75), afirma existir uma lacuna entre o ideal e a realidade. Esta prática que pressupõe a percepção e cognição ambiental e, auxiliada por órgãos sensoriais e pela emoção que envolve os seres humanos, desde contatos

mais simples até os mais complexos, construindo uma realidade individual, “assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (TUAN,1983,p.10).

É na vivência que ocorre a prática pessoal que engloba os aspectos emocionais e psíquicos, em uma infinidade de experiências que podem ocorrer à nossa volta incessantemente em uma grande diversidade, que segundo Oliveira (1983) pode atestar o caráter multivariado da natureza, diante do qual podemos compreender as situações que ocorrem ao nosso redor. Como a autora escreve, o meio ambiente é tudo que rodeia o homem, quer como indivíduo, quer como grupo, e dessa forma ele não é apenas composto de cores, formas e extensões, mas ser valorizado também através de sons, odores e sensações. As cores, os odores, as formas, as sensações ou o que capte nossa atenção em relação ao meio ambiente, acaba nos envolvendo em momentos de intimidade pessoal com a paisagem valorizada. No instante da vivência individual, nos tornamos ativos e nos deixamos expostos a carícias, que nos impulsiona a uma nova prática.

O envolvimento pessoal com a paisagem valorizada, dentro de nossa realidade geográfica, faz com que o mundo vivido se transforme “[...] à medida que adquire definição e significado” (TUAN,1983,p.151). Existem ocasiões em que nos tornamos vulneráveis à afeição através dos contatos com eles. Nesta relação os homens podem externar suas afinidades pessoais, sem precisar provar nada a ninguém, visto que “os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contatos” (TUAN,1983, p.156).

A intimidade vem com o cotidiano e serve para compreendermos o que é visualizado ao nosso redor, iniciando assim um sentimento profundo que faz com que a pessoa se submeta à meditação e à contemplação. O arraigamento a uma cidade, a uma serra ou a um bairro, diante da vivência ou não, pode fazer que haja um aprofundamento no sentimento, porém Frémont (1980,p.133) afirma que “habitar não é a única maneira de nos situarmos. Todos os actos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de forma, de signos, de valores, de representações [...]”.

Para tanto, nossa mente se baseia na inteligência e nos sentidos e, enquanto o olhar se detém a algum ponto da paisagem valorizada, o olfato registra o odor e assim sucessivamente. Concluimos que a inteligência é imperativa para atingirmos este conhecimento, já que temos “[...] capacidade de reconhecer e sentir

profundamente o particular” (TUAN,1983,p.20). Ao longo dos anos, essa atuação simultânea da inteligência com os sentidos leva-nos a um acréscimo cada vez maior de conhecimentos, fazendo-nos compreender mais profundamente o que vemos e atribuímos valor, por isso, como afirma Tuan que “experenciarmos é vencer os perigos” (TUAN,1983,p.10). Quando pensamos com liberdade e contextualização ocorre um aprofundamento do nosso conhecimento, porque passamos a reconhecer cada detalhe por onde pisamos e vivemos. Contudo, a duração do tempo de permanência em uma paisagem valorizada pode não ser determinante para que haja uma experimentação, pois existem experiências curtas e intensas que mudam nossas vidas.

O envolvimento emocional propicia a percepção e cognição ambiental e em Tuan (1980), o sentimento positivo é difundido como topofilia, pois abarca experiências de lugares em que o homem tenha contato e se sinta bem, seja no passeio, no trabalho ou na própria habitação. Está também ligada ao lazer, a um acontecimento que nos leve a recordar com alegria do mundo que nos envolve, “[...] é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (TUAN,1980,p.107). Mas, para o autor, enquanto certos cenários são topofílicos, outros são melancólicos ou topofóbicos. No ambiente topofílico “a beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido [...]” (TUAN,1980,p.108), entretanto, ocorrendo inversamente, o ambiente é topofóbico. Conclui o autor que as paisagens valorizadas despertam sentimentos topofílicos, oferecendo, sobretudo, estímulo sensorial, contudo, elas não são a causa direta da topofilia, ou seja, “[...] ao agir como imagem percebida dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN,1980,p.129).

As paisagens litorâneas são valorizadas por muitas pessoas, especialmente aquelas que não moram no litoral e as associam à diversão, ao descanso e ao entretenimento, costumando ser atrativo para muitos, deixando comumente recordações topofílicas. Já as paisagens de montanhas, são valorizadas de forma diferente entre as culturas “os hebreus contemplavam-nas com confiança. Eles podiam sentir a paz das colinas eternas e alçavam seus olhos para as montanhas que eram um indicador do Divino” (TUAN,1980,p.81). Para o autor, muitos povos a analisavam da maneira que a avistavam, ou seja, “um lugar onde o céu e a terra se encontravam” (TUAN,1980,p.81). Os romanos, segundo Tuan, não sentiam tanta

simpatia por elas, por isso, “[...] foram descritas como distantes, hostis e isoladas” (TUAN,1980,p.81).

Enquanto as paisagens são valorizadas por alguns, não o são por outros. Este desagrado é conhecido por topofobia ou paisagem de medo. Na memória da humanidade, como bem aponta Lima (2001,p.332-372), ficou representado um momento topofílico muito forte representado no estudo onde as filigranas nas paisagens dos campos de concentração e extermínio construídos pelo Estado Alemão Nazista. Nesse estudo a autora constatou que a vida dos sujeitos aprisionados pelos nazistas, ficou desprovida de qualquer esperança, durante o período da Segunda Guerra Mundial, em que pairava um clima de incertezas no ar. Eles foram levados para campos de concentração, onde “para muitos o medo teve uma duração demasiadamente curta, embora sua intensidade estivesse às raias do terror; para outros, arrastou-se associado à angústia, ao pânico” (LIMA,2001, p.332-372). Os prisioneiros sobreviventes, seus parentes e os estudiosos da História, recordam as condições mais adversas e hostis possíveis que subjugavam quaisquer manifestações e expressões de vida, restando apenas sentimentos topofóbicos, que não conseguem ser extintos da mente humana. Como enfatiza Lima (2001,p.332-372), as pessoas que iam para os campos de concentração, possuíam “um destino primeiramente incerto e da permanência de estados de insegurança e angústia por ser um espaço desconhecido”, ou seja, uma paisagem do medo, simbolizando um aprisionamento, associado à morte, sob a instalação da utopia apregoada pelos nazistas. Diante deste fato, talvez muitas pessoas deixaram de enxergar as paisagens como valorizadas ou então passaram a valorizá-las ainda mais.

Contatos superficiais com paisagens são restritos ao “circuito turístico, atrás das janelas de vidro raiban, separa o homem da natureza” (TUAN,1980,p.110), podem deixar célebres recordações de paisagens valorizadas, pois como afirma Guimarães (2002,p.118) a paisagem pode ficar “[...] crivada no tamis de nossas experiências e percepções, transformada em lugares, em imagens fragmentárias de universos culturais, paradoxos de percepções, experiências e valores [...]”

Para que esta contradição esteja longe de nossa realidade, precisamos nos mostrar cada vez mais receptíveis diante das ocasiões extraordinárias e admiráveis que constituem o nosso dia-a-dia, pois “de tempos em tempos nos sentimos impregnados com tão forte sensação de bem estar físico, que transborda e nos envolve como se fora uma parte do mundo: nos dá vontade de cantar [...]”

(TUAN,1980,p.113). Dessa forma, a cidade acaba sendo vista, em detrimento do campo; o ar é compreendido através da terra; então, começamos a observar e valorizar a relativa simplicidade das paisagens, pois “para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo” (TUAN,1980,p.113), através de uma constante interação para com ele.

Por outro lado, a interação dos indivíduos com as paisagens valorizadas podem ser desiguais, quando explicadas segundo o ponto de vista do visitante em detrimento da visão do nativo. Inicialmente, quando o visitante chega a um determinado local, “[...] sua percepção freqüentemente se reduz a usar seus olhos [...]” (TUAN,1980,p.72), colocando sua atenção sobre o que avista, ele avalia a estética e usa o critério de beleza para julgar a aparência. Em um segundo momento, ele consegue reunir informações para montar suas próprias opiniões, que são críticas superficiais, mas se prendem mais aos aspectos visuais como às ruas estreitas, aos recantos íntimos ou às construções compactas de casas, “[...] sem parar para pensar como as pessoas realmente viveram [...]” (TUAN,1980,p.75). Apesar do visitante fixar sua atenção na estética, apontamos como antítese sua experiência profunda com o espaço visitado, o que faz com que esta paisagem não vivida seja valorizada. Já o nativo, está mergulhado na totalidade de seu mundo e se expressa somente através da conduta, mito, conhecimento, tradição e do padrão local. Dessa forma é fácil compreender porque os primeiros nativos brasileiros foram dizimados. Estavam eles diante de pessoas que possuíam outros valores e interesses chegando ao seu destino com ânsias econômicas, com objetivos específicos ligados à exploração das terras e, como consequência da exploração, restou uma população nativa aculturada e sinais irreversíveis de devastação. Todas estas paisagens precisam ser pensadas, sonhadas, construídas, para serem desmistificadas até tornarem-se conhecidas, sem empecilho na exploração dos significados. A pedagogia de compreendê-la, ou seja: “découvrir l’espace, penser l’espace, rever l’espace, créer l’espace.[...] Une pédagogie nouvelle pour um espace vécu doit prendre em compte ces quatre exigences” (FRÉMONT,1980,p.213), é uma atitude que exige interesse pessoal. A descoberta, o pensamento, o sonho e a criatividade são argumentos que nos levam a refletir com coerência sobre a paisagem valorizada, seja de forma individual ou em conjunto, nas complexidades concernentes à ligação entre o homem e o valor dado às paisagens.

O melhor modo de perceber a paisagem valorizada é experienciá-la através do auxílio da inteligência, pois a percepção "está ligada a um campo sensorial e ficará, conseqüentemente, subordinada a presença do objeto" (OLIVEIRA,1977,p. 98). A percepção é individual e egocêntrica e o sujeito percebe o conteúdo em função da forma, por isso é irreversível, não podendo "perceber simultaneamente os objetos situados à direita, à esquerda, em frente e atrás, ou em cima e embaixo" (OLIVEIRA,1977,p.99). Inversamente, com a utilização da inteligência, "[...] necessária à estruturação dos mundos" (TUAN,1983,p.11), ela evoca o objeto em sua ausência, remontando assim o curso do tempo e duplicando a percepção em sua presença, sem proceder da percepção, mas com uma influência recíproca, podendo ainda, "aproximar um elemento do outro, independente das distâncias do tempo e do espaço" (OLIVEIRA,1977,p.99). Entretanto, com a mesma intensidade, a inteligência pode dissociar os objetos, frente ao pensamento, levando os indivíduos a raciocinarem os objetos com independência, momento em que "o pensamento dá colorido a toda experiência humana [...]" (TUAN,1983,p.9).

Quando nos detemos a uma paisagem valorizada, "as interações entre o homem e o meio ambiente são permanentes, intensas e íntimas [...]" (OLIVEIRA,1989,p.313), pois nossos olhos captam certos pormenores, mas enquanto alguns detalhes são pontos contundentes para alguns indivíduos, para outros passam despercebidos. A percepção destas minúcias vai se compondo instintivamente como um quebra cabeças, unindo os significados, fazendo-os tornar-se uma totalidade individual e variável. No momento em que começamos a fazer a inclusão destas imagens fragmentadas em nossas mentes, nossa inteligência as adiciona através da percepção, ou seja, captamos com o nosso olhar uma variedade de pontos descontínuos que adquirem uma continuidade através da percepção sem, contudo, utilizarmos a vivência. Podemos então, compreender em Tuan que:

Movemo-nos das experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e conceitual. As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas freqüentemente não estamos sequer conscientes delas (TUAN,1983,p.151).

E, Oliveira afirma que:

Quando percebemos os objetos de nosso mundo físico como móveis e estáveis, os primeiros são definidos basicamente por uma trajetória, e os segundos por uma localização; tanto a trajetória como a localização são relações estabelecidas entre os objetos pelo sujeito (OLIVEIRA,1977, p.103).

A percepção e a conseqüente valorização das paisagens se dá através da soma e do acúmulo da prática, que permite que as imagens sejam interiorizadas em nosso cérebro através da visão, não como simples cópias, explica Oliveira, porque o seu tamanho não corresponde ao do objeto: falta-lhe o tridimensional, isto é, a profundidade, a solidez e a distância do mundo físico. Para tanto, a autora alerta que “[...] é preciso não confundir o ver com o perceber” (OLIVEIRA,1977,p.62), e adverte que “[...] é preciso distinguir a sensação da percepção” (OLIVEIRA,1977,p.61).

Os cegos, por exemplo, podem valorizar a paisagem mesmo não contando com as formas visuais dos objetos, eles experienciam através do tato. Existem pessoas com “[...] diferenças na visão das cores, a cegueira da cor vermelho-verde é um defeito bem conhecido; os que sofrem totalmente desta cegueira, vêm o mundo somente em amarelos, azuis e cinzas” (TUAN,1980,p.53).

Devemos igualmente relacionar a amplitude das atitudes humanas para a valorização da paisagem, em relação ao sexo, pois “o masculino e o feminino não são distinções arbitrárias” (TUAN,1980,p.61), existindo um modo diferente de responder ao mundo quando consideramos as diferenças fisiológicas. Em média, o sexo feminino é mais sensível, valorizando a beleza e a natureza, pois “a pele da mulher é mais delicada, mais suave e provavelmente mais sensível do que a do homem: ela é mais susceptível às sensações táteis” (TUAN,1980,p.61) e o homem, mais musculoso e pesado. Certamente na percepção os “[...] homens e mulheres olharão diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele” (TUAN, 1980,p.70), valorizando diferentemente as paisagens.

Atualmente muitos cientistas têm se interessado em compreender esta inter-relação entre os homens e as paisagens, sabendo que “o que está em questão são os sentimentos de indiferença, de afeição ou aversão do homem pelos lugares com

os quais tem alguma forma de contato” (AMORIM FILHO,1999,p.141), por isso dizemos que os sentimentos inatos e individuais, é que fazem a distinção entre o que cada sujeito observa. Dessa forma é importante uma “[...] melhor compreensão das relações que os homens mantêm com o mundo que os envolve” (AMORIM FILHO,1999,p.141).

Desde muito tempo “a paisagem ou as paisagens brasileiras foram descritas, analisadas, pesquisadas, estudadas, contadas, cantadas em prosa e em verso, na História e na Geografia” (OLIVEIRA,1998,p.119), manifestações estas que sempre incentivaram os interesses por paisagens valorizadas, acarretando uma tomada de consciência, de forma direta ou indireta, pois “[...] em qualquer sociedade, indivíduos com embasamento cultural semelhante, que falam a mesma língua, ainda assim percebem e experienciam diferentemente os lugares e suas paisagens” (MACHADO,1988,p.47).

Esses sentimentos propiciam, segundo Oliveira, uma constante interação com a paisagem valorizada em um ritmo evoluído, em que “[...] os mundos interior e exterior estão sempre interligados no funcionamento de um organismo humano [...]” (OLIVEIRA,1989,p.313), utilizando principalmente os aspectos afetivo e cognitivo, que são interdependentes.

O indivíduo, inserido em uma sociedade, possui certos valores culturais e alguns traços comuns com certas particularidades. Então, “[...] cada cultura filtra a percepção da paisagem em harmonia com seu estilo e técnicas particulares [...]” (MACHADO,1988,p.47). Embora eles tenham sido ensinados para valorizarem as mesmas paisagens, sua integridade física e psicológica permite uma valorização maior ou menor do mundo externo de acordo com seus interesses pessoais. E esta observação da paisagem inicia-se no momento em que nos posicionamos diante “[...] do efêmero prazer que se têm de uma vista até a sensação de beleza [...]” (MACHADO,1988,p.49). Mas, ao considerarmos que a vida em sociedade requer sacrifícios, certas inclinações pessoais tornam-se limitadas já que “o relacionamento físico-biológico-psicológico com o meio ambiente passa a ser completado pelo relacionamento cultural” (OLIVEIRA,1989,p.313), fazendo assim que se desenvolva entre seus membros uma unidade física e psicológica, vital para a sobrevivência da coletividade. Esta coesão assegura uma unidade nas reações emocionais comuns e uma considerável cooperação voluntária, compartilhando uma massa única de idéias na comunidade, não obstante, é claro, do valor atribuído individualmente.

Em inúmeros casos, o que é significativo para um grupo pode não ser para outro, assim, afirma Oliveira que “em geografia, é tão importante a representação como a percepção do espaço” (OLIVEIRA,1972,p.15). Por isso a valorização das paisagens ocorre diante de uma variedade grande de significados, já que “[...] não habitamos num mundo vazio, mas com cores de nuances de luzes e sombras, e muitas vezes de penumbra” (OLIVEIRA,1998,p.54) e os pontos visíveis e legítimos, que são variáveis à medida que o homem movimenta-se, podem tornar-se não visíveis. Além disso, devemos considerar que “o nosso espaço, todavia, também é composto de espaço reais e irreais” (OLIVEIRA,1998,p.54). Para Machado a exigência ao observarmos uma paisagem valorizada está na “[...] experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória” (MACHADO,1999,p.97). Para a autora, “os domínios da imaginação e da fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza, de tudo o que o homem constrói e dele próprio” (MACHADO,1999,p.97). É claro que para esta apreensão são englobados os aspectos geográficos de como essa paisagem valorizada nos apresenta enquanto “[...] cenário de um mundo-vivido, onde as pessoas nascem, crescem, se locomovem e se orientam, tocam, cheiram, ouvem e sentem, gostam e desgostam; enfim, passam ali toda sua vida” (MACHADO,1988,p.4).

Cada pessoa costuma valorizar um ambiente, seja para o trabalho, para o divertimento, para o descanso, certas paisagens que são valorizadas para uns não o são para outros. Mas, a preferência individual, selecionada a partir de resultados positivos, envolventes, prazerosos, causaram boas sensações, levaram ao “deleite ao sentir o ar, a água e a terra” (MACHADO,1988,p.49). Essa dinâmica é constituída de princípios de agradabilidade, como afirma Santana (2001,p.79-96), os fenômenos não devem ser observados de maneira isolada, ao contrário, a agradabilidade funciona como articulação. Por mais que alguns princípios sejam decisivos para a beleza visual dos lugares, sempre dependerão de apoio de outras condicionantes para valorização. Segundo o autor “o desempenho da beleza visual de lugares depende do somatório das composições que constituem o percurso da seqüência visual do usuário, a qual altera em seu decorrer por conta da transformação e da diferença de desempenho das composições” (SANTANA,2001,p.79-96). Se a pregnância e a clareza, segundo estudos psicológicos, agradam às sensações humanas, então elas são condicionantes da beleza visual dos lugares, isto porque

cada “cena possui um papel em relação ao bom desempenho das demais e do percurso como um todo” (SANTANA,2001,p.79-96).

Diante da infinidade de significados das paisagens valorizadas, que são compostas por reminiscências do passado e de manifestações do presente, observamos que os indivíduos são compelidos a uma observação espontânea do ambiente que os envolvem e a uma conseqüente avaliação. Esta avaliação resulta em definições que os fazem compreender individualmente o significado dos lugares, aceitando e atribuindo valores positivos aos ambientes aconchegantes aos seus olhos, ou valores negativos àqueles lugares que não lhe são agradáveis, sendo assim rejeitados automaticamente. Dentro das várias conexões que ocorrem, por uma infinidade de relações nos diversos ambientes “[...] a paisagem foi, está sendo e será redesenhada continuamente porque o elemento essencial à sua significação é o próprio homem e, diante dele, a paisagem está sempre apta a ser recriada” (MACHADO,1988,p.10).

Como a Serra da Mantiqueira, objeto de nosso interesse, possui significado, questionamos: Que valor é dado a ela? Essa paisagem é valorizada? Qual o sentimento causado em cada pessoa ao se deparar com a Escarpa? As pessoas percebem e conhecem a presença marcante da Serra? Um espaço construído, como São João da Boa Vista, que tem diante de si a paisagem da Serra da Mantiqueira é um espaço valorizado por seus observadores, pedestres ou transeuntes?

A Escarpa da Mantiqueira como paisagem valorizada.

***“Mantiqueira: lugar onde
as nuvens se escondem”.***
(origem tupi-guarani)



Foto: Marlene F.T.Colabardini (março/03)

Foto 30 – Escarpa da Mantiqueira, visualizada a partir da avenida Durval Nicolau, em frente ao condomínio “Vista da Serra”.

O Rebordo Ocidental da Escarpa da Mantiqueira visto a partir da cidade de São João da Boa Vista se apresenta como paisagem viva e concreta, porque em diversos ângulos, aparece como fundo, como um acabamento dado à paisagem-espetáculo. A Foto 30 capta um destes olhares que podemos obter, a partir de uma das avenidas, dando a impressão de estar cada vez mais perto e preso à escarpa, uma sensação de deslumbre e contemplação. Fazemos nossas as palavras de Lacoste:

C’est à idée cette du paysage-spectacle que nous nous sommes attachés dans um premier temps, car c’est elle qui empêche ce glissement du concept de paysage vers des représentations d’espaces trop vaste ou trop abstraites et qu’on ne peut pas véritablement regarder (LACOSTE,1977,pp.5-6).

A superfície que corresponde ao Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira está inserida em uma área planáltica, que foi denominada por Ross como “Planaltos e serras do Atlântico leste-sudeste” (ROSS,1996,p.58), um local que tem “sua gênese vinculada a vários ciclos de dobramentos acompanhados de metamorfismos regionais, falhamentos e extensas intrusões” (ROSS,1996,p.58). Para o autor, o processo epirogenético se manteve, do pós-cretáceo até o Terciário Médio, desenvolvendo soerguimentos da plataforma sul-americana, que “[...] reativou os falhamentos antigos e produziu escarpas acentuadas, como as das serras da Mantiqueira e do Mar [...]” (ROSS,1996,p.58).

A Serra da Mantiqueira, portanto, um acidente geográfico situado entre Minas Gerais e São Paulo que atua como marco divisório, é uma escarpa que recebeu de Abreu (1973) a seguinte caracterização geomorfológica:

Localiza-se neste espaço um núcleo de escudo muito complexo, soerguido pela epirogênese positiva e afetado por uma tectônica quebrável ativa pós-cretácica, em cujos rebordos encontramos os melhores exemplos, em nosso país, de montanhas em blocos (ABREU,1973,p.2).

A Serra da Mantiqueira ou Província da Mantiqueira, estudada também por Almeida & Hasui (1984), foi subdividida regionalmente em três setores: Setentrional, Central e Meridional, sendo que o setor setentrional, área de nosso interesse, demarca o limite natural entre o nordeste paulista do sudoeste mineiro. Este local possui características marcantes, destacando-se principalmente pelo “[...] fato de ser ela quase inteiramente constituída de rochas pré-cambrianas” (ALMEIDA & LITWINSKI,1984,p.282).

Tanto a escarpa da Mantiqueira, como a Serra do Mar são consideradas pelos geomorfólogos, como falha que ocorreu no relevo e/ou o resultado da ação de erosões. Ab’Saber e Bernardes aceitam as duas hipóteses, ou seja, concluem que ocorreram grandes falhamentos na parte oriental do Planalto Brasileiro e a erosão foi trabalhando sobre estes movimentos, dando um aspecto ondulado a escarpa, revelando assim, o desgaste realizado pela erosão. Toda esta esculturação da Província da Mantiqueira pode ser avistada por paulistas que trafegam por esta área

de abrangência da Serra da Mantiqueira, inclusive no setor setentrional, onde é denominada Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira.

Ab'Saber e Bernardes afirmam ainda que:

As formas atuais das grandes escarpas terminais do Planalto Atlântico do Brasil Sudeste apresentam um modelo de detalhe que não possui termos de comparação com quaisquer outros casos regionais já estudados. Faltam as facetas triangulares e degraus de falhas suficientemente nítidos, estando as escarpas de falhas presumíveis, sujeitas a uma dissecação de caráter muito especial e a um ciclo de evolução apenas superficialmente conhecido. Nenhum pesquisador bem avisado é capaz de conceber acidentes de relevo de tão grande expressão topográfica, tais como a Serra do Mar e a Serra da Mantiqueira, como sendo resultantes apenas de meros fenômenos erosivos (AB'SABER e BERNARDES, 1958,p.18).

Almeida & Litwinski (1984,p.282) acrescentam ainda que, o proterozóico foi caracterizado por um intenso metamorfismo, o que faz a área ser constituída como um complexo “[...] de gnaisses, migmatitos, granitos, granodioritos e restos de greenstone belts, cuja idade é em parte arqueana, pois acha-se comprovada por datações radiométricas” (ALMEIDA & LITWINSKI,1984,p.283). Para Ab'Saber (1975,p.22), a escarpa da Mantiqueira, por ser um terreno de consolidação antiga, apresenta-se como um planalto de estrutura complexa e com topografia acidentada, onde o período mais importante foi o pós-cretáceo, para a “gênese das escarpas de falhas das serras do Mar e da Mantiqueira e para a formação dos planaltos em blocos” (AB'SABER e BERNARDES,1958,p.17).

É comum entre os habitantes de São João da Boa Vista, recorrer ao perfil em relação ao Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira, como um ponto referencial físico para indicar em relação à localização da cidade. Mesmo sabendo que geograficamente a escarpa não faz parte do território municipal, a sensação de estarem integrados à escarpa é tão grande, que muitos acreditam que ela está localizada dentro do limite do município. Neste contexto, o Rebordo Ocidental da Mantiqueira Paulista é visto como uma paisagem valorizada, vivida e não vivida, por pessoas que a enxergam a partir de São João da Boa Vista. É uma escarpa que tem sido transposta desde épocas históricas e admirada tanto por paulistas como por mineiros, com maior ou menor dificuldade, sendo, desde sempre fora uma

passagem geográfica entre o nordeste do Estado de São Paulo e o sul de Minas Gerais, ligando uma pequena porção, mas muito significativa para seus moradores. O aspecto visual, transmitido através do perfil que sugere o ondulado das montanhas inclinadas com o sol ao fundo, sempre foi pintado pelas pessoas que a observam. Também a rede hidrográfica do Nordeste Paulista tem suas nascentes atreladas a este grande divisor de águas.

À constatação de que a geologia, influencia a cidade de São João da Boa Vista, notamos que em alguns trechos da zona urbana, há ruas com calçamentos de paralelepípedos retirados de rochas da escarpa, Foto 31, que provêm “de grandes afloramentos de gnaisses, dos quais um situado há poucos quilômetros do centro de São João da Boa Vista, no interflúvio do Jaguari-Mirim com o Ribeirão dos Porcos” (ABREU,1973,p.40).

É de acordo com Ab'Saber e Bernardes, que podemos confirmar a idade dos terrenos desta área, que compõem o sudeste brasileiro. Nela “é possível observar que à senilidade topográfica pode corresponder uma verdadeira senilidade em relação à potência dos solos e a fertilidade geral da região” (AB'SABER E BAERNARDES,1958,p.31) . Segundo a Casa da Lavoura, na área predominam os solos: Podzólico Vermelho Amarelo-Orto (57%); a presença, em menor percentagem, Latosol Vermelho Amarelo-Orto (24%); o litossolo fase substrato granito-gnaiss com (7%); o Litossol Roxo (11%), e os Solos Hidromórficos (1%), propiciando uma agricultura diversificada utilizando ainda a irrigação artificial.

Estes interflúvios, observados na Figura 12, caracterizam a morfologia local e estão representados no esboço morfológico do município de São João da Boa Vista. Este esboço foi elaborado com base nas pesquisas de Abreu, Nascimento e informações do RADAM Brasil. Ele possui uma divisão que não detalha com rigorosidade: os domínios morfoestruturais, das regiões e das unidades geomorfológicas.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/03)

**Fotos 31 - Algumas ruas do Bairro do Rosário,
calçadas com paralelepípedo.**

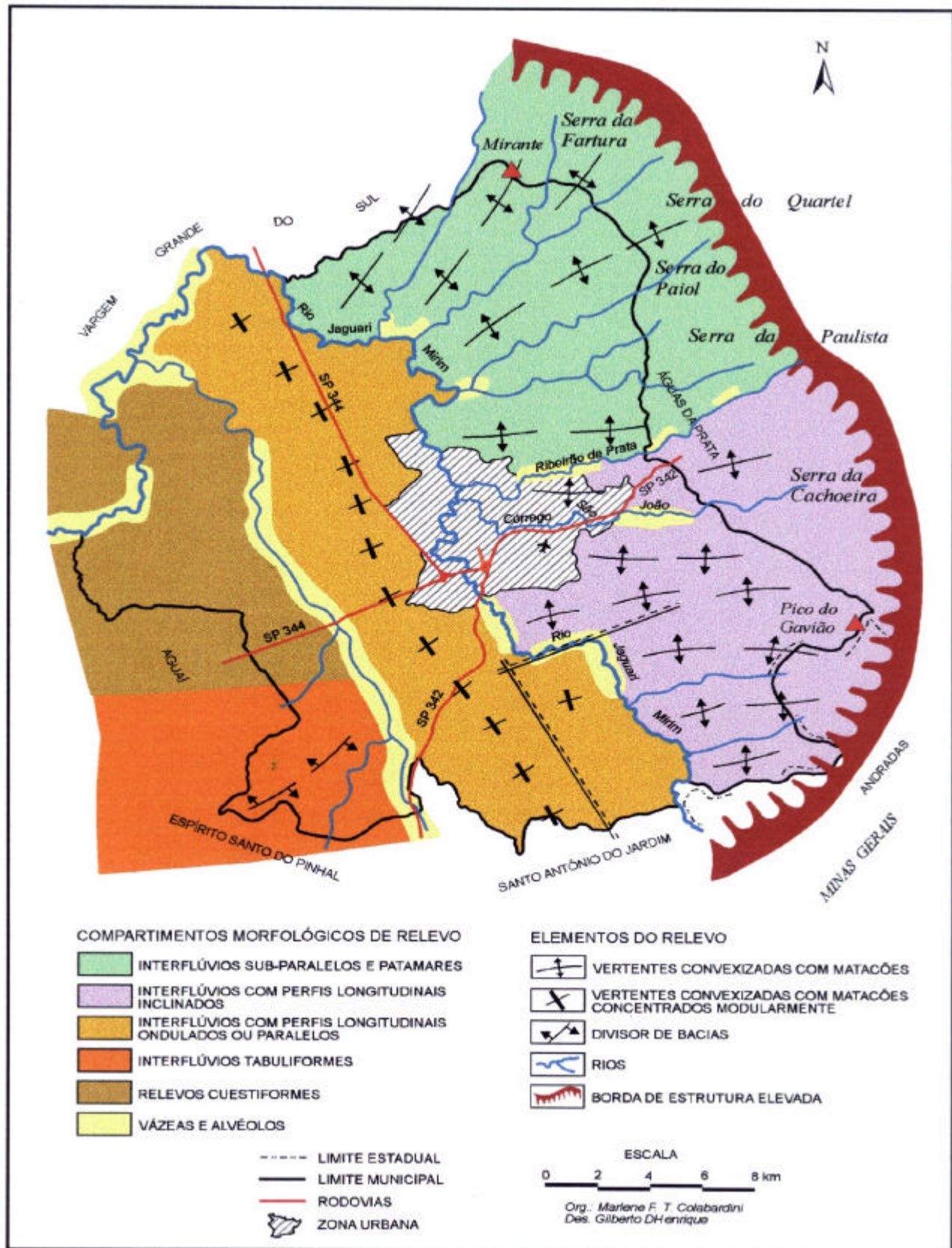


Figura 12 - Esboço Morfológico do município de São João da Boa Vista (modificado do Abreu, Nascimento RADAM Brasil)

Mas, descreve de forma simples e sem minúcias os principais aspectos morfológicos de São João. Partindo então, dos **compartimentos morfológicos do relevo**, temos na porção norte, na parte oriental do Rio Jaguari Mirim, os interflúvios subparalelos e patamares; e na parte ocidental interflúvios com perfis longitudinais ondulados e paralelos. Ao Sul, orientando pela porção oriental do Rio Jaguari-Mirim, representamos a existência de interflúvios com perfis longitudinais inclinados, e, dando continuidade, na porção Norte ocidental do mesmo rio, existem interflúvios com perfis longitudinais ondulados ou paralelos. Portanto, os interflúvios do município diferenciam-se quanto ao seu tipo, porque podem apresentar-se ondulados ou paralelos, tabuliformes, inclinados, subparalelos e com patamares. A oeste, entre o Ribeirão dos Porcos e o limite com o município de Aguaí encontramos relevos cuestiformes e, entre o Ribeirão dos Porcos e o município de Espírito Santo do Pinhal, interflúvios tabuliformes. Quanto às áreas próximas aos rios que banham São João, apresenta formações de uma orientação estrutural ou tectônica angular na porção sul do município. Durante todo o percurso do Rio, através de seus meandros, surgem sucessivas áreas de várzeas e alvéolos. Para representar os **elementos do relevo**, utilizamos a descrição da hidrografia de São João da Boa Vista, que possui nascentes que partem da Borda de Estrutura Elevada; tendo na porção oriental do Rio Jaguari-Mirim, vertentes convexizadas com matacões e na porção ocidental, vertentes convexizadas com matacões concentrados modularmente; e, finalmente, a Sudeste do município, no limite com Espírito Santo do Pinhal, encontramos um grande divisor de bacias.

O Geossistema da Mantiqueira, caracterizado por possuir um "[...] relevo, do tipo apalacheano apresenta interflúvios paralelos e alongados, montanhas com vales profundos e escarpas com espigões digitados" (TROPPMAIR,2000,p.47), nos trechos entre os interflúvios, engenheiros civis foram adaptando as construções de rodovias que acompanham os vales.

Em todo o Geossistema da Mantiqueira encontramos "[...] excelentes oportunidades para o desenvolvimento do turismo, especialmente do ecoturismo" (TROPPMAIR,2000,p.51), "relevo acidentado, o clima e a altitude elevada comandam a dinâmica desse sistema" (TROPPMAIR,2000,p.47). Esta constatação se dá por meio de três elementos principais que comandam a dinâmica desse sistema. Estes três elementos propiciam o turismo através de atividades esportivas, de lazer e de descanso, pois com a altitude elevada, além das cachoeiras, que são

as corredeiras que nascem neste grande divisor d'água, proporcionam banhos para os turistas, atividade de rapel, garante saltos em asa delta ou parapluíers, além da visão panorâmica que se tem do Mirante, com 1663m; o clima, com suas temperaturas menos quentes e com pequena amplitude térmica, garantem uma agradabilidade local para as pessoas que querem fugir de lugares abafados e calorentos; e especialmente, o relevo acidentado proporciona uma variedade de espetáculo de diversos ângulos, para aqueles que procuram cenários serranos agradáveis.

Para o termo mantiqueira, temos duas referências de origem tupi, **“queira”** estando ligado a caída da chuva, gotejar ou goteira e **“Mantiqueira”** como o lugar onde as nuvens se escondem. Em São João da Boa Vista este termo acabou sendo empregado em várias atividades por empresas do setor terciário, sejam elas voltadas para a habitação, com a venda de lotes da construção civil, onde a empresas imobiliárias sugerem vistas eternas. É o caso do loteamento “Vista da Serra” e do “Morro Azul”, observados nas Fotos 32; o clube, como o “Mantiqueira Country Clube”, na Foto 33; empresas de turismo como “Mantiqueira Turismo”; e até no carnaval na “Escola de Samba Sol Nascente”. Estas diversas denominações possuem ampla influência da morfologia local.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/03)

Fotos 32- Condomínios Vista da Serra e Morro Azul, em construção.

Essas idéias, como o da Mantiqueira, são confirmadas por Lima, ao relatar sobre a influência de ecossistemas com seus aspectos cênicos sobre uma determinada área:

As estruturas paisagísticas, enquanto ecossistemas diferenciados, encontram-se sujeitas a muitas transformações, que acabam refletidas diretamente em sua qualidade visual, ou seja, em seus aspectos cênicos. Desse, modo, a análise e o diagnóstico das paisagens, tornam-se cada vez mais um tema de estudos multi e interdisciplinares, dada à natureza das variáveis relacionadas (LIMA,1998,p.58).



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/03)

Foto 33- Fachada da entrada do Mantiqueira Country Clube.

Podemos relatar também que o comércio local se inspirou na Serra da Mantiqueira para colocar nomes em farmácias, como a “Farmácia Mantiqueira” representada na Foto 34; locadora de vídeo como “Lauer Vídeo Mantiqueira” representada na Foto 35; e lojas de materiais para construção “Mantiqueira” representada na Foto 36; bem como o bar e lanchonete “Mantiqueira Country” representada na Foto 37.



Foto: Marlene F.T, Colabardini (jul/03)

Foto 34 – Drogaria Mantiqueira na Av. Dr. Oscar Pirajá Martins.



Foto: Marlene F.T, Colabardini (jul/03)

Foto 35- Locadora de Vídeo na Av. Durval Nicolau.



Foto: Marlene F.T, Colabardini (jul/03)

Fotos 36- Casa de materiais para construção na Av. Durval Nicolau.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (jul/03)

Fotos 37- Bar Mantiqueira Country localizada na Av. Durval Nicolau.

Além da exploração já relatada, mencionamos ainda a utilização dos espaços ao lado de algumas avenidas, utilizados para a colocação de “out doors”, que exploram a propaganda do comércio, comprometendo o panorama que se tem da vista para a escarpa, como nas Fotos 38.



Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/03)

Fotos 38- Alinhamentos de “out doors” nas avenidas: Durval Nicolau e Oscar Pirajá Martins.

Para muitos sanjoanenses, um ponto de referência que se relaciona, em certos momentos diretamente com o tipo de tempo meteorológico, onde a escarpa pode ser observada, através das fotos retratadas em diversos momentos como mostra as Fotos 39, que transmitem algumas dessas expressões, pois são avistados os tons coloridos de azul e verde nos dias claros; a claridade demasiada proporcionada pelo sol do dia ensolarado; sombreado ou nublado dos dias de chuva; e até o esfumaçado, causado pela poluição, todos eles avistados por indivíduos que olham para a Serra da Mantiqueira e acabam tendo a noção de como será ou como foi o dia da cidade, porque acaba sendo refletido na Escarpa.

Portanto, constatar como esta escarpa é observada e verificar que número as variáveis atuam na apreciação dessa paisagem, será nosso desafio, onde tentaremos, através de uma pesquisa de campo, compreender o tipo de relacionamento que as pessoas estabelecem com esta paisagem valorizada seja no trabalho, no lazer, ou em outras circunstâncias. Para tanto, desenharemos uma pesquisa com a população sanjoanense, recorrendo a uma abordagem perceptiva e cognitiva sobre a Mantiqueira.

Através dessa pesquisa pretendemos avaliar qualitativamente a percepção em relação com a Serra da Mantiqueira enquanto paisagem valorizada. Estas são estratégias de investigação que buscam respostas às inquições até agora levantadas sobre a inter-relação entre o indivíduo e a paisagem, pois “viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas” (TUAN,1983,p.204).

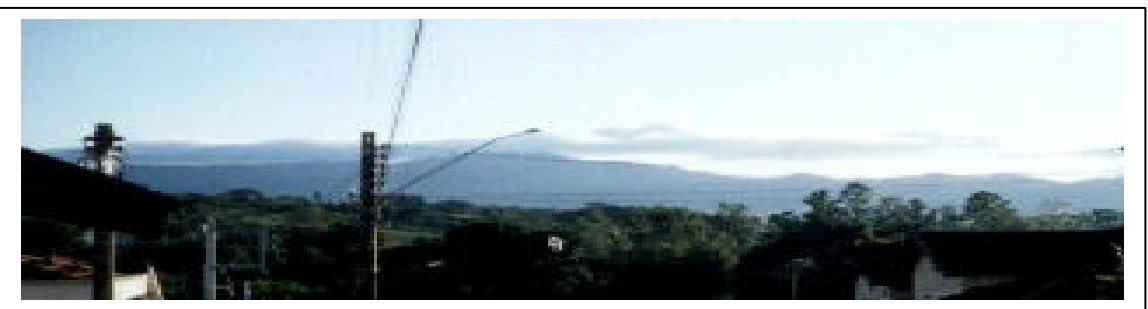
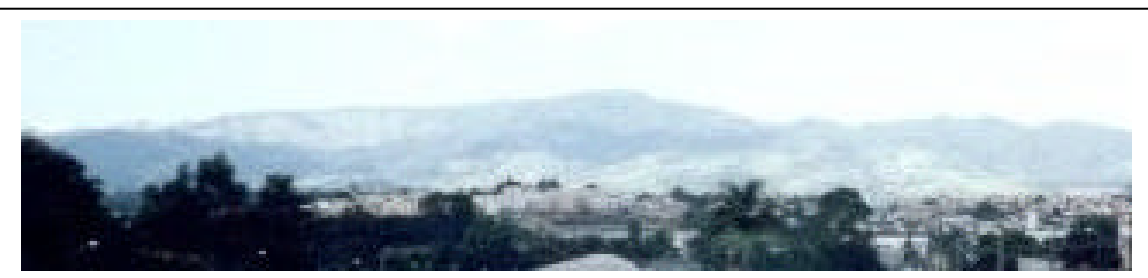


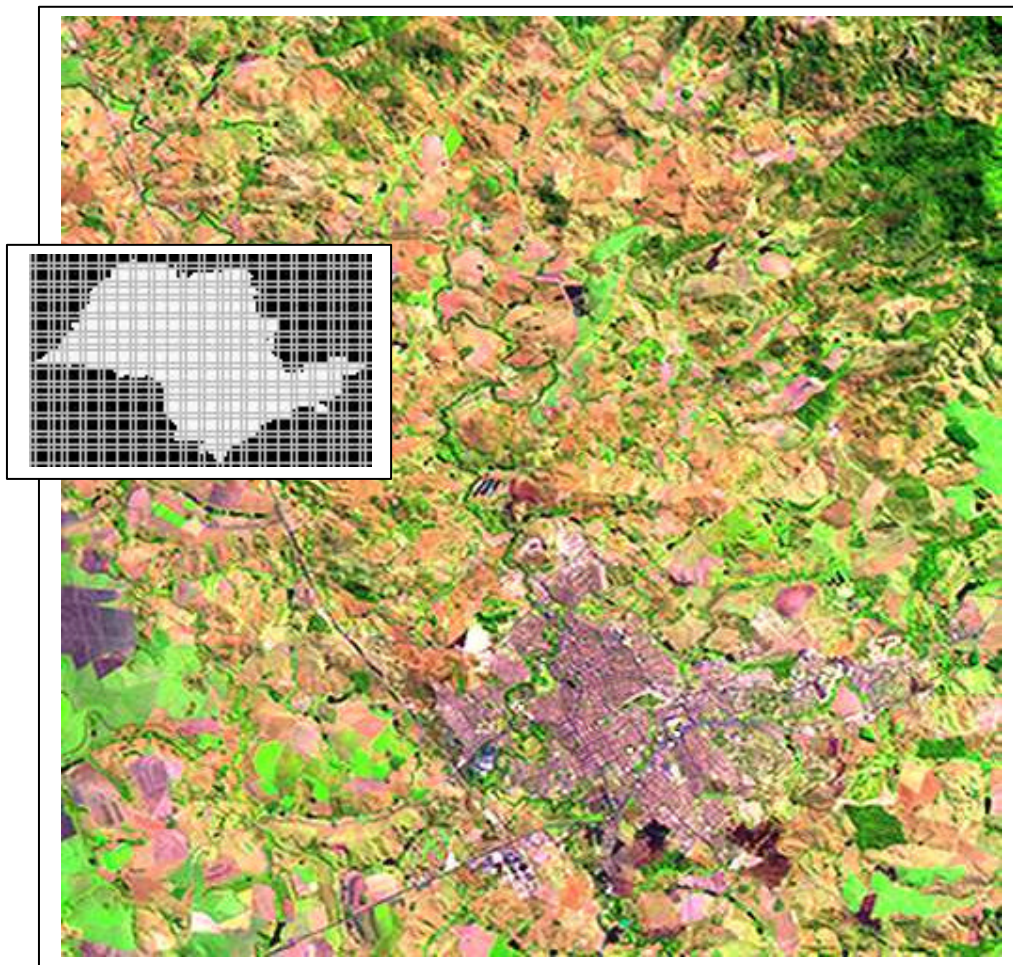
Foto: Marlene F.T.Colabardini (mar/03)

Fotos 39 – Foto da Serra da Mantiqueira em diversos momentos: ensolarado, iluminada pelo sol, nublada e esfumada.

CAPÍTULO III

CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA PARA A VALORIZAÇÃO DA SERRA DA MANTIQUEIRA

*A cidade se desdobra e cresce
Numa linha triunfal, ascendente.
Testemunho de fé aparece
Na história fiel de sua gente.
O progresso de perto acompanha!
Sua inteligência e saber.
É uma benção viver nesta terra!
E uma glória um dia aqui morrer.
(Hino da cidade,1972).*



Fonte: www.saojoao.sp.gov.br (jan/2003).

Figura 13 – Imagem de satélite: mancha urbana de São João da Boa Vista .

Atualmente, com o avanço tecnológico, é possível obter imagens de satélite de qualquer ponto da superfície terrestre. Uma destas imagens representada pela Figura 13 é a mancha urbana de São João da Boa Vista, posicionada a SSE em tonalidade lilás. Cortando a mancha urbana vemos também o Rio Jaguari Mirim descrevendo seus meandros na direção SE-NW; no sentido Oeste, as rodovias que dão acesso à cidade; a Leste da mancha urbana está o Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira Paulista.

Em qualquer ponto da cidade onde estivermos descortinamos a Serra da Mantiqueira, que se parece nova a cada olhada e diferente daquela vista anteriormente ou em outra posição. Mas, seja em qualquer área, bairro ou ponto cardeal da cidade, ela está exposta à visão, dando ao observador a oportunidade de tomar consciência de sua presença.

Sobre paisagem percebida, Machado (1988) afirma que ela:

[...] não é a simples adição de elementos geográficos. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto, instável, de elementos físicos, biológicos e humanos que, interagindo uns com os outros, fazem dessa paisagem um conjunto individualizado e indissociável, em perpétua evolução. Trata-se, pois, da paisagem global e integrada, cuja unidade é incontestável, pois ela resulta da combinação local de todos os elementos presentes e de uma dinâmica comum, tanto interna como externa. Assim colocado, o estudo da paisagem envolve as interações entre a sociedade e a natureza, não se restringindo apenas ao sistema natural ou ao sistema sócio- econômico, mas abarcando todo um conjunto de elementos em contínua combinação dinâmica. Esta noção de complexidade organizada situa-se, sem dúvida, no cerne da teoria geral dos sistemas (MACHADO,1988,p.16).

A paisagem do Rebordo da Mantiqueira é uma combinação desses elementos geográficos, associados aos biológicos e humanos, em uma interação homem-natureza, juntamente com as complexidades físicas, naturais e socioeconômicas, resultando em um complexo que abarca o conjunto de elementos em contínua evolução.

Sobre a complexidade que envolve a percepção e a cognição do Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira a partir de São João da Boa Vista, justifica-se uma abordagem do sentimento topofílico ou topofóbico que as pessoas possam estabelecer em relação a ela. Este sentimento será um novo aspecto que irá

contribuir para o estudo de paisagens valorizadas, bem como fornecer subsídios aos próximos estudos.

Entretanto, os estudos perceptivos e cognitivos, implicam alguns objetivos: um deles é averiguar se os indivíduos que desenvolvem uma vivência com o local, se identificam com a presença da Escarpa, enxergando-a de forma completa ou parcial, ou ainda, se surge esta identificação mesmo que o sujeito não a enxergue; o segundo, teria o intuito de compreender se a Serra da Mantiqueira possui algum significado afetivo junto aos indivíduos, e finalmente, saber se existe algum elo emocional, (topofílico ou topofóbico), isto é, que valor é atribuído a esta paisagem serrana.

A Realização da Pesquisa

A convivência diária com uma paisagem serrana que se descortina em vários ângulos da cidade, desperta nossa curiosidade sobre o tipo de sentimento provocado por ela nos indivíduos. Para tanto, considerou-se oportuna uma pesquisa sobre a percepção e cognição da Serra da Mantiqueira a partir de São João da Boa Vista, com o propósito de analisar a identidade, a afetividade e o significado da mesma para os moradores da cidade, isto é, de averiguar quais laços que envolvem os indivíduos e a Serra. Também de indagar se a presença do Rebordo Ocidental da Escarpa da Mantiqueira, uma paisagem atraente e conhecida, é valorizada pelos habitantes de São João da Boa Vista. Assim se abrem nossos horizontes averiguando até que ponto ela é percebida e apreciada, justificando-se então, conhecer as opiniões de indivíduos que a vivenciam.

Procedimentos da Pesquisa

Os procedimentos desta pesquisa foram desenhados com a finalidade de abordar a percepção e cognição, a afetividade, a valorização e a identidade da população de São João da Boa Vista em relação ao Rebordo Ocidental da Serra da Mantiqueira. Para tanto, realizou-se uma investigação de campo em cinco áreas da cidade: Centro, Norte, Sul, Leste e Oeste.

Caracterização dos Sujeitos

Constituíram-se sujeitos desta pesquisa, 500 pessoas, um número considerado suficiente que permitiriam alcançar nossos objetivos. Desses sujeitos, 200 foram do Centro e 75 de cada uma das outras quatro áreas. Na área Norte a aplicação foi realizada no Bairro do Rosário, no Jardim Guanabara e Vila Valentim; na área Sul, no Bairro do DER, Jardim São Nicolau e Vila Rica; na área Leste, na Vila Brasil, São Domingos e Santa Clara; e, na área Oeste, na Vila Nossa Senhora de Fátima, Jardim Cledirna e Jardim Durval Nicolau III.

Em relação ao **Sexo**, dos sujeitos, 186 (37,2%) eram do sexo masculino e 314 (62,8%) do sexo feminino, sendo que o Centro foi constituído por 67 homens e 133 mulheres, a área Norte por 35 homens e 40 mulheres, a área Sul por 31 homens e 44 mulheres, a área Leste por 25 homens e 50 mulheres e a área Oeste por 28 homens e 47 mulheres. Em todas as áreas a aplicação se deu durante o dia e ao acaso. A maior porcentagem de sujeitos foi do sexo feminino, uma vez que as mulheres se apresentavam com maior frequência tanto no comércio local, como eram também, maioria em todos os bairros.

Para a variável **Idade**, o critério foi inquirir os sujeitos acima de 16 anos, considerando que os menores dessa idade possuem pouca vivência e, o limite máximo, foi de 60 anos. Estes sujeitos foram organizados em grupos de 15, segundo a classe etária, ou seja, consideramos os sujeitos entre 16 a 30 anos, que constituem os jovens e adultos jovens; aqueles entre 31 a 45 anos compõem a classe dos adultos; e, os com idade entre 46 a 60 anos que formam a classe dos

adultos maduros. Para o primeiro que chamamos Grupo I, os jovens e adultos jovens, o maior número de sujeitos foi com a idade de 28 anos (com um total de 23 pessoas); no Grupo II, os adultos, a idade de 42 anos (com 19 sujeitos); no terceiro e último, o Grupo III, os adultos maduros, destacamos os sujeitos de 60 anos (com 21 pessoas).

TABELA 2

Distribuição dos sujeitos por Classe Etária e Sexo, pelas áreas.

n = 500							
ÁREA	Grupo I		Grupo II		Grupo III		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	
Centro	18	70	31	42	17	22	200
Norte	13	8	8	19	12	15	75
Sul	15	13	6	19	12	10	75
Leste	15	24	6	11	6	13	75
Oeste	15	12	7	27	5	9	75
TOTAL	76	127	58	118	52	69	500

A Tabela 2, que representa a distribuição dos sujeitos através dos três grupos etários divididos segundo o sexo em cinco áreas, nos chama a atenção para o Grupo I, que foi a faixa etária mais presente com destaque para o sexo feminino, com 127 pessoas; em contrapartida, a de incidência menor, foi o Grupo III do sexo masculino, com 52 pessoas.

Quanto à variável **Escolaridade**, os sujeitos foram distribuídos em quatro níveis: os Analfabetos somam 0,6% das pessoas; Ensino Fundamental com 28%; Ensino Médio com 37,4%; e o Ensino Superior 34% dos sujeitos.

TABELA 3

Distribuição do número de sujeitos segundo o sexo e o grau de escolaridade

n = 500									
ÁREA	A		EF		EM		ES		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	
Centro	-	-	20	19	18	60	29	54	200
Norte	2	-	11	13	12	16	9	12	75
Sul	-	-	11	14	10	11	10	19	75
Leste	-	-	10	19	15	22	0	9	75
Oeste	-	1	10	13	10	13	11	17	75
TOTAL	2	1	62	78	65	122	59	111	500

Segundo Tabela 3, que demonstra os sujeitos segundo o grau de escolaridade e o sexo, podemos constatar que a maior incidência se deu no Ensino Médio para o sexo feminino com 122 sujeitos, seguido pelo Ensino Superior com 111 sujeitos, do mesmo sexo.

O Grau de Escolaridade, segundo o número total de sujeitos, quando relacionados por série, levou-nos a duas conclusões: na primeira, notamos que é menor a incidência dos sujeitos entre as primeiras séries da Educação Básica (no Ensino Fundamental e Médio) e Superior; em contrapartida, a maior incidência ocorre nas séries que finalizam os ciclos, ou seja, na 4ª e 8ª série do Ensino Fundamental, na 3ª do Ensino Médio e na 3ª série do Ensino Superior, para tanto, julgamos que estas são as séries que concluem os ciclos e fornecem um certificado de conclusão às pessoas, o que os impulsiona a finalização dos ciclos. Finalmente, na segunda, observamos que o maior grau de escolaridade dos sujeitos em São João da Boa Vista foi encontrado no Ensino Médio.

Para a caracterização dos sujeitos foram consideradas mais duas variáveis: a primeira, diz respeito àqueles que **moram ou não** em São João da Boa Vista e, a segunda, relaciona-se com os que **enxergam ou não** a Serra da Mantiqueira, a partir do local onde eles foram abordados.

Dos sujeitos, 440 moram em São João da Boa Vista e 60 não moram. Os que enxergam a Escarpa são 366 e 13 não a enxergam. De todas as áreas durante o trabalho de campo foi possível observar que os sujeitos estavam posicionados em locais onde foi possível enxergar a Escarpa, exceto alguns lugares onde existiam obstáculos aos edifícios e aos vales.

TABELA 4
Distribuição dos sujeitos que moram ou não na cidade de São João da Boa Vista e os que enxergam ou não a Serra da Mantiqueira, segundo o sexo e áreas.

n = 500

ÁREA	MORA		NÃO MORA		ENXERGA		NÃO ENXERGA		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	M	F	
Centro	49	115	18	18	66	132	1	1	200
Norte	30	35	5	5	15	20	20	20	75
Sul	31	39	-	5	7	14	24	30	75
Leste	23	43	2	7	25	48	-	2	75
Oeste	26	46	2	1	14	27	14	20	75
TOTAL	159	278	27	36	127	241	59	73	500

A Tabela 4 representa, os sujeitos que moram ou não na cidade e os que enxergam ou não a Escarpa, de acordo com o sexo e distribuídos por áreas. Conforme essa Tabela, 31,8% dos moradores são do sexo masculino e 55,6% do feminino, obtendo maior incidência. Entre os não moradores, 5,4% dos sujeitos são do sexo masculino (menor incidência) e 7,6% sujeitos do sexo feminino. Dos sujeitos que enxergam a Escarpa, 25,65% são do sexo masculino e 48,2% do feminino (maior incidência); e entre os que não enxergam, 11,8% são do sexo masculino e 14,6% do feminino. Nesta Tabela, os dados revelam que a maior porcentagem dos sujeitos mora em São João da Boa Vista e enxergam a Serra da Mantiqueira,

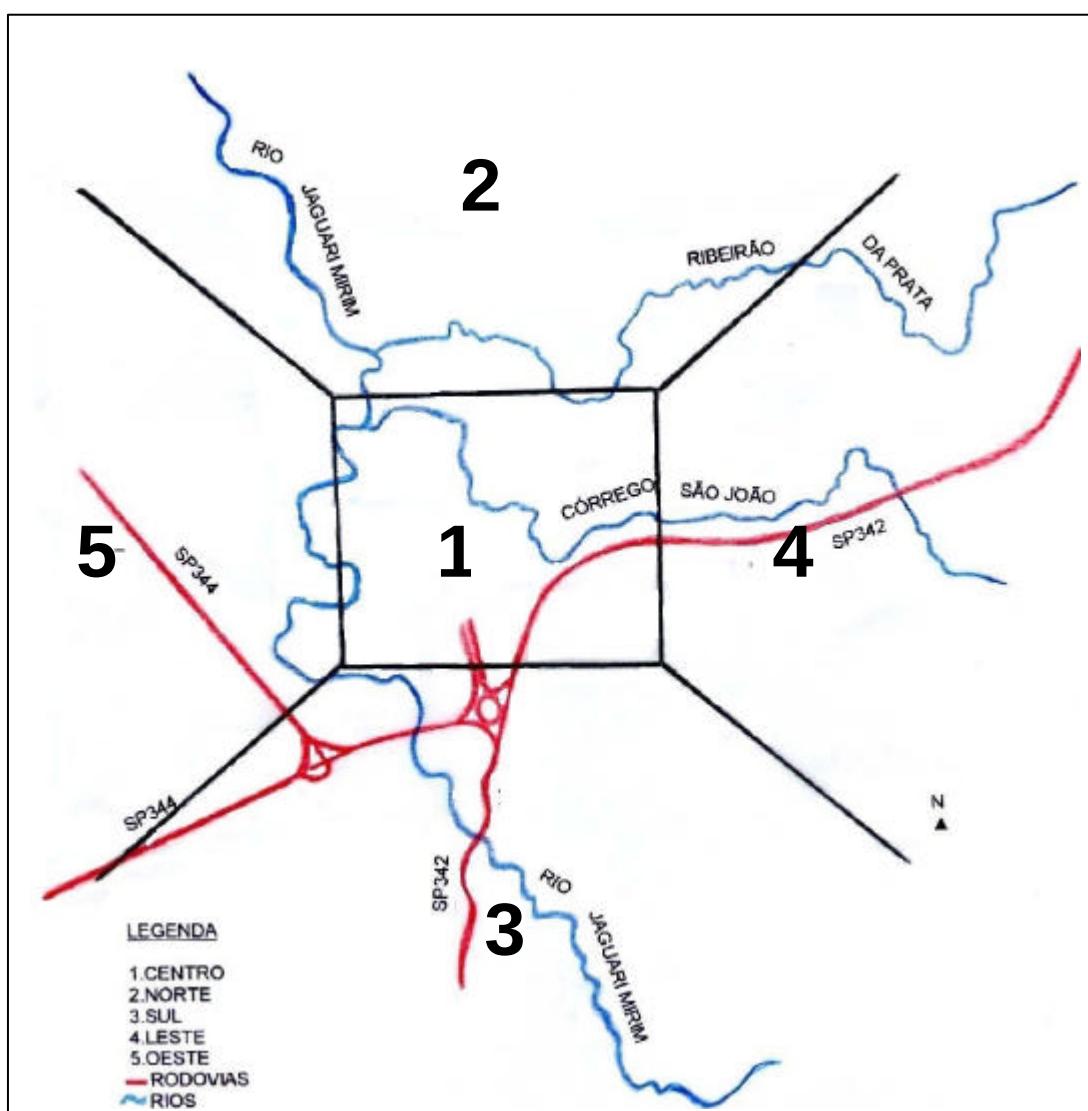
Instrumento de Medida

Construímos um instrumento de medida composto por duas partes: a primeira com os **Dados Pessoais** dos sujeitos, considerando o sexo, a idade, a escolaridade, mora ou não mora em São João da Boa Vista, enxerga ou não enxerga a Escarpa. E a outra parte, composta por um **Questionário**, com quatro questões abertas e semi-abertas, cujo modelo encontra-se em Anexo.

O fato de gostar ou não da cidade integrou a primeira pergunta: ***Você gosta ou não de São João da Boa Vista, Por que***, a questão foi feita com a intenção de reconhecer os elementos utilizados pelos sujeitos para descrever o sentimento em relação à cidade. Na segunda, ***Para São João da Boa Vista, a Serra da Mantiqueira é ou não atrativo, Por que***, para saber se existe preferência por parte dos sujeitos, por esta paisagem e, verificar o significado da Escarpa da Mantiqueira em suas vidas. A terceira ***Você já esteve ou não na Serra da Mantiqueira, Onde esteve, Por que***, para conhecer se houve interesse ou oportunidade em visitá-la. Se houve este interesse, pedimos que citasse o local da Escarpa onde esteve, se não houve, solicitamos que o sujeito nos indicasse o motivo pelo qual não esteve no local. Finalmente, na quarta e última pergunta, ***O que a Serra da Mantiqueira representa para você, Por que***, foi realizada com o intuito de levar o indivíduo a externar seu sentimento pessoal e intransferível pela Escarpa.

Coleta de Dados

Os dados foram coletados entre os dias 18 e 25 de julho de 2003, com exceção do dia 20, um domingo, devido a pouca circulação de pessoas pela cidade. Os questionários foram aplicados nas áreas previamente fixadas representadas no esquema da Figura 14: Centro, Norte, Sul, Leste e Oeste, no perímetro urbano de São João da Boa Vista. Foram preenchidos pela própria pesquisadora, com duração entre 4 e 5 minutos, com pessoas que transitavam pelas ruas ou se encontravam em suas residências.



Desenho: Marlene F.T.Colabardini

Figura 14 – Esquema das áreas onde foram coletadas as informações do questionário em São João da Boa Vista.

Resultados e discussões

A Serra da Mantiqueira, bem como o seu Rebordo Ocidental constitui uma escarpa bastante extensa, oferecendo assim, uma paisagem serrana que abrange inúmeros municípios. Em São João da Boa Vista as pessoas percebem a presença desta paisagem? Desenvolvem alguma afetividade ou identidade em relação a ela? Que significado é atribuído à Escarpa? Elas valorizam a Serra da Mantiqueira? Diante dessas indagações, o cerne do nosso interesse é saber se a presença de uma Escarpa vista da cidade, é um fator diferenciador no cotidiano daqueles que aqui vivem.

As informações obtidas pelo questionário foram analisadas quantitativa e qualitativamente. Nas quatro questões, de acordo com as respostas, houve uma categorização que variou de questão para questão.

Para que a apresentação dos resultados ficasse enriquecida, acrescentamos alguns exemplos durante as discussões. Para tanto, consideraremos algumas siglas, com a respectiva numeração dos questionários nas cinco áreas, sexo, idade, grau de escolaridade, mora e não mora:

Cidade:	SJBV (São João da Boa Vista)
Áreas:	C (de 0 a 200)
	N (de 201 a 275)
	S (de 276 a 350)
	L (de 351 a 425)
	O (de 426 a 500)
Sexo:	M e F
Idade:	Grupo I (16 e 30 a)
	Grupo II (16 e 30 a)
	Grupo III (16 e 30 a)
Grau de Escolaridade	A (analfabeto)
	EFC ou EFI (Ensino.Fundamental completo ou incomp.)
	EMC ou EMI (Ensino Médio completo ou incompleto)
	ESC ou ESI (Ensino.Superior completo ou incompleto)
Morador e Não Morador:	M e NM

PRIMEIRA QUESTÃO: Você gosta ou não de São João da Boa Vista? Por quê?

Enquanto 95% dos sujeitos responderam que gostam de São João da Boa Vista (SJBV), apenas 5% não gostam. Estas respostas foram organizadas em sete categorias: Afetividade, Econômico, Entretenimento, Estético, Naturalidade, Natureza e Qualidade de vida.

TABELA 5
Porcentagem de sujeitos que gostam ou não de São João da Boa Vista, segundo as categorias.

CATEGORIA	n= 500	
	GOSTA (%)	NÃO GOSTA (%)
Afetividade	9,5	0,6
Econômico	9,2	1,8
Entretenimento	2,5	1,8
Estético	6,0	-
Naturalidade	11,5	-
Natureza	14,5	0,6
Qualidade de Vida	42,0	-

De acordo com a Tabela 5, notamos que a maior porcentagem apontadas pelas pessoas foi a categoria Qualidade de Vida, seguida pela categoria Natureza, entretanto, a de menor incidência esteve na categoria Entretenimento.

A Tabela 6 foi organizada de acordo com o Sexo e a Faixa Etária dos sujeitos, além das sete categorias, nela também observamos a quantidade de opiniões dos sujeitos que gostam ou não de SJBV. A primeira categoria, a **Afetividade**, enfocou o laço afetivo do sujeito em relação à cidade, com respostas que demonstram esta simpatia, seja por causa das amizades contraídas, por sentirem-se arraigados ao local ou por enxerga-la como o seu lar. Como afirma Tuan (1983,p.160): “o lar é um lugar íntimo” e os laços afetivos dos seres humanos diferem-se pela sutileza e modo de expressão. Para esta categoria houve destaque para o número de opiniões do sexo feminino no Grupo I no Centro, com 6 opiniões e no Grupo II no Oeste, com 6 opiniões, onde incide o maior número de respostas que apontam esta categoria como sendo motivo para gostar da cidade:

(96) C, F, 21a, EMC, M: *A população é acolhedora.*

(446) O, M, 41a,ESC, M: *A cidade é hospitaleira.*

TABELA 6
Distribuição dos sujeitos que gostam ou não de São João da Boa Vista,
segundo o Sexo e a Faixa Etária n= 500

ÁREA	CATEGORIA	GOSTA								NÃO GOSTA							
		I		II		III		TOTAL		I		II		III		TOTAL	
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
C	Afetividade	1	9	4	5	2	4	7	18	-	-	-	-	-	-	-	-
	Econômico	3	4	6	4	2	1	11	9	-	4	-	2	-	1	-	7
	Entretenimento	2	4	-	-	-	-	2	4	-	4	-	-	-	-	-	4
	Estético	1	2	6	1	-	1	7	4	-	-	-	-	-	-	-	-
	Naturalidade	3	8	3	10	4	5	10	23	-	-	-	-	-	-	-	-
	Natureza	4	9	9	12	4	9	17	30	1	-	-	-	1	-	2	-
	Qualidade de Vida	6	41	22	24	5	7	33	72	-	-	-	-	-	-	-	-
N	Afetividade	1	-	1	5	-	-	2	5	-	-	-	-	-	-	-	-
	Econômico	1	-	-	1	-	2	1	3	-	1	-	-	-	-	-	1
	Entretenimento	-	-	1	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	3	1
	Estético	2	1	1	2	2	1	5	4	-	-	-	-	-	-	-	-
	Naturalidade	1	1	1	4	3	3	5	8	-	-	-	-	-	-	-	-
	Natureza	3	-	1	5	6	2	10	7	-	1	-	-	-	-	-	1
	Qualidade de Vida	5	5	4	7	6	10	15	22	-	-	-	-	-	-	-	-
S	Afetividade	-	1	-	1	1	4	1	6	-	-	-	1	-	-	-	1
	Econômico	-	2	-	2	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	1	-
	Entretenimento	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
	Estético	3	3	2	1	2	2	7	6	-	-	-	-	-	-	-	-
	Naturalidade	-	1	-	5	1	4	1	10	-	-	-	-	-	-	-	-
	Natureza	2	-	1	1	1	2	4	3	-	-	-	-	1	-	1	-
	Qualidade de Vida	13	7	4	13	5	7	22	27	-	-	-	-	-	-	-	-
L	Afetividade	-	4	-	1	1	-	1	5	-	-	-	-	-	-	-	-
	Econômico	-	2	-	1	-	2	-	5	-	-	1	-	-	-	1	-
	Entretenimento	-	1	-	1	-	1	-	3	1	-	-	1	-	-	1	1
	Estético	2	2	-	4	1	5	3	11	-	-	-	-	-	-	-	-
	Naturalidade	1	1	1	1	-	1	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-
	Natureza	3	6	-	3	-	2	3	11	-	-	-	-	-	-	-	-
	Qualidade de Vida	10	18	4	4	4	7	18	29	-	-	-	-	-	-	-	-
O	Afetividade	3	1	3	6	1	2	7	9	2	-	-	-	1	-	3	-
	Econômico	1	2	1	2	-	-	2	4	1	-	-	1	-	-	1	1
	Entretenimento	1	1	1	-	1	-	3	1	-	2	-	-	-	-	-	2
	Estético	1	3	-	6	-	3	1	12	-	-	-	-	-	-	-	-
	Naturalidade	4	3	-	4	-	3	4	10	-	-	-	-	-	-	-	-
	Natureza	1	1	1	4	1	2	3	7	-	-	-	-	-	-	-	-
	Qualidade de Vida	4	9	4	14	1	5	9	28	-	-	-	-	-	-	-	-

Entretanto, houve resposta apontando não gostar desta cidade, nesta mesma categoria em que foi possível notar que o motivo principal foi a falta de elo afetivo ou pela falta de amizades dentro da cidade. Como bem se expressa Machado (1988,p.49), “[...] o prazer visual varia em tipo e intensidade, mas exige algo mais que contatos simplesmente superficiais”. Mesmo com pequena incidência, temos o sexo masculino do Grupo I na área Oeste com 2 opiniões, como se elucida:

(464) O, M, 20a, EMC, M: *Falta amizade.*

(485) O, M, 30a, EMC, M: *Aqui não tenho amigos.*

Para os sujeitos que responderam gostar da cidade de SJBV indicando que ela possui um mercado que oferece empregos, oportunidade de estudo e locais para passeio diurno e noturno, categorizamos como **Econômico**, com destaque para o sexo masculino do Grupo II do Centro com 6 opiniões,:

(3) C, M, 33a, ESC, NM: *A cidade está crescendo bastante, está em plena expansão econômica.*

(362) L, F, 37a, ESI, NM: *Tem várias opções de comércio.*

(427) O, F, 28a, EFC, M: *Oferece-me oportunidade de estudo e trabalho.*

Em contrapartida, existem pessoas que não gostam de São João pelos mesmos motivos, ou seja, disseram que aqui falta emprego, componente socioeconômico que afeta a vida profissional, com destaque para as mulheres das áreas do Centro do Grupo I:

(10) C, F, 20a, EMC, M: *Falta emprego.*

Entretenimento foi a categoria escolhida para expressar as opiniões que alegaram que a cidade possui alguns lugares interessantes para passeios e diversão, para as pessoas que tem a preocupação de sair da rotina ou passear nas horas vagas. O destaque foi, segundo a Tabela, para o sexo feminino do Centro do Grupo I:

(154) C, F, 16a, EMI, M: *A cidade possui opções para o ecoturismo.*

(281) S, M, 58a, EFI, M: *A cidade é tranquila, com várias opções de passeio e boa qualidade de vida.*

(286) S, F, 28a, EMI, M: *A cidade tem lugares bonitos para passear.*

(426) O, M, 41a, EMC, M: *A cidade tem pontos turísticos.*

(441) O, F, 37a, EFI, NM: *A cidade é bonita, calma, tranquila e oferece comércio satisfatório.*

- (456) O, F, 36a, ESC, M: *A cidade é atrativa, limpa, tem campo de trabalho e a vista da Serra da Mantiqueira.*

Entretanto existem aqueles sujeitos que não vêem opções de entretenimento na cidade, por isso apontaram não gostar daqui. Esse número quase se igualou às opiniões dos que gostam de São João, sendo a categoria com maior proximidade entre o sim e o não.

- (23) C, F, 17a, EMC, M: *Falta opção de vida noturna.*

- (217) N, F, 28a, EMC, M: *A cidade é parada.*

A categoria **Estético** aponta os componentes paisagísticos abarcando tudo o que se visualiza como: o céu, a Serra, o pôr do sol, os crepúsculos ou apenas respostas como “a cidade é bonita”. Segundo as opiniões, a Serra da Mantiqueira enfeita a cidade, com o crepúsculo no pôr do sol, para Tuan “a apreciação estética está presente, mas raramente é expressada” (TUAN,1980,p.111). Outros motivos, foram os tons coloridos na Escarpa, bem como a claridade da cidade. O autor lembra também, que “o prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade” (TUAN.1980,p.109). Esta categoria foi bastante citada em todas as idades e sexo, não havendo opiniões contrárias. Destacamos para ela, o sexo masculino do Centro do Grupo II com 6 opiniões:

- (111) C, M, 43a, ESC, M: *A cidade é acolhedora e bonita.*

- (495) O, F, 34a, AMC, M: *A cidade é calma com lugares bonitos.*

- (150) C, F, 21a, ESI, M: *É tranqüila e atrativa, especialmente pelo pôr-do-sol.*

- (235) N, F, 39a, EFC, M: *Gosto da Serra da Mantiqueira e seus crepúsculos.*

Para os sujeitos que são naturais de SJBV, escolhemos a categoria **Naturalidade**, pois algumas pessoas demonstraram que gostam da cidade por terem nascido aqui, e assim, possuir profundos laços afetivos, afirmando até que “nunca mudaria daqui”, porque “aqui estão meus parentes”, entretanto, nem todos moravam na cidade. Como bem acentua Tuan (1980,p.114) “a familiaridade engendra afeição ou desprezo”. A Tabela 5 destaca as mulheres do Centro, do Grupo II com 10 opiniões, pois foram as que mais apontaram esta categoria, exemplificadas juntamente com respostas de outras áreas:

- (74) C, F, 34a, EMC, M: *Nasci aqui e não mudaria daqui. .*

- (201) N, F, 52a, EFI, M: *É a cidade em que nasci.*

- (433) O, F, 16a, EFC, M: *Nasci aqui e aqui estão meus parentes e amigos.*

(178) C, F, 46a, ESC, M: *Cidade tranqüila, ar é puro e as montanhas são fundamentais.*

Como o aspecto natural é um motivo que pode levar os sujeitos a gostarem de uma cidade, escolhemos a categoria **Natureza** para representar estas opiniões, esta categoria englobou aspectos físicos, com a recordação do que diz Oliveira (1977,p.61) lembra que “o conhecimento do mundo físico é tanto perceptivo como representativo”. Os sujeitos que gostam de SJBV pela presença da Serra da Mantiqueira chegam a se referir a ela como um morro, colina ou montanha, mencionando também que gostam da cidade devido à presença do verde da vegetação. Para tanto, esclarece Vieira (1998,p.87) que “a paisagem tem sido qualificada, apontada com uma função: paisagem urbana, paisagem rural, paisagem turística entre outras denominações”. Esta foi a segunda categoria mais citada por todos os indivíduos, tanto do sexo masculino como do feminino, em todas as áreas e idades, entre elas destacamos as mulheres do Centro do Grupo II com 12 opiniões, os homens da área Norte do Grupo III com 6 opiniões; e as mulheres da área Leste do Grupo I com 6 opiniões

(59) C, F, 42a, EFC, M: *A cidade se localiza na encosta das colinas da Mantiqueira*

(248) N, M, 55a, EFC, M: *A cidade é boa e tem a Serra.*

(402) L, F, 16a, EMI, M: *A cidade é alta e clara.*

(437) O, M, 43a, ESI, M: *Gosto pelos crepúsculos maravilhosos no pôr-do-sol.*

Mesmo com baixa incidência, existiram opiniões negativas, onde as pessoas alegaram que existem muitos morros e relevo é ondulado demais, entretanto, Lima (1998,p.60) esclarece que “[...] só aprendemos a amar e, por extensão, cuidar, conservar, proteger, cultivar aquilo que conhecemos”. Também para Tuan (1980,p.110) “que falta às pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos de hippies parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento [...]”. Assim elucida-se:

(6) C, M, 53a, EMC, NM: *Não gosto, porque aqui tem muito morro.*

E, a última categoria foi a **Qualidade de Vida**, muito apontada entre os sujeitos que gostam da cidade, destacando os componentes estruturais referentes à

limpeza, à infra-estrutura, a tranqüilidade, o sossego e a calma da cidade. Como esclarece Tuan (1980,p.107) existem também “[...] laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”, demonstrando assim que, em todas as áreas, idades e sexo, as opiniões salientaram que gostam da cidade devido à Qualidade de Vida e a maior incidência se deu com o sexo feminino, do Grupo I no Centro com 41 opiniões. A incidência maior nesta resposta vem de encontro com Tuan (1980,p.118), que salienta que “quando uma sociedade alcança um certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza”. A Qualidade de Vida, reconhecida com unanimidade tanto por indivíduos do sexo masculino, como do feminino e em todas as áreas da pesquisa na cidade de São João da Boa Vista, pode ser justificada, pela atuação da mídia que divulgou no ano de 2002 a classificação das cidades do Estado de São Paulo, segundo o IDH, onde São João da Boa Vista ocupou o 15º lugar em Qualidade de Vida.Podendo ser elucidados da seguinte forma:

- (25) C, F, 20a, ESI, NM: *É uma cidade tranqüila e possui boa qualidade de vida.*
 (133) C, F, 42a, ESI, M: *Vim de cidade grande (SP) e aqui não é agitado.*
 (179) C, M, 29a, EFI, NM: *A cidade tem boa infra-estrutura.*
 (401) L, F, 33ª, EFI, M: *É a melhor cidade da região, é bonita e calma.*

SEGUNDA QUESTÃO: Para São João da Boa Vista, a Serra da Mantiqueira é ou não atrativo? Por quê?

Respondendo esta questão, 95% dos indivíduos disseram que a Serra da Mantiqueira é atrativo para SJBV e 5% responderam que não. Quando questionados, o porquê de ser atrativo ou não, surgiram várias opiniões, que foram organizadas em cinco categorias: Beleza, Falta de Interesse, Natureza, Passeio e Ponto Turístico.

Na Tabela 7 estão dispostas estas categorias, divididas segundo a área, o sexo, separadas entre sim (é atrativo) e não (não é atrativo), além do total geral obtido por categoria. Quanto à **Beleza**, para aqueles que observam a beleza visual que a Escarpa proporciona, o colorido no por do sol, ou seja, todos os aspectos que colaboram para este embelezamento da cidade, obtiveram 32,7% das respostas, sendo que 60 opiniões foram do sexo masculino e 119 do sexo feminino, afirmando

que a Serra é um atrativo para a cidade, entretanto a opinião do sexo feminino foi quase o dobro em relação ao sexo masculino. O número elevado dentro do sexo masculino, pode ser explicado por Tuan (1980,p.62) quando afirma que “[...] o sexo feminino tem uma maneira característica de estruturar o mundo [...]”,com destaque para as áreas do Centro (37 mulheres), Norte (13 mulheres), Leste (23 mulheres) e

TABELA 7

Distribuição dos sujeitos por sexo que consideram a Serra da Mantiqueira como um atrativo para São João da Boa Vista.

n= 500

ÁREA	CATEGORIA	SIM		NÃO		TOTAL
		M	F	M	F	
C	Beleza	19	37	-	-	56
	Falta de Interesse	-	-	6	11	17
	Natureza	20	34	-	-	54
	Passeio	9	25	-	-	34
	Ponto Turístico	15	38	-	-	53
N	Beleza	7	13	-	-	20
	Falta de Interesse	-	-	0	4	4
	Natureza	10	13	-	-	23
	Passeio	10	9	-	-	19
	Ponto Turístico	10	6	-	-	16
S	Beleza	17	19	-	-	36
	Falta de Interesse	-	-	0	0	
	Natureza	11	14	-	-	25
	Passeio	3	9	-	-	12
	Ponto Turístico	7	2	-	-	9
L	Beleza	9	23	-	-	32
	Falta de Interesse	-	-	1	3	4
	Natureza	6	10	-	-	16
	Passeio	8	6	-	-	14
	Ponto Turístico	6	13	-	-	19
O	Beleza	8	27	-	-	35
	Falta de Interesse	-	-	0	4	4
	Natureza	8	6	-	-	14
	Passeio	6	8	-	-	14
	Ponto Turístico	10	10	-	-	20
TOTAL	Beleza	60	119			32,7%
	Falta de Interesse	-	-	7	22	5,30%
	Natureza	55	77			24,00%
	Passeio	36	57			17,00%
	Ponto Turístico	48	69			21,00%

Oeste (27 mulheres). Destacados a seguir :

- (147) C, F, 27a, ESC, M: *O visual serrano atraente.*
- (446) N, F, 45a, ESC, NM: *É, pelo visual.*
- (365) L, F, 29a, EFC, M: *Tem uma vista maravilhosa.*
- (446) O, M, 41a, ESC, M: *É atrativo pela beleza de sua paisagem.*

A **Falta de Interesse**, foi a categoria proposta para englobar a intenção daqueles que nunca prestaram atenção na Serra, seja por não morarem aqui ou por não encontrarem nenhuma ligação entre a cidade e a Serra. Foram particularmente as mulheres que apontam a Falta de Interesse em relação a Serra da Mantiqueira, mesmo menor incidência. Estes indivíduos alegaram nunca terem notado a Escarpa, que este lugar não possui potencial para o turismo ou porque pensam não existir nenhum interesse das pessoas em relação à Escarpa. Esta categoria fez um total geral de 7 indivíduos do sexo masculino, sendo 6 do Centro e 1 do Leste; e, para o sexo feminino 22 opiniões, sendo 11 do Centro; 4 do Norte; 3 do Leste e 4 do Oeste. Embora tenham citado aspectos negativos como: “nem todos gostam” e “nunca estive lá”, estas qualificações, quando apontadas, vinham sempre juntas com alguma referência positiva, como se elucida:

- (17) C, M, 22a, EFI, M: *Não representa nada.*
- (401) L, F, 33a, EFI, M: *É um lugar que nem todos gostam.*
- (406) L, F, 42a, EMI, M: *Falta infra-estrutura para o turismo.*
- (494) O, F, 22a, ESI, M: *Nunca estive lá.*

Para englobar os aspectos naturais como a vegetação, o clima, o ar puro, o verde, a ecologia, organizamos uma categoria que denominamos **Natureza**. Ela obteve 24% das opiniões, entre elas, 55 foi dos homens e 77 das mulheres, pois consideram a Serra da Mantiqueira como um atrativo para a cidade de São João da Boa Vista. Para esta categoria destacamos o sexo feminino do Centro (34 opiniões), no Norte (13 opiniões) e no Sul (14 opiniões). Para Tuan (1980,p.118) a observação “[...] da natureza é privilégio e riqueza da cidade”, resultando em uma constante avaliação da paisagem e, uma conseqüente, atribuição de valores. Com algumas elucidações:

- (111) C, M, 43a, ESC, M: *A Serra tem vários tons de verde.*
- (245) N, F, 49a, EMC, M: *Subimos os morros e se vê tudo do alto.*
- (318) S, F, 28a, EFC, M: *É atrativo, pela beleza.*

(477) O, F, 38a, EFC, M: *Dá beleza para a cidade por causa do seu aspecto azulado.*

Passeio foi outra categoria que obteve 17% das opiniões, sendo 36 entre o sexo masculino e 57 entre o feminino, são pessoas que vêm a Escarpa como um local para passar os finais de semana, para se divertirem, descansarem em chácaras, sítios ou fazendas. Do total de respostas que enfocaram esta categoria, as opiniões do sexo masculino superam a do sexo feminino nas áreas Norte e Leste, mesmo sabendo que o número das mulheres que responderam o questionário foi superior ao dos homens. E o destaque foi para as mulheres do Centro que se destacaram com 25 opiniões, na qual podemos observar:

- (23) C, F, 17a, EMC, M: *Lugar que as pessoas procuram para passar o tempo.*
- (358) C, F, 38a, EMC, M: *É uma opção de passeio.*
- (358) L, F, 18a, EFI, M: *Nos proporciona divertimento nos finais de semana.*
- (402) L, F, 16a, EMI, M: *É um ponto de encontro.*

E finalmente, consideramos a categoria **Ponto Turístico**, com 21,5% englobando aspectos como o ecoturismo, o turismo e os esportes radicais. Das opiniões, 48 foram de sujeitos do sexo masculino e 69 do sexo feminino, que consideram a Escarpa como um atrativo para São João. Como relata Oliveira (1977,p.61) “o fenômeno perceptivo não pode ser estudado como um evento isolado, nem pode ser isolável da vida cotidiana das pessoas”. Nesta categoria houve incidência maior na opinião dos homens das áreas Norte (10 opiniões) e Sul (7 opiniões):

- (230) N, M, 53a, EFC, M: *É atrativo, por causa da hidrografia (para o turismo).*
- (279) S, M, 19a, EFC, M: *É atrativo, pelo turismo e pela natureza.*

Diante dos dados constatados na **Tabela 7**, concluímos que as opiniões que consideram a Serra da Mantiqueira como um atrativo para a cidade de São João da Boa Vista, responsabilizam em primeiro lugar a Beleza e, em segundo lugar responsabilizam a Natureza como um atrativo para a cidade, traduzidos por Tuan (1980,p.110) da seguinte forma: “as cenas simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam despercebidos e este no *insight* na realidade é, às vezes, experienciado pela beleza”.

TERCEIRA QUESTÃO: Você já esteve ou não na Serra da Mantiqueira? Onde esteve? Por quê?

Esta pergunta foi elaborada para dar continuidade à anterior, na intenção de saber se houve interesse em conhecer algum ponto na Serra da Mantiqueira ou ligado a ela. Das opiniões obtidas 82% das pessoas já estiveram em algum local da Escarpa ou próximo a ela e 18% nunca estiveram em nenhum dos locais de visitação. Como alguns locais foram citados várias vezes, eles foram organizados em seis categorias: Cachoeiras, Estrada de Águas da Prata e Poços de Caldas (Estrada de AP e PC), Falta de Oportunidade, Mirante, Pico do Gavião e a Serra da Paulista.

A Tabela 8 reúne indivíduos do sexo masculino e feminino que estiveram em alguns pontos na Serra da Mantiqueira. As **Cachoeiras**, localizadas em diversos pontos ligados a Escarpa, tendo como principais, as cachoeiras do Mirante, da Serra da Paulista, de Águas da Prata, a Cascatinha, a Fonte Platina e as sete cachoeiras, tiveram 10% das respostas:

(448) O, F, 46a, ESC, M: *Estive, nas cachoeiras da Fonte Platina e Cascatinha.*

TABELA 8

Distribuição dos sujeitos segundo o Sexo e o local onde estiveram na Serra da Mantiqueira

n= 500

CATEGORIA	M	F	TOTAL (%)
Cachoeiras	24	40	10%
Estrada de AP e PC	40	66	17%
Falta Oportunidade	37	76	18%
Mirante	43	58	16%
Pico do Gavião	30	62	14,5%
Serra da Paulista	64	92	24,5%

A **Estrada de Águas da Prata e Poços de Caldas (Estrada de AP e PC)**, é uma categoria que reúne todos os pontos de onde se visualiza a Mantiqueira através das rodovias. Esta categoria obteve 17% das opiniões;

(351) L, M, 37a, EMI, M: *Estive, no Pico do Gavião e na Estrada de Águas da Prata e Poços de Caldas.*

Para a categoria **Falta de Oportunidade**, com 18% das respostas, destacamos aqueles sujeitos que nunca foram a nenhum dos pontos citados. Então, foram questionados, **por que** e a resposta girou em torno da falta de interesse, de tempo e de vontade:

- (211) N, F, 31a, ESI, M: *Faltou-me convite.*
 (267) N, M, 29a, ESC, M: *Prefiro áreas urbanas.*
 (313) S, M, 24a, EMI, M: *Por falta de vontade.*
 (350) N, M, 18a, EMC, M: *Nunca, me interessei.*
 (409) L, F, 56a, ESC, M: *Faltou oportunidade.*

O **Mirante é** o ponto mais alto da Mantiqueira dentro do município de São João da Boa Vista e 16% dos sujeitos já estiveram neste local. Como lembra o Tuan, "a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos" (TUAN,1980,p.110). Como exemplo:

- (264) N, F, 38a, ESC, M: *Estive, no alto da Paulista e no Mirante.*

Foram 14,5% dos sujeitos que citaram o **Pico do Gavião** como um local visitado na Escarpa. Está localizado na Serra do Caracol (no alto da Mantiqueira) divisa entre Águas da Prata (SP) e Andradas (MG), de onde é possível descortinar São João da Boa Vista. Para esta categoria destacamos:

- (62) C, M, 29a, ESC, NM: *Estive na cachoeira Sete Quedas, na Serra da Paulista, no Mirante e no Pico do Gavião.*
 (154) C, F, 16a, EMI, M: *Fiz trilhas de jipe na Serra (no caminho do Mirante).*

E, como última categoria, citamos a **Serra da Paulista**, que se localiza dentro do município e bem próximo à cidade, onde se localiza a maioria dos imóveis rurais, alguns de proprietários sanjoanenses, conhecida entre os habitantes por "Estrada da Paulista". Ela obteve 24,5% das opiniões, mas como lembra Tuan (1980,p.110) ela "[...] tem uma utilidade social e beneficia a economia, porém não une o homem à natureza".

- (355) L, F, 35a, EMI, NM: *Estive, na Pedra Balão (Serra da Paulista).*
 (446) O, M, 41a, ESC, M: *Estive, em sítios na estrada do Mirante e da Paulista.*
 (456) O, F, 36a, ESC, M: *Estive, na Pedra Balão (na Serra da Paulista) e cachoeira (Cascatinha)".*

Em relação a esta pergunta e de acordo com a Tabela foi possível tirar duas conclusões: a primeira é que os pontos indicados, são muito visitados por pessoas que moram ou não na cidade, sendo a Serra da Paulista o ponto mais freqüentado. E a segunda, é sobre os sujeitos que ainda não visitaram a Mantiqueira, de uma forma geral, foi por falta de oportunidade.

QUARTA QUESTÃO: O que a Serra da Mantiqueira representa para você?

Por quê?

Quanto a esta pergunta, tivemos 98% das respostas demonstrando o tipo de representatividade que a Serra da Mantiqueira apresenta para as pessoas e apenas 2% delas responderam que a Escarpa não representa nada em suas vidas. Por terem sido variadas e enfocarem vários aspectos, foram organizadas em nove categorias: Afetividade, Beleza, Clima, Nada, Natureza, Passeio; Ponto Turístico; Saúde e Sentimento.

Através da **Tabela 9**, que demonstra as porcentagens das opiniões dos sujeitos segundo as nove categorias, é possível constatar que a categoria mais citada foi a Natureza, e em segundo lugar, o Sentimento. Em contrapartida, a categoria com menor representatividade para os indivíduos, foram o Ponto Turístico e em último, a Saúde, ou seja, eles valorizam mais a Escarpa através da Natureza e do Sentimento pelo lugar.

TABELA 9
Distribuição das opiniões dos sujeitos, segundo
nove categorias. n= 500

CATEGORIA	TOTAL (%)
Afetividade	8,0
Beleza	16,0
Clima	5,5
Nada	2,0
Natureza	30,0
Passeio	6,2
Ponto Turístico	2,8
Saúde	1,5
Sentimento	28,0

Na Tabela 10 organizamos, além da divisão das opiniões por categoria e área, selecionamos os sujeitos segundo o sexo e a escolaridade, com a finalidade de nos valer da maior quantidade de informações possível. Para a primeira categoria, **Afetividade**, reunimos a opinião dos sujeitos que consideram que a Serra da Mantiqueira possui representatividade porque é um lugar onde estão suas raízes, o seu lar ou um cordão umbilical, apontando da seguinte maneira: “representa as grades de meu berço, porque está na encosta”, “porque representa um cercado rodeando São J. da Boa Vista” ou “um lugar familiar, por ser arejado e acolhedor”. O maior destaque na Tabela 8 foi para o sexo feminino do Ensino Superior, do Centro, com 12 opiniões, sendo uma delas:

(178) C, F, 46a, ESC, M: *Interação, porque faço parte dela, por isso me lembro dela todos os dias.*

Os indivíduos que utilizaram a categoria **Beleza** como um aspecto muito significante, relataram que é um conjunto natural que embeleza a cidade, seja porque transmite paz e emolduram a cidade, porque “de lá temos um visual amplo e daqui se vê grande parte da serra abraçando a cidade”, e ainda outros, que a vêem como proteção. A maior incidência desta categoria se deu entre as mulheres do Ensino Médio no Centro (15 opiniões) e no Leste (8 opiniões); homens do Sul com Ensino Fundamental (5 opiniões); e a Oeste, mulheres do Ensino Superior (12 opiniões), com alguns relatos:

(57) C,F, 19ª, EMC, M: *Uma beleza visual, por causa do verde.*

(382) L, F, 17a, EMC, M: *Uma beleza horizontal inigualável, pela aparência.*

(466) O, F, 25a, ESC, M: *Um monumento, porque pode ser visto por todos.*

Do total das respostas, os que destacaram a importância do ar puro, do verde, da floresta, do clima agradável e ameno da cidade, com uma menor porcentagem de poluição e por ser uma natureza próxima, agrupamos na categoria **Clima**. Para esta categoria destacamos o sexo masculino com Ensino Superior no Centro (8 opiniões), a seguir, juntamente com outros exemplos::

(168) C, M, 41a, ESC, NM: *Um relevo natural que contribui com o micro clima da região.*

(246) N, F, 32a, EFI, M: *Garantia de ar puro, por causa da mata.*

TABELA 10
Distribuição dos sujeitos segundo a Área, Categoria, Sexo e Escolaridade,
opinando sobre a representatividade da Serra da Mantiqueira. n=500

ÁREA	CATEGORIA	A		E.F.		E.M.		E.S.	
		M	F	M	F	M	F	M	F
C	Afetividade	-	-	3	1	3	6	8	12
	Beleza	-	-	4	7	6	15	5	10
	Clima	-	-	1	3	1	3	8	2
	Nada	-	-	1	1	-	3	3	2
	Natureza	-	-	9	10	13	40	12	26
	Passeio	-	-	1	3	1	4	1	1
	Ponto Turístico	-	-	-	-	-	2	1	-
	Saúde	-	-	-	-	-	-	1	1
	Sentimento	-	-	6	10	1	28	12	27
N	Afetividade	-	-	3	-	1	1	-	1
	Beleza	-	-	2	3	2	4	3	3
	Clima	-	-	1	3	1	1	-	-
	Nada	-	-	-	-	-	-	-	-
	Natureza	1	-	8	9	8	8	8	8
	Passeio	-	-	1	-	1	1	-	3
	Ponto Turístico	-	-	-	-	-	2	-	1
	Saúde	-	-	1	3	1	1	-	-
	Sentimento	2	-	2	2	4	8	3	3
S	Afetividade	-	-	-	1	-	1	-	6
	Beleza	-	-	5	3	3	3	1	4
	Clima	-	-	1	-	1	1	-	3
	Nada	-	-	-	-	-	-	-	-
	Natureza	-	-	4	4	6	5	7	8
	Passeio	-	-	-	2	-	1	3	2
	Ponto Turístico	-	-	-	-	-	-	-	1
	Saúde	-	-	-	1	-	-	-	-
	Sentimento	-	-	7	9	6	7	5	10
L	Afetividade	-	-	1	1	5	3	-	-
	Beleza	-	1	6	5	5	8	-	1
	Clima	-	-	1	-	1	4	-	1
	Nada	-	-	1	3	1	1	-	1
	Natureza	-	-	3	6	5	6	-	5
	Passeio	-	-	1	3	3	3	-	1
	Ponto Turístico	-	-	1	1	-	2	-	-
	Saúde	-	-	-	-	-	-	-	-
	Sentimento	-	1	4	9	11	11	-	5
O	Afetividade	-	-	1	2	-	2	-	5
	Beleza	-	-	1	1	3	4	3	12
	Clima	-	-	1	1	1	3	-	3
	Nada	-	-	-	-	-	-	1	-
	Natureza	-	-	4	5	3	5	2	10
	Passeio	-	-	2	3	3	2	2	3
	Ponto Turístico	-	-	2	2	3	1	1	3
	Saúde	-	-	-	-	-	2	-	1
	Sentimento	-	-	3	8	3	6	2	14

- (281) S, M, 58a, EFI, M: *Proteção, porque é grande e bonita.*
 (369) L, M, 18a, EMI, M: *Um lugar agradável por causa do clima ameno.*
 (385) L, F, 19a, EMC, M: *Felicidade e tranquilidade, porque tem ar puro.*

Aqueles sujeitos que nunca notaram a Serra da Mantiqueira ou não enxergam nenhuma representatividade em suas vidas, foram categorizados como **Nada**. Foi uma porcentagem com pequena incidência, como bem comenta Tuan “o apego a um lugar também pode, paradoxalmente, aparecer da experiência com a intransigência com a natureza” (TUAN,1980,p.110). No Oeste obtivemos uma resposta nesta categoria e nas áreas Norte e Sul nenhum sujeito a apontou. No Centro, o destaque foi para mulheres do Ensino Médio (3 opiniões) e homens do Ensino Superior (3 opiniões); no Leste mulheres do Ensino Fundamental (3 opiniões), exemplificada a seguir:

- (55) C, F, 21a, EMC, M: *Nunca fui lá e ouço falar pouco da Serra.*
 (5) C, M, 33a, ESC, NM: *Não tem muita representatividade, por falta de informação.*
 (400) L, F, 24a, EFC, M: *Nada, porque não me sinto atraída por ela.*
 (409) L, F, 56a, ESC, M: *Nunca estive lá.*

Em contrapartida a maior representatividade citada pelas pessoas foi a categoria **Natureza**, e suas opiniões estiveram relacionadas com o verde, a natureza, se referindo à Serra como uma fronteira, porque somos vizinhos dos mineiros; como uma montanha, uma colina, um morro ou um complexo de montanhas, justificando que é alta e bonita ou apenas um contato com o meio ambiente. Destacamos então, a opinião das mulheres com Ensino Médio, do Centro (40 opiniões); as mulheres com Ensino Fundamental, no Norte (9 opiniões); as mulheres com Ensino Superior, do Sul (8 opiniões); as mulheres com Ensino Fundamental e Médio no Leste (6 opiniões cada área); e as mulheres com Ensino Superior, no Oeste (10 opiniões):

- (154) C, F, 16a, EMI, M: *Uma reserva natural, porque podemos andar a pé no meio das matas, em trilhas.*
 (225) N, F, 25^a, EMC, M: *Pelo visual (beleza), porque é alta.*
 (306) S, F, 25a, ESC,M: *Uma natureza próxima, por causa das matas e do ar puro.*
 (375) L, F, 17a, EMI, NM: *Ela mostra que nem tudo está poluído.*

(419) L, F, 46a, EFI, M: *Um meio preservado, porque lá é natural.*

(451) O, F, 48a, ESC, M: *Grande beleza da natureza.*

Aquelas pessoas que responderam que existe representatividade da Mantiqueira em suas vidas, seja por enxergarem a área de descanso ou contato no final de semana, foram categorizadas como **Passeio**, pois buscam lugares especiais para se divertir. Para Tuan “na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais” (TUAN,1980,p.110).

Os sujeitos apontaram a Serra como **Ponto Turístico**, apesar de terem sido o de menor incidência, citaram que alguns pontos da Escarpa são ideais para o turismo, dizendo que tem representatividade existe, por ter uma “área turística e por ser bela”. Mesmo não havendo destaque ou um grande número de resposta apontando esta categoria, chamamos a atenção para: o Centro com duas opiniões dadas pelo sexo feminino do Ensino Médio e uma opinião emitida por homens do Ensino Superior; no Norte duas opiniões feitas pelo sexo feminino do Ensino Médio, na área e uma opinião feita pelo sexo feminino, com Ensino Superior; uma única opinião do sexo feminino com Ensino Superior, no Sul; na área Leste, uma opinião masculina e uma feminina no Ensino Fundamental e duas opiniões no sexo feminino, com o Ensino Médio; e finalmente no Oeste, com destaque para a do sexo masculino com Ensino Fundamental (3 opiniões) e feminino com Ensino Superior (3 opiniões). Entre elas destacamos:

(492) O, M, 51a, EMC, M: *Ponto turístico, porque faz parte da história de SJBV.*

(496) O, F, 38a, ESC, M: *Atração turística para SJBV, porque é bonita.*

A categoria **Saúde** foi escolhida por reunir as opiniões de pessoas que destacaram que a Mantiqueira possui representatividade porque leva os indivíduos a gozarem de boa saúde e que estes costumam observar a natureza e valorizá-la. Para Tuan “[...] este sentimento depende menos das circunstâncias externas do que da condição interna do sujeito [...]” (TUAN,1980,p.114). Tal categoria se concretizou com opiniões do Centro, com uma pessoa do sexo masculino e uma do sexo feminino, com Ensino Superior; na área Norte, o destaque para de as mulheres do Ensino Fundamental (3 opiniões); no Sul uma opinião do sexo feminino, com o Ensino Fundamental; no Leste não houve opinião sobre esta categoria; e no Oeste,

3 opiniões, sendo 2 do sexo feminino, com o Ensino Fundamental e uma do sexo feminino, com Ensino Superior. Como exemplo apontamos:

(201) N, F, 52a, EFI, M: *Representa saúde, por causa da natureza.*

Finalmente, chegamos à última categoria representada na Tabela 10, sendo a segunda mais apontada entre os indivíduos, **Sentimento**. Eles se expressaram nesta categoria citando a Serra da Mantiqueira como um lugar que representa paz: esperança, alegria, liberdade, “quando olho para ela, me perco em suas tonalidades”, explicando que a Escarpa desperta paixão, tranquilidade, alegria, sossego, satisfação, dizendo que ela representa energização, bem estar e descanso mental. Nesta categoria, destacamos as mulheres com Ensino Médio, do Centro (28 opiniões) e do Norte (8 opiniões); mulheres do Sul, com Ensino Superior (10 opiniões); do Leste; homens (11 opiniões) e mulheres (11 opiniões) com Ensino Médio; e Oeste, mulheres com Ensino Superior (14 opiniões), Algumas expostas a seguir:

(93) C, F, 16a, EMI, M: *Tranquilidade por causa do verde.*

(235) N, F, 39a, EMC, M: *Representa paz, por causa do verde.*

(308) S, F, 44a, ESC, M: *Misticismo, porque me ativa a sensibilidade.*

(374) L, M, 28a, EMC, M: *Um refúgio, é um bálsamo para quem sofre de estresse e depressão.*

(422) L, F, 16a, EMI, M: *Paz e sossego, porque nós precisamos.*

De acordo com a Tabela 10, concluímos que foi importante selecionarmos os sujeitos segundo o grau de escolaridade, seja no sexo masculino ou feminino, porque quanto mais elevado foi o grau de escolaridade maior também foi a facilidade para as pessoas expressarem seus sentimentos.

Conclusões

A cidade de São João da Boa Vista privilegia-se com o panorama oferecido pelo Rebordo Ocidental da Mantiqueira Paulista, cenário que é observado de quase toda a cidade e por praticamente todos os sujeitos que foram inquiridos, tanto os do centro como os dos bairros. Para avaliar qual o significado desta paisagem e como os moradores se identificam, percebem e valorizam a Serra, vista da cidade, foram elaboradas perguntas que os questionaram em seu dia-a-dia, investigando se realmente existem laços afetivos entre os indivíduos que vivem ou não na cidade, frente a este conjunto.

Conforme nos mostrou a coleta de dados, a grande maioria dos sujeitos inquirida gostam da cidade. Além de gostarem de São João como cidade também apreciam o conjunto – a cidade que se completa com a Escarpa e a Escarpa que se completa com a cidade. Esta influência ocorre devido à proximidade que existe com a natureza, principalmente ao micro-clima oferecido à cidade em relação a sua localização geográfica. Além disso, São João é uma cidade interiorana que atende as necessidades ligadas ao comércio, aos serviços e possui boa qualidade de vida. Estas observações nos levam a compreender o motivo da valorização atribuída ao conjunto formado pela cidade e a Serra, pelo qual as pessoas estabeleceram elo afetivo

Concluimos, portanto que, a percepção dos sanjoanenses sobre a Serra da Mantiqueira é grande tornando-a uma paisagem altamente valorizada pelos habitantes e os que aqui visitam. Notamos que não houve registro significativo de experiências repulsivas em relação a este estudo, ou seja, nenhum relato topofóbico ou traumático e, foram poucos os indivíduos que não reconheceram a cidade como um lugar atrativo.

A atual cobertura vegetal existente neste imponente relevo é o principal alvo de percepção das pessoas, sendo que os elementos paisagísticos naturais são mais valorizados, por isso existe uma expansão do perímetro urbano em direção a Escarpa. Mesmo para as opções de passeio, notamos que os indivíduos apontaram a Serra da Mantiqueira como ponto preferencial para o descanso e entretenimento, preferindo ambientes naturais, resguardados do barulho, do agito da cidade, menos

poluído e com uma beleza singular que os leva a estabelecer um forte vínculo com a área.

As considerações traçadas foram possíveis em primeira instância, graças às leituras realizadas sobre São João através de seu histórico e geográfico que nos propiciaram a reunião de informações de nosso estudo, e também, pela pesquisa realizada em campo. Mas a compreensão do sentimento topofílico que os envolve somente pôde ser concluído depois da realização do questionário, que veio encontro da afirmação de Tuan “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos” (TUAN,1983,p.37). Este sentimento está intrinsecamente ligado à representatividade da Serra da Mantiqueira, em que notamos grande valor afetivo, exteriorizado com palavras que vão ao encontro da emoção, que são pessoais e subjetivas.

Toda vivência que se tem com este conteúdo visual permite que o indivíduo encontre muito significado junto à Escarpa, podendo utilizar a atividade perceptiva e cognitiva para direcionar seus sentimentos. As expressões mais relatadas diziam respeito ao humor, aos desejos, às aspirações, ao encanto e alegria de viver, diante de uma paisagem que se oferece bela e gratuita, com uma aparência, simultaneamente, viva e colorida. A sintonia entre pessoas e paisagem vivida, desencadeou contatos diretos, indiretos ou esporádicos, juntamente com experiências íntimas em relação a este meio ambiente físico, transformando-o em um conjunto de imagens e significados gravados em sua memória. .

Apesar de sabermos que grande porcentagem dos sanjoanenses sente-se seduzida pela paisagem serrana percebemos, a necessidade de uma maior atenção para com ela, direcionando algumas melhorias que busquem alcançar ainda maior valorização. Estes melhoramentos poderiam partir da Prefeitura Municipal através de seus órgãos, implementando e melhor aproveitando os pontos turísticos, através da realização de atividades dentro do ecoturismo.

Finalmente, seria importante considerar uma ampliação desta pesquisa, visto que a investigação deve ser contínua na abertura de horizontes, utilizando as questões iniciadas neste estudo, retomando-as, diante da existência de uma fatura de significados, oferecidos gratuitamente pela natureza. A pesquisa então, poderia se expandir e se completar por outra, quem sabe enfocando os riscos ambientais da área, a expansão da atividade turística na Escarpa ou até mesmo a ocupação sócio-econômica da região. Dessa forma, teremos cada dia mais lugares onde

pesquisadores empenhem-se em explorar e comprovar que os lugares são ricos, permeados e recheados de significados que podem fazer com que os indivíduos que o usufruem estabeleçam fortes elos afetivos para com as paisagens.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Adilson Avansi. **Estruturação de paisagens geográficas no médio vale do Jaguari Mirim**. 1972. 2v. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ABREU, Adilson Avansi. **Fatores da estruturação do vale Médio do Jaguari-Mirim**. São Paulo:IG/USP, 1973. (Geomorfologia,n.37).

AB'SABER, Aziz Nacib. **Formas de relevo**. São Paulo: EDART, 1975.

AB'SABER, Aziz Nacib; BERNARDES, Nilo. **Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.

ALMEIDA, Fernando Flávio Marques. **Fundamentos Geológicos do Relevo Paulista**. São Paulo: USP, 1974.

ALMEIDA, Fernando Flávio Marques; LITWINSKI, Newton. Província da Mantiqueira, setor Setentrional. In: ALMEIDA, Fernando Flávio Marques ; HASUI, Yociteru. **O Pré-cambriano do Brasil**. São Paulo: Edgard Blücher, 1984. p.282-84

AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. Topofilia, Topofobia a Topocídio em Minas Gerais: In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia. (Org.). **Percepção ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Universidade de São Carlos, 1999. p.123-138.

AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Paisagem Paisagens**. Rio Claro: UNESP, 1998. p.123-138.

ANDRADE, Theophilo. **Subsídios a história de São João da Boa Vista**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1973.

ARAÚJO FILHO, J.R. O café, riqueza paulista. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 26, p.97, 1956.

BARROCAS, Renata. **Estudo da queimada da cana-de-açúcar em Iracemápolis, SP: espacialidade, percepção e cognição ambientais**. 2001. 88f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BLEY, Lineu. **Morretes estudo de paisagem valorizada**. 1990. 215 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

COLLOT, Michel. Points de vue sur la perception des paysages. **L'espace géographique**, Paris, v.15, n. 3, p.211-217, 1986.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.20, n. 39, p. 22-31, 1990.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. IN: CASTRO, Iná Elias et al. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.

DARDEL, Eric. **L'homme et la terre**. Paris: Presses Universitaire de France, 1952.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia.(Org). **Percepção ambiental: A experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

DUBOS, René. **O despertar da razão**. São Paulo: EDUSP, 1972.

DUBOS, René. **Um deus Interior**. São Paulo: EDUSP, 1975.

DUBOS, René. **Um animal tão humano**. São Paulo: EDUSP, 1974.

DUBOS, René. **Uma terra somente**. São Paulo: EDUSP, 1973.

FERREIRA, Álvaro. Espaço, tempo, teletrabalho e o mundo. **Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 9, p.7-17, 2001.

FRÉMONT, Armand. **La région espace vécu**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

FRÉMONT, Armand. **A região: espaço dividido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GIBLIN, Béatrice. Lê paysage, lê terrain et lês géographes. **Hérodote**, Paris, n. 9, p.74-89, 1977.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, tofília e tofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**. Florianópolis, v.17, n. 33, p.117-141, jan./jun.2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. **São João da Boa Vista**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadessat/default.php>> Acesso em: 30 set. 2003.

LACOSTE, Yves. À quoi sert lê paysage?, **Hérodote**, Paris, n. 7, p.3-41, 1977.

LIMA, Solange. Trilhas interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Paisagem Paisagens**. Rio Claro: UNESP, 1998. p.39-44.

LIMA, Solange. Ecoturismo: percepção, valores e conservação da paisagem. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.8, n. 10, p.57-62, 1998..

LIMA, Solange. Filigranas de uma paisagem: um estudo sobre a percepção de lugares do medo. **OLAM- Ciência & Tecnologia**, Rio Claro,v.1, n. 2, p.332-372, 2001.

LINTON,Ralph. **Uma introdução a antropologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LORETTE, Antonio Carlos. Retratos de São João. **O Município**, São João da Boa Vista, 24/ junho/ 1994. Suplemento. p. 3-31.

LORETTE, Antonio Carlos. Estação Ferroviária. **O Município**, São João da Boa Vista, 21 jun 1997. Suplemento. p. 4-38.

LOWENTHAL, David. The American Scene. **Geographical Review**, New York, v. 58, n.1, p.61-88, 1968.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo:DIFEL,1982. p.103-141.

LOWENTHAL, David. **Environmental perception and behavior**. Chicago: The University de Chicago, 1967.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. **A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada**. 1988. 312 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. Países imaginados e paisagens reencontradas. **Geografia**, Rio Claro, v.17, n. 1, 152-54, abril 1992.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como Espaço e como Lugar. In:DEL RIO,Vicente; OLIVEIRA,Lívia. (Org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos:Universidade de São Carlos, 1999. p.97-120.

MARCONDES, José. **Serra da Mantiqueira**.1998.1 original de arte, óleo sobre tela, 80x120m. Coleção particular.

MATOS, Odilon Nogueira. **Café e ferrovias**. São Paulo: Pontes, 1990

MATTOS JUNIOR, Jonathas. **A Catedral de São João da Boa Vista**. São João da Boa Vista: Gráfica A Cidade de São João,São João da Boa Vista,1992.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec-Polis,1984.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A dinâmica climática e as chuvas no Estado de São Paulo**. São Paulo: USP/IG, 1973.

NIMER,Edmon.**Climatologia do Brasil**.Rio de Janeiro:IBGE,1979.

OLIVEIRA, Livia. Percepção do meio ambiente e geografia. **OLAM- Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v.1, n. 2, p.14-28. 2001.

OLIVEIRA, Livia. A percepção da qualidade ambiental. **A ação do homem e a qualidade ambiental**. Rio Claro: ARGeo; Câmara Municipal, 1983.

OLIVEIRA, Livia. A percepção da paisagem como metodologia de investigação geográfica. **Impactos geográficos**, 4. ENCuentro de Geógrafos de AMERICA LATINA, 2., 1989, Montevideo, Uruguai, 1989, p. 313-323.

OLIVEIRA, Livia. Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica. **Geografia**, Rio Claro, v.2, n. 3, p.61-72, abril 1977.

OLIVEIRA, Livia. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. 1977. 234 f. Tese (Livre Docência) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

OLIVEIRA, Livia. O conceito geográfico de espaço. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 4, p.1-21, 1972.

OLIVEIRA, Livia. Paisagem, História e Geografia. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Paisagem Paisagens**, Rio Claro: UNESP, 1998. p.119-122.

OLIVEIRA, Livia. Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia. (Org.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Universidade de São Carlos, 1999. p.187-212.

ORSINI, Maria Stella. **Guimar Novaes: uma arrebatadora história de amor**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA. **Nossas cidades**. Disponível em: <<http://www.eptv.com>>. Acesso em: 10 abr. 2001

RELPH, Edward. As bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n. 7, p.1-25, abril 1979.

RONAI, Maurice. À quoi sert l'ê paysage?. **Hérodote**, Paris, n 7, p.71-90, 1977.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

ROUGERIE, Gabriel. **Geografia das paisagens**. São Paulo: Difel, 1971.

SANTANA, Eliel Américo. Ensaio sobre agradabilidade visual da Cidade. **OLAM- Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v.1, n. 2, p.79-96, nov 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **O Espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Milton **Técnica espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SANTOS, Vera Lúcia. **Projetos hidrelétricos de grande porte e efeitos sociais**: o exemplo do topocídio provocado pela barragem de Porto Primavera. 1998. 220 f. Dissertação (Mestrado em Organização do Espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA. In: IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro, 1956. v.30, p.170-175.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA. PREFEITURA MUNICIPAL. **A cidade**. Disponível em: <<http://www.saojoao.sp.gov.br>>. Acesso em: 11 jan. 2003.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA. PREFEITURA MUNICIPAL. **A Prefeitura**. Disponível em: <<http://www.saojoao.sp.gov.br>>. Acesso em: 21 jan. 2003.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA. PREFEITURA MUNICIPAL. **Fotos da cidade e pontos turísticos**. Disponível em: <<http://www.guiasaojoao.com.br>>. Acesso em: 06 jan. 2003.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA. PREFEITURA MUNICIPAL. **São João da Boa Vista**. Disponível em: <<http://www.rantacsaojoao.com.br>>. Acesso em: 10 fev 2003.

SÃO PAULO. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. **Censo Agropecuário**. São Paulo: CATI, 2001.

SILVA, Maria Leonor Alvarez. **História da cidade de São João da Boa Vista**. São João da Boa Vista: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1976.

SOUZA, Carlos Leite. Cognição ambiental e leitura da paisagem urbana: teoria e prática. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Paisagem Paisagens**. Rio Claro: UNESP, 1998. p.15-26.

TROPPEMAIR, Helmut. **Geossistemas e geossistemas paulistas**. Rio Claro: UNESP, 2000.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo:Difel,1983.

TUAN,Yi Fu. Geografia humanística. **Geografia**. Rio Claro, v.4, n. 7, p.143-164, 1979.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel,1980.

VIEIRA, Mirna L. Paisagem urbana e rural. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Paisagem Paisagens**, Rio Claro: UNESP, 1998. p.87-88.

VIEIRA, Mirna Lígia; OLIVEIRA, Livia. Imagem Turística. **Geografia**, Rio Claro, v.25, n.1, p.23-25, abril 2000.

VIEIRA, Mirna Lígia. Paisagem urbana e rural. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR SOBRE O ESTUDO DA PAISAGEM, 3., 1998, Rio Claro. **Paisagem Paisagens**. Rio Claro: UNESP, 1998. p.87-88.

															Dia	Área					
Dados Pessoais:																					
Sexo		M		F		Idade:															
Escolaridade:		A	1	2	3	4	5	6	7	8	1			2	3	1		2	3	4	5
Mora		não Mora								Enxerga		não		Enxerga							

Questionário

1. Você gosta ou não de São João da Boa Vista?

Por quê?

2. Para São João da Boa Vista, a Serra da Mantiqueira é ou não atrativo?

Por quê?

3.Você já esteve ou não na Serra da Mantiqueira?

Onde esteve?

Por quê?

4. O que a Serra da Mantiqueira representa para você?

Por quê?

HINO DA CIDADE DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA

autora: Lucila Martarello Altolfo (1972)

Em momento de amor infinito
Foi que Deus com sublime emoção
Do pedaço de um solo bendito
Fez a nossa querida São João.
Com ternura moldou lindas serras
E altaneiras ao céu as ergueu.
Pôs o Rio Jaguari sobre as terras
E a sorrir tudo isso nos deu

Óh! terra encantada,
por nós adorada,
de povo irmão.
na mesma cadência,
vibra e palpita
um só coração.

Realçando as belezas criadas,
Fez o sol se esconder, majestoso,
Coroando as tardes caladas,
De um crepúsculo maravilhoso.
Sempre hospitaleira e querida
O seu povo encanta e conquista.
Um recanto de céu desprendido.
Eis, aí, São João da Boa Vista!

Óh! terra encantada,
por nós adorada,
de povo irmão.
na mesma cadência,
vibra e palpita
um só coração.

A cidade se desdobra e cresce
Numa linha triunfal, ascendente.
Testemunho de fé aparece
Na história fiel de sua gente.
O progresso de perto acompanha
sua inteligência e saber...
É uma benção viver nesta terra
E uma glória um dia aqui morrer.

BIBLIOGRAFIA

Livros

ABREU, Adilson A. Fatores da Estruturação do Vale Médio do Jaguari-Mirim, **Geomorfologia**. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1973.

AB'SABER, Aziz Nacib. **Formas de Relevo**. São Paulo: EDART, 1975.

AB'SABER, Aziz Nacib e Bernardes, Nilo. **Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.

ALMEIDA, Fernando F. M. **Fundamentos Geológicos do Relevo Paulista**, USP, São Paulo, 1974.

ALMEIDA, Fernando F. M., LITWINSKI, Newton. "Província da Mantiqueira, setor setentrional", pp. 282-284. In: ALMEIDA, Fernando F. M. & HASUI, Yociteru. **O Pré-cambriano do Brasil**, São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1984.

AMORIM FILHO, Osvaldo B. "Topofilia, Topofobia a Topocídio em Minas Gerais", DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Lívia. (orgs) **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos: Universidade de São Carlos, 1999, p. 123-138.

AMORIM FILHO, Osvaldo B. "A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos". OLIVEIRA, Lívia e MACHADO, Lucy M. C. P. (orgs). **Paisagem Paisagens**. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP, 1998, p. 123-138.

ANDRADE, Theophilo. **Subsídios a História de São João da Boa Vista**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., 1973.

CÔRREA, Roberto L. "Espaço, um conceito-chave da Geografia". IN: CASTRO, Iná Elias (et alii). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DARDEL, Eric. **L'homme et La Terre**, Paris: Presses Universitaire de France, 1952.

DEL RIO, Vicente. e OLIVEIRA, Lívia. (org). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

DUBOS, René. **O Despertar da razão**. São Paulo: EDUSP, 1972.

DUBOS, René. **Um Deus Interior**. São Paulo: EDUSP, 1975.

DUBOS, René. **Um Animal tão Humano**. São Paulo: EDUSP, 1974.

DUBOS, René. **Uma Terra Somente**. São Paulo: EDUSP, 1973.

FRÉMONT, Armand. **La Région Espace vécu**. Presses Universitaires de France, 1976.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Dividido**. Coimbra: Almedina, 1980.

LIMA, Solange. "Trilhas interpretativas: a aventura de conhecer a Paisagem". OLIVEIRA, Lívia e MACHADO, Lucy M.C.P. (orgs). **Paisagem Paisagens**, 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP, 1998. p.39-44.

LINTON, Ralph. **Uma introdução a Antropologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LOWENTHAL, David. "Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica". In: Chistofletti, A. (org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

LOWENTHAL, David. **Environmental Perception and Behavior**. The University of Chicago, 1967.

MACHADO, Lucy M.C.P. "Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como Espaço e como Lugar". In: DEL RIO, V. e OLIVEIRA, Lívia. (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo Studio Nobel, São Carlos: Universidade de São Carlos, 1999, p.97-120.

MACHADO, Lucy M.C.P. "Paisagem e Educação Ambiental". OLIVEIRA, Lívia e MACHADO, Lucy M.C.P. Machado (orgs). **Paisagem Paisagens**. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP, 1998.

MATOS, Odilon Nogueira, **Café e Ferrovias**, São Paulo: Pontes, 1990

MATTOS JUNIOR, Jonathas. **A Catedral de São João da Boa Vista**. Gráfica: A Cidade de São João, São João da Boa Vista, 1992.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec-Polis, 1984.

MONTEIRO, C.A.F. **A dinâmica climática e as chuvas no Estado de São Paulo**. USP/IG, São Paulo, 1973.

NIMER, Edmon. **Climatologia do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

OLIVEIRA, Lívia. "Paisagem, História e Geografia". OLIVEIRA, Lívia e MACHADO, Lucy M.C.P. (orgs.). **Paisagem Paisagens** 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP, 1998, p.119-122.

OLIVEIRA, Lívia. "Percepção e Representação do Espaço Geográfico". In: DEL RIO,

Vicente e OLIVEIRA, Livia. (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Paulo Studio Nobel, São Carlos: Universidade de São Carlos, 1999, p.187-212.

ROSS, Jurandyr L.S. **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

ROUGERIE, Gabriel. **Geografia das Paisagens**. São Paulo: Difel, 1971.

SILVA, Maria Leonor Alvarez. **História da cidade de São João da Boa Vista**, São João da Boa Vista: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais S.A., 1976.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1998.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton **Técnica Espaço e Tempo: Globalização e meio Técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SOUZA, Carlos Leite. "Cognição ambiental e leitura da paisagem urbana: teoria e prática". **Paisagem Paisagens**—3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP. 1998.

TROPPEMAIR Helmut. **Geossistemas e Geossistemas Paulistas**. Rio Claro: Unesp, 2000.

TROPPEMAIR Helmut. ?????????????? Rio Claro: Unesp, 1985.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

VIEIRA, Mirna L. "Paisagem Urbana e Rural". **Paisagem Paisagens**—3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP. 1998.

Artigos

ARAÚJO FILHO, J.R. "O café, riqueza Paulista", **Boletim Paulista de Geografia**. 1956, nº26, 97.

COLLOT, Michel. "Points de Vue sur la Perception des Paysages". **L'Espace Géographique**, nº3, 1986.

COLLOT, Michel. "Pontos de vista sobre a percepção das Paisagens". **Boletim de Geografia Teórica**, vol.20/nº39, 1990.

DEMANGEON, Albert. Uma Definição da Geografia Humana". In: Christofolletti, Antonio. **Geografia**. Rio Claro, UNESP, nº7, vol.4, abril/1979, p.49-57.

FERREIRA, Álvaro H.S." Espaço, Tempo e Teletrabalho e o mundo. **Revista do Departamento de Geografia**. UERJ, Nº9, 2001, p.7-17.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Volume XXX, Rio de Janeiro, 1958, p.170.

GIBLIN, Béatrice. Lê paysage, lê terrain et lês géographes. **Hérodote** nº9, 1978, p.74-89.

LACOSTE, Yves. À quoi sert lê paysage?, **Hérodote** nº7, 1977, p.3-41.

LIMA, Solange T." Ecoturismo: Percepção, Valores e Conservação da Paisagem". **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte, v.8, nº10, 1998, p.57-62.

LIMA, Solange T." Filigranas de uma paisagem: Um estudo sobre a Percepção de lugares do medo". **OLAM-Ciência & Tecnologia**. Rio Claro, vol.01, nº02, nov/2001, p.332-372.

LOWENTHAL, David. "The American Scene". **The Geographical Review**, volume 58 nº1, 1968.

LOWENTHAL, David. "Países Imaginados e Paisagens Reencontradas" **Geografia**. Rio Claro 17(1):152-154, abril.1992.

OLIVEIRA, Livia. "A Percepção da Qualidade Ambiental". **A ação do homem e a qualidade ambiental**. ARGeo e Câmara Municipal de Rio Claro, 1983.

OLIVEIRA, Livia. "A Percepção da Paisagem como Metodologia de Investigação Geográfica". OLIVEIRA, Livia e MACHADO, LUCY M.C.P. WANDERLEY, Vernaide e MENESES, Eugênia, **IV Impactos Geográficos**. II Encontro de Geógrafos de América Latina, Montevideo, Uruguay, 1989, p.313-323.

OLIVEIRA, Livia. "Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica". **Geografia**, vol.2, nº3, abril 1977.

OLIVEIRA, Livia. **O Conceito Geográfico de Espaço**. AGETEO, Rio Claro, nº4, 1972, p.1-21.

RELPH, Edward C. "As bases Fenomenológicas da Geografia". In: Christofolletti, Antonio. **Geografia**. Rio Claro, UNESP, nº7, vol.4, abril/1979, p.1-25.

RONAI, Maurice. À quoi sert lê paysage?, **Hérodote** nº7, 1977, p.71-90.

SANTANA, Eliel Américo. "Ensaio sobre agradabilidade visual da Cidade". **OLAM-Ciência&Tecnologia**, Rio Claro, vol.01, nº02, nov/2001, p.79-96.

SOUZA, Carlos L. "Cognição ambiental e Leitura da Paisagem Urbana: Teoria e Prática. In: OLIVEIRA, Livia e MACHADO, Lucy M.C.P. (orgs.). **Paisagem Paisagens**. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP, 1998.

TUAN, Yi Fu. Geografia Humanística. "In: Christofletti, Antonio. **Geografia**. Rio Claro, UNESP, nº7, vol.4, abril/1979, p.143-164.

VIEIRA, Mirna Lúcia e OLIVEIRA, Livia. "Imagem Turística". **Geografia**, Rio Claro, Vol.25(I):23-25, abril 2000.

VIEIRA, Mirna Lúcia. "Paisagem urbana e rural". OLIVEIRA, Livia e MACHADO, Lucy M.C.P. (orgs.). **Paisagem Paisagens**. 3º Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem, Rio Claro: UNESP, 1998.

Dissertações e Teses

ABREU, Adilson A. **Estruturação de Paisagens Geográficas no Médio Vale do Jaguari Mirim**, São Paulo, 1972 (Tese de Doutorado).

BLEY, Lineu. **Morretes estudo de paisagem valorizada**. Rio Claro, 1990 (Tese de Doutorado).

MACHADO, Lucy M.C.P. **A Serra do Mar Paulista: um estudo de Paisagem Valorizada**. Rio Claro, 1988 (Tese de Doutorado).

OLIVEIRA, Livia. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. Rio Claro, 1977 (Tese - Livre Docência).

SANTOS, Vera L. **Projetos Hidrelétricos de Grande Porte e Efeitos Sociais: o exemplo do topocídio provocado pela barragem de Porto Primavera**, Rio Claro, 1998 (Dissertação de Mestrado).

Jornais

LORETTE Antonio C. R., "Retratos de São João" (suplemento) **O Município**, Ed: O Município. 1994.

LORETTE Antonio C. R., "São João da Boa Vista", **O Município**, Ed: O Município. 1997.

O Estado de São Paulo, 05/setembro/2000 (seção: **o interior**)

Órgãos Públicos

CATI: Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Censo Agropecuário, novembro de 2001.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, São João da Boa Vista-SP.

PRODER – Programa de Emprego e Renda de São João da Boa Vista. Uma iniciativa de cooperação e parceria entre o Sebrae-SP, Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista, Faculdade de Administração e Economia (FAE) e o Instituto de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Administração e Economia (IPEFAE).

Sites

Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista. www.eptv.com.br,abr/2001

Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista.
[www.guiasaojoao.sp.gov.br\(janeiro/2003\)](http://www.guiasaojoao.sp.gov.br(janeiro/2003))

Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista. [www.saojoao.sp.gov.br\(janeiro/2003\)](http://www.saojoao.sp.gov.br(janeiro/2003))

<http://www.ambientalonline.hpg.ig.com.br/artigo6.htm>

Lei

Artigo 2º do código Florestal (lei nº4.771/65)

Pintura

MARCONDES, José. **Serra da Mantiqueira**. 1998. Original de arte, neoimpressionismo, óleo sobre tela, 80x120m. Coleção particular.

Acrescentar OLIVEIRA OLAM

Coloque todos da OLAM